UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS (CCHEL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)

LEANDRO KISTEMMACHER PEREIRA

Cornélio Nepos, a biografia política e a competição aristocrática na República Romana Tardia

Marechal Cândido Rondon/PR
2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS (CCHEL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGH)

LEANDRO KISTEMMACHER PEREIRA

Cornélio Nepos, a biografia política e a competição aristocrática no República Romana Tardia

Texto de qualificação apresentado à banca examinadora, no Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon. Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Linha de pesquisa: Cultura e Identidades. Orientador: Prof. Dr. Moisés Antiqueira.

Marechal Cândido Rondon/PR
2026

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon-PR

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **LEANDRO KISTEMMACHER PEREIRA**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 26 dia(s) do mês de junho de 2026, às 10h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Leandro Kistemmacher Pereira**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Moisés Antiqueira, Fabio Faversani, Marcos Luís Ehrhardt. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Moisés Antiqueira, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Cornélio Nepos, a biografia política e a competição aristocrática na República Romana Tardia". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos e, em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Fabio Faversani, Marcos Luís Ehrhardt. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi aprovado. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7° e § 8° do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de **Dissertação** foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

gov.br Documento assinado digitalmente
MOISES ANTIQUEIRA
Data: 30/06/2026 09:52:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Orientador(a) - Moisés Antiqueira
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCOS LUIS EHRHARDT
Data: 06/07/2026 14:19:08-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Marcos Luís Ehrhardt
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Candido Rondon-PR

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **LEANDRO KISTEMMACHER PEREIRA**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

gov.br Documento assinado digitalmente
FABIO FAVERSANI
Data: 30/06/2026 15:15:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Fabio Faversani
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

gov.br Documento assinado digitalmente
LEANDRO KISTEMMACHER PEREIRA
Data: 01/07/2026 12:19:01-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Leandro Kistemmacher Pereira
Aluno(a)

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCOS LUIS EHRHARDT
Data: 06/07/2026 14:17:50-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Agradecimentos

Agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada, que se interessaram pelo meu trabalho e tiveram a paciência de me ouvir. Manifesto meu agradecimento à banca examinadora presente em minha qualificação, composta pelos professores doutores Fábio Faversani (UFOP), Marcos Luís Ehrhardt (Unioeste) e meu orientador, Moisés Antiqueira (Unioeste).

Do mesmo modo, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, a quem sou grato pelo apoio financeiro que recebi durante o curso de Mestrado.

Resumo

PEREIRA, L. K. **Cornélio Nepos, a biografia política e a competição aristocrática na República Romana Tardia.** 2026. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2026.

A presente dissertação tem como objetivo refletir sobre as tensões e disputas sociopolíticas e culturais que marcaram a sociedade tardo-republicana (recorte histórico: 44 - 27 AEC) a partir da produção biográfica/historiográfica contemporânea ao período. Tomando como fonte de pesquisa as biografias de autoria de Cornélio Nepos, especialmente as *Vidas* de Ático (intelectual romano do século I AEC) e Epaminondas (general tebano do século IV AEC), problematizaremos, dentre outras coisas, em que medida o biógrafo valeu-se de sua produção literária como instrumento de intervenção política em uma conjuntura marcada pela instabilidade social e pela eminente ascensão de um poder autocrático em Roma. Desse modo, dentre as transformações estruturais em curso no período, verifica-se uma certa decadência das normas de comportamento ancoradas no *mos maiorum*, o que nos auxilia a entender o caráter moralizante das biografias de Nepos e sua reiteração dos valores éticos assentados na tradição republicana. Como aparato metodológico, portanto, apoiamo-nos em Antoine Compagnon, Pedro Paulo Funari, Antonio Cândido e outros. Como suporte teórico, recorremos às contribuições de, por exemplo, François Dosse, Pierre Bourdieu e Reinhart Koselleck. Além disso, trabalharemos com os conceitos de *allelopoiesis*, *exempla*, retrato e repertório.

Palavras-chave: República Romana; Biografia; Cornélio Nepos; Ático; Epaminondas.

Abstract

PEREIRA, L. K. **Cornelius Nepos, political biography, and the aristocratic competition in the Late Roman Republic**. 2026. Dissertation (Master's degree) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2026.

This dissertation aims to examine the sociopolitical and cultural tensions and disputes that characterized late Republican society (historical timeframe: 44-27 BCE) through the lens of contemporary biographical/historiographical works from the period. Using as research sources two biographies by Cornelius Nepos, especially the *Life of Atticus* (a Roman intellectual of the 1st century BCE) and the *Life of Epaminondas* (a Theban general of the 4th century BCE), we will explore, among other questions, the extent to which the biographer employed his literary work as a means of political intervention in a context marked by social instability and the imminent rise of autocratic power in Rome. Among the structural transformations underway during this period, we observe a certain decline in behavioral norms anchored in the *mos maiorum*, which helps us understand the moralizing nature of Nepos's biographies and his reiteration of ethical values rooted in the Republican tradition. As a methodological framework, we draw on the works of Antoine Compagnon, Pedro Paulo Funari, Antonio Cândido, and others. Theoretically, we rely on contributions from scholars such as François Dosse, Pierre Bourdieu and Reinhart Koselleck. Additionally, we will engage with concepts such as *allelopoiesis*, *exempla*, portrait, and repertoire.

Keywords: Roman Republic; Biography; Cornelius Nepos; Atticus; Epaminondas.

Lista de abreviaturas

(Oxford Classical Dictionary – *Abbreviations List*, 4*th Edition*, 2012)

Ages.	*Agesilaus*
Alc.	*Alcibiades*
Arist.	*Aristides*
Att.	*Atticus*
Auson.	*Ausonius*
Caes.	*Caesar*
Cat. Mai., Min.	*Cato Maior, Minor*
Catull.	*Catullus*
Cim.	*Cimon*
Ep.	*Epistulae*
Epam.	*Epaminondas*
Eum.	*Eumenes*
HN	*Naturalis historia*
Lys.	*Lysander*
Milt.	*Miltiades*
Nep.	*Nepos*
Paus.	*Pausanias*
Pel.	*Pelopidas*
Phoc.	*Phocion*
Plin, Eld.	*Pliny, the Elder*
Plin, Yng.	*Pliny, the Younger*
Plut.	*Plutarch*
Polyb.	*Polybius*
Sall.	*Sallust*
Suet.	*Suetonius*
Them.	*Themistocles*

Theopomp.	*Theopompus Historicus*
Thuc.	*Thucydides*
Ti.	*Timaeus*
Timoth.	*Timotheus*
Tim.	*Timoleon*
Val. Max.	*Valerius Maximus*
Varro, Ling.	*Varro, De lingua Latina*
Xen.	*Xenophon*

Sumário

Introdução.....09

Capítulo I - O gênero *bíos* e a escrita biográfica na literatura greco-romana: as biografias políticas de Cornélio Nepos.....16

1.1 A obra *De Viris Illustribus*, c. 30 AEC.....31

1.2 Discussão conceitual e considerações de cunho teórico.....39

Capítulo II - Do *pilum* ao *calamus*: as guerras civis tardo-republicanas na escrita de Cornélio Nepos.....53

2.1 Aspectos políticos das biografias de Cornélio Nepos.....56

2.2 A ordem equestre em Roma.....75

Capítulo III - As biografias de Ático e Epaminondas: aproximações e distanciamentos....85

3.1 A *Vida* de Ático.....90

3.2 A *Vida* de Epaminondas.....94

3.3 O *privatus* e o general: um exercício comparativo.....100

Considerações Finais.....108

Referências.....111

Introdução

Inicialmente, gostaria de apresentar ao leitor algumas considerações gerais sobre a presente dissertação, evidenciando a maneira como estruturei os capítulos, os pressupostos teórico-metodológicos, as fontes utilizadas e a problemática norteadora do trabalho. Creio que são informações importantes, uma vez que imprimem em nosso olhar uma perspectiva muito específica do passado – e de modo algum a única possível. A transparência é fundamental no ofício do historiador e, desse modo, a exigência de expor com clareza todas as ferramentas na condução da investigação e deixar claro, desde o início, que se trata de uma construção e interpretação elaborada pelo pesquisador, e que não corresponde, necessariamente, aos eventos tais como sucederam. O passado em si, aquele que ocorreu e não volta mais, embora deixe inúmeros vestígios, é em si impossível de captar. São a partir dos vestígios, portanto, que tomados como "fontes" históricas, que o conhecimento histórico e acadêmico é constituído e que nos permite reconstituir parcialmente o que poderia ter sido a realidade de uma outra época e lugar.

Por conseguinte, a fonte selecionada para este estudo é o *De Viris Illustribus* ("Sobre os Homens Ilustres"), escrito por Cornélio Nepos (c. 99-24 AEC[1]), mais especificamente os livros III e o XIV, os únicos que sobreviveram até nossos dias, respectivamente o "*Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium*" ("Sobre os Generais Ilustres das Nações Estrangeiras") e o "*Liber de Latinis Historicis*" ("Sobre os Historiadores Latinos"); deste último, restaram apenas duas biografias, a de Ático e a *Vida* abreviada de Catão, o Velho. Assim sendo, se fez necessário realizamos um recorte neste material de acordo com a nossa problemática de pesquisa, que consiste em investigar as tensões e conflitos políticos na sociedade tardo-republicana a partir da escrita biográfica de Cornélio Nepos.

Diante disso, julgamos que as *Vidas* de Ático e Epaminondas seriam particularmente proveitosas para nossos objetivos, embora sem ignorarmos as outras biografias que compõem a série. A razão desta escolha, portanto, traduz-se no fato de que Ático, amigo e contemporâneo do autor, se configura como exemplo mais bem acabado no conjunto do *De Viris Illustribus* de um *privatus* que, à sua própria maneira, exerce considerável influência política em sua cidade

[1] A partir desse ponto, as datas mencionadas no texto referem-se ao período anterior à era cristã, salvo quando especificado em contrário.

(*Ático*, 2.2; 4.2; 4.4; 5.4; 7.1-3; 8.3-4.6; 9.3; 10.4; 11.1-2; 12.3-5; 19.2 ; 20.3), representando um comportamento virtuoso em um contexto marcado por transformações e instabilidade social. Epaminondas, por outro lado, foi um general tebano do século IV, um homem público e de notável *auctoritas*, desempenhando um papel decisivo nos eventos de seu tempo, sendo caracterizado por priorizar sempre os interesses de sua pátria acima de qualquer outro (*bono publico*) (*Epam*. 3. 1-3; 4.1-6; 7. 1-2; 7.5-8.2).

Assim sendo, observaremos, dentre outros, como essas duas biografias dialogam com a realidade tardo-republicana que Cornélio Nepos testemunhou, marcada especialmente pela concentração do poder político e militar nas mãos de generais bem-sucedidos, e pela frequente inobservância das leis e do ordenamento da *res publica* por parte destes magistrados. Desse modo, o recorte histórico que selecionamos compreende desde o ano de 44, ocasião em que Júlio César recebeu o título de ditador perpétuo (*dictator perpetuus*), até o ano de 27, no qual é concedido a Caio Otávio o título de *Augusto* por parte do Senado – período que, em linhas gerais, contempla o momento histórico de produção das biografias de Cornélio Nepos.

Dando sequência, consideremos as outras produções de nosso autor. Dentre elas, encontra-se a *Chronica* ("Crônicas"), narrativa histórica composta por três livros nos quais Cornélio Nepos escrevera a história do mundo até 54 e que, possivelmente, acontecimentos da história romana eram postos em paralelo com os da história da Grécia e das cidades orientais (Geiger, 1985, p. 68) atestada tanto por Catulo (*Carm* 1.1.) como por Vosio (*De Historicis Latinis* 1.14) (Dibbern, 2013, p. 129-130).

Também há um tratado de exemplos, "*Exempla*", coletânea formada por vários livros (possivelmente cinco) escritos após a morte de César, similar às célebres coleções gregas de "*paradoxa*", fortemente caracterizada pela incorporação de material latino ao gênero grego (utilizaram-na como fonte vários autores como Valério Máximo, Suetônio, Aulo Gélio e Plínio, o Velho). Além disso, Cornélio Nepos foi autor de ao menos uma obra poética (Plin. *Epist*. 5.3.6) e de um tratado de geografia (Plin. *Nat*. 5.4).

No que diz respeito à sua vida, pouco sabemos. Além disso, seu *praenomen* (primeiro nome dos *tria nomina* que identificavam todo cidadão romano) é desconhecido (Oliveira, 2023, p. 15). É possível que Cornélio Nepos tenha nascido nas proximidades do rio Pó (Plin. *Nat*. 3.127), provavelmente oriundo da Gália Cisalpina (Auson. *Epist*. 24). Ou seja, assim como Títo Lívio, o biógrafo foi um provincial, elemento que pode ter influenciado suas escolhas no decorrer da vida e na esfera profissional, embora seja difícil dizer o que e como exatamente. Seja como for, é possível que ele tenha chegado à cidade de Roma quando possuía mais de 30 anos de idade, e supõe-se que por lá permaneceu até sua morte, da qual nada sabemos. Além

disso, como se depreende de uma carta de Plínio, o Jovem (*Epist*. 5.3.6), Cornélio Nepos foi membro da ordem equestre e não ocupou oficialmente nenhum cargo público (Dibbern, 2013, p. 128), de modo semelhante a seu amigo e biografado Ático.

No que diz respeito às produções sobre Cornélio Nepos que dispomos atualmente, elas são pouco numerosas, especialmente em território nacional, na qual destacam-se os trabalhos na área das Letras Clássicas, como as dissertações de Cynthia Helena Dibbern, "*O êthos de Aníbal em Tito Lívio e Cornélio Nepos*: imagines" (2013) e a de Renato Ambrosio, "*De rationibus exordiendi.* Função e elaboração dos exórdios de Cornélio Nepos e Salústio Crispo" (2002).

No estrangeiro, por conseguinte, merecem destaque estudos que se voltam diretamente às biografias ora selecionadas, casos do artigo de Fergus Millar: *Cornelius Nepos, 'Atticus' and the Roman Revolution* (1988), de Hugh Lindsay: *The biography of Atticus: Cornelius Nepos on the philosophical and ethical background of Pomponius Atticus* (2014), bem como os de Rex Stem: *Nepos´ Atticus as a biography of friendship* (2005) e *Shared virtues and the limits of relativism in Nepos' Epaminondas and Atticus* (2010). Ademais, julgo pertinente mencionar os trabalhos de Frances Titchener: "*Cornelius Nepos and the Biographical Tradition* (2003), Joseph Geiger: *Cornelius Nepos and Ancient Political Biography* (1985), Louis E. Lord: *The Biographical Interests of Nepos* (2014), Jeffrey Beneker: *Nepos' Biographical Method in the Lives of Foreign Generals* (2009), Anna C. Dionisotti.: *Nepos and the generals* (1988) e, por fim, dois livros, um de Rex Stem: *The political biographies of Cornelius Nepos* (2012), e outro de John Alexander Lobur: *Cornelius Nepos: A Study in the Evidence and Influence* (2021).

Em linhas gerais, as dissertações na área das Letras Clássicas, embora tratem em alguma medida de questões históricas, centram suas investigações no próprio texto, observando sobretudo procedimentos e estratégias retóricas, assim como as relações entre a narrativa do autor com outras produções do período (como as de Cícero e Tito Lívio) e com a de pesquisadores modernos (historiadores, linguistas etc.).

Sobre os trabalhos produzidos no exterior, convém assinalar que, de modo geral, eles se detêm sobre a constituição do caráter de Ático, seja a partir de sua "generosidade imparcial" (Millar, 1988), da influência da filosofia epicurista (Lindsay, 2014), de seus laços de amizade pessoais e "neutralidade política" (Stem, 2005; 2010) ou pela análise do conjunto de virtudes e qualidades morais que este compartilharia, no entender de Cornélio Nepos, com a figura de Epaminondas. Outros autores se ocupam em investigar o propósito, método e estilo de Cornélio Nepos e os motivos pelos quais ele tem provocado uma reação majoritariamente negativa em alguns círculos intelectuais (Titchener, 2003); como o biógrafo foi responsável pela criação de

um novo gênero literário (a biografia política), sustentando objetivos didático-moralizantes (Geiger, 1985). Louis E. Lord (2014), por seu turno, investiga a maneira pela qual Cornélio Nepos enriqueceu suas biografias a partir de observações de diversos campos do conhecimento, revelando, por conseguinte, uma grande variedade de interesses. Por fim, vale mencionar a releitura de Cornélio Nepos realizada por Dionisotti (1988) que, dentre outras coisas, analisa a partir de suas *Vidas* a maneira como o autor compreendia e interpretava o colapso do sistema político romano.

No que diz respeito aos livros supracitados, Rex Stem (2012) problematiza como o biógrafo caracteriza figuras mediterrâneas renomadas a servirem como modelos para os líderes romanos, além de tecer uma série de argumentos morais e políticos contra a tirania. Já John Alexander Lobur (2021) situa Nepos como parte de uma elite intelectual com grande relevância para seu presente e para o futuro de Roma, mostrando que muito do que constituiria uma "ideologia" imperial informal poderia ser visto em seus estágios iniciais de desenvolvimento através de sua produção literária.

É preciso pontuar que há ainda outras produções sobre o autor que não foram mencionadas em razão das limitações desta dissertação, e o que leitor pode encontrar nas referências deste trabalho. Exposto isso, acreditamos (assim como Lobur) que o estudo de Cornélio Nepos poderia se beneficiar de uma abordagem alternativa com relação às produções que expusemos anteriormente. Nesse sentido, é conhecido o fato de que, na Antiguidade, políticos e intelectuais romanos, ao redigirem textos biográficos e autobiográficos – enquadrados como gênero literário claramente definido alguns séculos mais tarde – frequentemente o faziam com finalidades propagandísticas, buscando se posicionar diante das incessantes disputas no interior da aristocracia.

Como assinalamos anteriormente, investigaremos como Cornélio Nepos se insere nestas disputas aristocráticas do período através de sua produção literária, na qual veicula exemplos de conduta moral a serem emulados ou evitados. Essa característica de suas biografias nos permite identificar nesses materiais tentativas de ajustamento a quadros morais e comportamentais, bem como perceber em que medida se aproximam dos modelos de identidade então valorizados (Faversani; Teixeira; Brandão et al., 2024, p. 10).

Desse modo, verifica-se que o tom moralizante está presente na narrativa do autor em diversos momentos (e.g., *Arist*. 1; *Trasí*. 2; *Dion* 9; *Cabr*. 3; *Pelop*. 3; *Ático* 5; *Epam*. 3), bem como contundentes associações críticas estabelecidas entre distintos momentos da história e o momento em que vivia (*Ages*. 4.2; *Eum*. 8.2-3; *Cat*. 2). Cornélio Nepos, por conseguinte, despertou considerável interesse no mundo romano e foi objeto de "paradigmatização" e,

noutros casos, de "sublimação", considerando que os biografados foram instrumentalizados para compor modelos de virtude comportamental, incorporando frequentemente os valores da *Romanitas* (Faversani; Teixeira; Brandão et al., 2024). Assim, esses "exemplos morais" tornaram-se disponíveis para serem assimilados pelo público leitor e poderiam ser empregados para avaliar o comportamento dos homens de grande projeção política na sociedade tardo-republicana, observando se estes preservavam as tradições e respeitavam os valores identitários romanos.

Por ter vivido um tempo considerável em Roma e estabelecido relações de convivência e em alguns casos, de grande intimidade (*Ático*, 13.6-7) com membros da aristocracia romana, Cornélio Nepos muito provavelmente obteve conhecimento direto sobre diversos temas, além da oportunidade de recorrer a documentos e outros materiais considerados valiosos do ponto de vista histórico naquele tempo. Como Joseph Geiger (1985, p. 75) argumenta, o autor contou também com um bom número de testemunhas oculares e com sua própria experiência, o que é particularmente notório na biografia de Ático, seu declarado amigo e contemporâneo.

Assim, verifica-se que o biógrafo utilizou esses materiais com recorrência para a elaboração de suas *Vidas*[2] e desfrutou de informações privilegiadas – como na ocasião em que foi comunicado por um procônsul romano sobre acontecimentos relevantes em sua província (*Frg*. 15). Nesse sentido, uma longa vida de observação diligente lhe garantiu uma significativa consciência tanto dos costumes em transformação quanto das relações sociais no interior da nobreza romana (*Frgs*. 27; 33; 34; 26; 28) (Geiger, 1985, p. 109). Ou seja, Cornélio Nepos manteve um olhar atento ao contexto político, cultural e social, e estabeleceu paralelismos mais ou menos explícitos com outras épocas (Pinheiro, 2024, p. 22).

Exposto isso, seguimos então para a apresentação da organização dos três capítulos que compõem a dissertação. O primeiro, intitulado "*O gênero bíos e a escrita biográfica na literatura greco-romana*: as biografias políticas de Cornélio Nepos" discutiremos sobre a escrita biográfica na cultura greco-romana. Outros temas abordados são os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam o trabalho, a relação entre história e biografia, os

[2] Em sua seleção de fontes, Cornélio Nepos apresentou um excelente julgamento, como afirma Lord (1927, p. 499-500). Menciona Tucídides pelo menos quatro vezes (*Temís*. 9, 10.4; *Paus*. 2.3; *Alcib*. 11), o qual afirma ser o mais confiável para os eventos narrados. Ademais, recorre à Xenofonte (*Ages*. 1) em razão deste ter mantido uma amizade pessoal com Agesilau e, portanto, ser reputado como digno de confiança (na visão do autor). Na biografia de Alcibíades, o escritor recorreu, além de Tucídides, a Teopompo e Timeu de Tauromênio (*Alcib*. 11). O primeiro, provavelmente oriundo de Quios (Pacheco, 1985, p. 95) e o segundo contemporâneo a Pirro. Sobre Aníbal, no que diz respeito à sua morte, o biógrafo parece realizar um levantamento historiográfico (*Aníb*. 13), uma vez que não há consenso a respeito da data do ocorrido. Cita, para tanto, Políbio, Ático, Sulpício e Blíton (os dois últimos figuras para nós desconhecidas), além dos historiadores Sileno e Sósilo (*Aníb*. 13.3), que foram companheiros de acampamento do líder cartaginês. Por fim, reconhece o valor histórico da correspondência mantida entre Cícero e Ático (*Ático*, 16, 2.4).

conceitos de *allelopoiesis,* retrato e repertório, além de breves considerações sobre a História Intelectual, campo historiográfico dentro do qual inserimos nosso estudo. No segundo capítulo, "*Do pilum ao calamus:* as guerras civis tardo-republicanas na escrita de Cornélio Nepos" investigaremos o contexto histórico de produção das biografias e de que forma as narrativas biográficas do autor dialogava com sua própria época.

Finalmente, no terceiro capítulo, "*As biografias de Ático e Epaminondas:* aproximações e distanciamentos", será realizada a análise das fontes tendo em vista a problemática que definimos para este estudo, juntamente com o conceito de *exemplum*, entendido como um modelo de conduta de natureza flexível e variável a ser imitado ou evitado, podendo ser interpretado pelo público leitor (ou comunidade) das mais variadas maneiras, assim como utilizados ou reutilizados em diferentes contextos (Faversani, 2020, p. 379).

Assim sendo, por meio de sua narrativa, Cornélio Nepos parece esforçar-se em oferecer respostas para uma conjuntura histórica caracterizada por frequentes guerras civis e pela concentração de poderes nas mãos de generais bem-sucedidos, que contraria diretamente os pressupostos da boa ordem republicana, em que a *libertas* é um componente fundamental desde que não seja em desmedida, que é uma das causas dos conflitos civis. Em acréscimo, como se depreende da própria perspectiva do biógrafo, a guerra civil foi uma disputa sobre nada menos do que quem seria o primeiro homem (*princeps*) a governar não só sobre Roma, mas sobre o mundo todo (*Ático*, 20. 4-5), e a coisa sábia a ser feita nessas circunstâncias, segundo Stem (2012, p. 58-59), era manter uma boa vontade com relação a ambos os lados que disputavam o poder.

A julgar pelo que lemos na *Vida* de Ático, pode-se argumentar que o biógrafo provavelmente considerava que a maneira correta de se enfrentar semelhante tempestade política seria manter um distanciamento confortável, ao menos no que se refere aos assuntos públicos, fornecendo respostas aos apelos epistolares de homens poderosos em assuntos de interesses literário e antiquário. Não sabemos, portanto, se Cornélio Nepos desfrutou da mesma rede de conexões que Ático, por exemplo; mas o tom elogioso que confere a seu amigo sugere que o autor encontrou nele um meio para definir uma vida exemplar de aprendizagem que, em alguma medida, ressoa em sua própria (Stem, 2012, p. 58-59).

Por outro lado, recordemo-nos do que diz o biógrafo acerca do conteúdo das cartas de Cícero para Ático, de que quem as ler não sentirá grande necessidade de uma história seguida daqueles tempos, e que "nelas se encontram, em efeito, tudo o que se pode dizer sobre as ambições dos principais cidadãos, dos erros dos generais, das mudanças experimentadas pelo

Estado romano [...]"[3] (Nepos, *Ático*, 16.4), concluindo que a discrição pode ser, em certa medida, uma espécie de adivinhação. O que nos interessa nesta passagem, entretanto, é que esta história parece centrada em três eixos principais (*de studiis principum, vitiis ducum, mutationibus rei publicae*), o que evidencia o que poderia ser o próprio entendimento de Cornélio Nepos sobre o período, a saber: a República foi transformada porque a política se tornou excessivamente conflituosa e porque os generais sucumbiram aos vícios (Stem, 2012, p. 78).

Nesse sentido, se estas foram as razões que minaram a boa ordem da *res publica* no ponto de vista do autor, escrever a *Vida* de um personagem que ocupou importantes magistraturas em sua cidade, que evitou os excessos, respeitou as leis e trabalhou objetivando o bem público, como se nota na biografia de Epaminondas (*Epam*. 7.5-8.2), evidencia um exemplo de conduta que poderia configurar-se como uma possível solução para o crescente problema relacionado ao autoritarismo e indisciplina dos generais, conforme concebidos por um autor como Cornélio Nepos.

[3] *Sic enim omnia de studiis principum, vitiis ducum, mutationibus rei publicae perscripta sunt*. Vale destacar que, na presente dissertação, para o texto original em latim, consultamos a edição da Loeb Classical Library (2005), com tradução do latim para o inglês de John Carew Rolfe, bem como as traduções de Francisco Oliveira (Coimbra, 2023) para o português e a de Sánchez Pacheco (Gredos, 1985) para o espanhol.

Capítulo I

O gênero *bíos* e a escrita biográfica na literatura greco-romana: as *Vidas* de Cornélio Nepos

Inicialmente, convém recordarmo-nos da definição de biografia que nos fornece Momigliano: "*an account of a life from birth to death*" (Momigliano, 1993, p. 32). Philip Stadter, por sua vez, a define como: "*a self-sufficient account of the kind of life led by a historical person that also evaluates the subject's character, goals, and achievements*" (Stadter, 2007, p. 529). Já no *Dictionnaire de la langue française* (1800-1801), biografia é definida por Emile Littré como uma "espécie de história que tem como objeto a vida de uma só pessoa". A palavra é oriunda do grego *bíos* ("vida") e *graphein* ("escrever", "inscrever"), acrescido do sufixo *ia*, um formador de substantivo abstrato (Borges, 2005, p. 204-205). O termo "vida" (βίος, em grego, *uita* em latim), também é comumente empregado, considerando que foi apenas no século V EC, em uma obra de Damáscio[4], dedicada à vida do filósofo Isidoro de Alexandria, que veio a surgir o vocábulo βιογραφία (Pinheiro, 2024, p. 16) – o que não significa que a prática biográfica não fosse atestada desde, pelo menos, o século IV AEC (Dosse, 2009).

Por conseguinte, convém esclarecer, com base em Pedro Ipiranga-Júnior (2008), que é de forma retrospectiva que o gênero irá englobar as narrativas anteriores que apresentavam características similares. Ademais, sabemos que a narrativa biográfica compartilha várias semelhanças com o encômio e a história, por exemplo, como o propósito de empregar o louvor e culpa para constituir exemplos a partir de grandes personalidades, no âmbito de um processo marcado por uma certa "hibridização", isto é, a incorporação em sua estrutura de elementos de diferentes gêneros discursivos (Pinheiro, 2024, p. 16). Sua natureza compósita, portanto, lhe confere uma importante dimensão cultural em razão de suas evidentes marcas sociais.

Mas isso não implica, contudo, a ausência de fronteiras entre os gêneros, ainda que essas delimitações se manifestem de forma fluída e flexível. Como observa Stem (2012, p. 133), a história propriamente dita concentra-se nos feitos (*res gestae*), e os apresenta por meio de uma narrativa extensa, enquanto a biografia preocupa-se prioritariamente com os *mores* do indivíduo que os realizou.

[4] As quais foram preservadas na *Biblioteca* de Fócio, já no século IX EC.

Ao refletirmos sobre a biografia, pois, observamos que ela se apresentava por meio de categorias relativamente conscientes, era escrita em prosa, frequentemente desdobrando-se para além da mera descrição de uma personalidade. Além disso, implicava uma lógica pautada pela hermenêutica cultural, a investigação de si e do outro, da conjuntura histórica e social, bem como dos elementos de mudança internos e externos atuantes no conjunto da sociedade (Pinheiro, 2024, p. 16-17).

Por conseguinte, infere-se que a concepção literária de Cornélio Nepos terá desempenhado um papel relevante na tradição intelectual latina, pois, além de trazer inovações importantes, as quais discutiremos posteriormente, implicou em um uso próprio das fontes, organização temática, seleção dos personagens biografados, extensão da narrativa e, sobretudo, por sua tendência comparativa (Pinheiro, 2024, p. 28). Ademais, seu engajamento ao que poderíamos denominar como um "novo gênero literário" à época, qual seja, a biografia política, deve ser visto contra o pano de fundo de uma longa vida dedicada à escrita e publicação de obras de envergaduras variadas, as quais observamos brevemente na introdução desta dissertação.

Nesse sentido, infere-se que a narrativa biográfica de Cornélio Nepos pode ser compreendida como uma herdeira legítima da tradição historiográfica, uma vez que ele utiliza os mesmos materiais como fontes e possui um conjunto de objetivos e valores muito semelhantes (Geiger, 1985, p. 111-115). Assim, considerando que a história na Antiguidade greco-romana era essencialmente "história política", é da narrativa histórica de que derivam as biografias de estadistas e generais que, em alguns casos, precisaram ser condensadas e abreviadas para se enquadrarem no que Cornélio Nepos definiu como "padrão" para suas *Vidas*.

Entretanto, os textos biográficos que integram a obra de Cornélio Nepos variam em tamanho, forma e abordagem: alguns possuem características peripatéticas[5] (e.g., *Epaminondas*, *Pelópidas*, *Agesilau*), marcados por forte teor moral. Outras, como *Ifícrates*, *Conon* e *Címon* são mais puramente factuais e próximas do estilo alexandrino[6]. Além disso, o autor emprega frequentemente o encômio[7], como em *Alcibíades* e *Ático* e, para as *Vidas de*

[5] No âmbito da escrita peripatética, as próprias obras do biografado são selecionadas como fontes primárias de informações sobre a sua vida, tendo em vista a eventual escassez de evidências externas. Essa abordagem também permite o movimento inverso, ou seja, a interpretação daí resultante pode ser utilizada para favorecer um melhor entendimento de suas produções.

[6] É importante esclarecer que não havia um "sistema alexandrino" de escrita claramente definido, embora as atividades literárias dos estudiosos de Alexandria compartilhassem determinadas características, dentre elas, a "pesquisa erudita" em atenção à clareza de expressão e regras relacionadas às leis da métrica e da prosódia, bem como seu caráter compilatório e antiquário. Em resumo, trata-se de uma perspectiva que prioriza a compilação de fatos, a crítica textual de fontes e a exposição sistemática da vida do personagem.

[7] A biografia encomiástica, por sua vez, caracteriza-se pelo propósito de louvar o biografado. Assim, o autor normalmente seleciona somente os episódios e informações que realçam as qualidades de seu sujeito,

outros personagens, nota-se uma narrativa notavelmente curta, como em *Aristides* e *Cábrias* (c. 4 páginas) (Mellor, 1999, p. 139-140).

Outro elemento relevante no *Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium* é a inclusão de bárbaros em seu conteúdo, ou seja, não-romanos, como gregos, cários e cartagineses. Diante disso, Geiger (1985, p. 97) argumenta que, provavelmente, este foi o único livro da série que os incorporou — quaisquer que tenham sido as outras categorias de biografados além dos historiadores (que talvez abarcassem poetas, oradores, filósofos, dentre outros). Não sei se podemos ir tão longe, confesso, especialmente porque a maior parte da produção de Cornélio Nepos se perdeu; mas, mesmo assim, o autor sugere com máxima hesitação ("*with the utmost diffidence*") que essa adição acarretou um grande desequilíbrio a favor dos generais romanos.

Seja como for, é possível que o biógrafo tivesse acesso e que, em certa medida, tomasse como modelo as séries de biografias helenísticas sobre figuras literárias e filosóficas que constituíam também suas fontes primárias a respeito dos biografados não romanos (Stem, 2012, p. 109), considerando que Cornélio Nepos já se movimentava em meio a uma tradição intelectual estabelecida, voltada para a tradução de textos e ideias oriundas da cultura grega.

O fato de o autor comparar biografados de diferentes origens, entretanto, nos permite entender melhor a deliberada exclusão dos reis de sua série, por exemplo. O poder dos comandantes militares, a partir de sua narrativa, então, é definido constitucionalmente e funciona no escopo de um sistema político que é capaz de limitá-lo. Por conseguinte, como suas *Vidas* estão voltadas a avaliar o comportamento político e moral do personagem, "o valor da comparação é maior onde as restrições políticas são mais comparáveis" (Stem, 2012, p. 110).

Em decorrência disso, o *De Viris Illustribus* merece ser considerado como o ponto culminante do *corpus* de Cornélio Nepos e da expressão de seus interesses históricos comparativos. Desse modo, seu pioneirismo, ao escrever biografias políticas em latim implica, por um lado, que o gênero atendia a suas intenções literárias e, por outro, que o autor reconheceu a ausência dessas personalidades nas séries biográficas helenísticas (Stem, 2012, p. 112-114). Verifica-se nessa abordagem, ademais, um forte caráter político, uma vez que o autor convida seu público a avaliar quais generais seriam melhor classificados (*Aníb*. 13.4), contribuindo para a fixação de um padrão de excelência em comparação com os generais individualmente renomados da arena política e militar tardo-republicana.

---

secundarizando a precisão factual ou histórica de seu relato e omitindo os aspectos negativos sobre seu personagem.

Consequentemente, engajar os leitores dessa maneira, justamente em um período de eminente confronto militar entre Marco Antônio e Caio Otávio (*Ático*, 20.5), os aproximava de modelos de conduta passíveis de serem vinculados com as reivindicações do conflito que ocorria ao tempo em que Cornélio Nepos escrevia sua obra. No entanto, a opção por constituir uma série de biografias política na década de 30, como entende Stem (2012, p. 113-114) "*was his calculated method of creating a means to demonstrate and thereby implicitly advocate his political view*".

Neste sentido, é preciso ter em mente, como um aspecto que influenciou sobremaneira sua escrita, que o autor manteve contato com intelectuais importantes do período tardo-republicano, tais como Cícero[8], Catulo, Ático e, talvez, Varrão e Salústio, e de que certamente conhecia e discutia seus trabalhos (Nepos, *Ático*, 12.4; 16. 3-4; *frag*. 58) (Geiger, 1985, p. 84-85). Desta maneira, a presença e reputação de Cornélio Nepos evidenciam um reconhecido talento e uma rica rede de relações estabelecidas durante seu tempo de vida (Lobur, 2021, p. 10-11). Sabemos, por exemplo, que o autor recebe uma dedicatória de Catulo, na qual este elogia a sua obra *Chronica* (*Frag*. 45 T1) como douta e laboriosa, além de ressaltar a grandeza de seu empreendimento (1.1–7). Recordemo-nos, também, da publicação de ao menos três volumes da correspondência mantida com Cícero – dos quais sobreviveram apenas fragmentos. Além disso, o biógrafo compartilhava uma familiaridade ainda maior com Ático, um homem de vasta cultura que aconselhava políticos poderosos, como os triúnviros, especialmente sobre assuntos literários e antiquários (Lobur, 2012, 10-11).

Por conseguinte, é possível arguir que o trabalho de Cornélio Nepos estava inserido em um conjunto de relações culturais significativas, tornando-se difícil conceber as conexões que o autor estabeleceu com figuras tão respeitadas se porventura suas habilidades fossem consideradas inferiores. No entanto, ao lado de Salústio e Varrão, Cornélio Nepos foi um dos poucos autores sobreviventes a escrever em prosa no período triunviral. Além disso, suas obras são carregadas ideologicamente, isto é, impregnadas de valores, crenças e interesses de um determinado grupo social, implicando uma maneira específica de entender e organizar a realidade, além de terem sido produzidas em um momento no qual a sociedade romana buscava ansiosamente "aqueles que pudessem ancorá-la e (re)orientá-la durante um processo de mudança profunda" (Lobur, 2021, p. 2). A partir desse material, temos a oportunidade de

[8] Nota-se que, no que se refere à relação do biógrafo com Cícero, o primeiro parece nutrir uma amizade sincera com o último (Nepos, *Ático*, 16) (ou, ao menos, visava projetar essa ideia), enquanto que o orador romano, por sua vez, diz coisas pouco favoráveis sobre Cornélio Nepos (*Ad Atticum*, 16.5.5; 16.14.4).

visualizar de que maneira as elites intelectuais da época projetavam o momento em que viviam em narrativas acerca do passado, elaborando sua própria visão sobre a dinâmica temporal envolvendo o passado, o presente e o futuro.

A biografia de Ático, por exemplo, nos oferece uma perspectiva reveladora da posição literária e política de Cornélio Nepos nas últimas décadas da República, considerando a inexistência de qualquer evidência direta (Stem, 2012, p. 61-62). Observa-se, então, o louvor do autor sobre a neutralidade de Ático em face dos enfrentamentos entre Caio Otávio e Marco Antônio (*Ático*, 20.1-5), como se vê na afirmação de que seu deliberado distanciamento dos assuntos públicos traduzia-se em calculada prudência (*Ático*, 15.3), além de uma preocupação moral de que a corrupção da política o mancharia (*Ático* 6.1-2). Contudo, cabe esclarecer que Ático não foi representado como inteiramente apolítico, comportando-se a favor dos *optimates*[9], mas nem por isso "se comprometia nos conflitos civis" (*Ático*, 6.1).

Por conseguinte, Stem (2012, p. 60) menciona, ainda, outras passagens igualmente sugestivas, como quando o autor declara que o biografado tem sido, além de um bom pai de família, um bom cidadão (*Neque vero ille vir minus bonus pater familias habitus est quam civis*)[10] (*Ático*, 13.1), mesmo que, durante as guerras civis nas duas últimas décadas de sua vida, definir o que significava ser um "bom romano" assumisse uma "complexidade extraordinária". O biógrafo, então, reputa as decisões de Ático como honrosas e organiza sua narrativa de modo a fundamentá-las e explicitar suas virtudes morais[11]. Desta feita, a maneira pela qual Cornélio Nepos optou por retratá-lo sugere que ele, pessoalmente, simpatizava com a decisão de Ático de não seguir uma carreira senatorial e de dedicar-se somente de maneira indireta aos assuntos políticos, enquanto ocupava-se com leituras e pesquisas, o que configura-se, ademais, em um elogio do próprio autor, uma vez que este conduziu sua vida de maneira semelhante.

A biografia política, portanto, representa uma abordagem pessoal da história. Isso significa que sua preocupação reside, essencialmente, em que tipo de caráter (*êthos*) determinado ator histórico possuiria, o que motivava seu comportamento, no que falhou ou teve sucesso em conquistar (Stadler, 2007, p. 540). Ademais, ela integra mais facilmente detalhes e anedotas, e organiza-se de modo mais episódico com relação à escrita da história. Por

---

[9] Os *optimates* e *populares* não caracterizam ideologias perfeitamente demarcadas, mas antes, refletem posicionamentos diferentes frente às reivindicações daqueles que se afastaram da política imobilista do Senado, especialmente por razões relacionadas ao acesso às terras públicas (Mantas, 2015, p. 322).

[10] A edição da The Latin Library apresenta uma pequena variação: *Neque vero ille minus bônus pater famílias habitus est quam civis*.

[11] Stem argumenta que "*the explanation for why Atticus chose not to pursue a traditional public career* (6) *is followed by a narrative that documents his principles in practice* (7–12), *and that narrative develops into an explicit thematic enumeration of Atticus' virtues* (13–18)" (Stem, 2012, p. 61).

conseguinte, deve-se ter em conta que a biografia não é menos precisa ou mais interpretativa do que a história, mas que seu escopo e propósitos são distintos, apesar de recorrerem às mesmas fontes. Logo, ela não deve ser concebida apenas como fonte de informação, mas também uma ferramenta para bem viver (Stadler, 2007, p. 540), narrando a vida de militares e políticos de destaque, como generais, reis e imperadores.

Além disso, ela coexistia com outras "categorias" de escrita biográfica, como a filosófica, centrada no caráter moral do indivíduo e na relação entre seus ensinamentos e sua vida, ou a literária, responsável por fornecer informações sobre oradores e poetas, usadas especialmente para finalidades educativas, entre outras. Nesse sentido, a biografia política diferia das narrativas biográficas dedicadas a homens proeminentes na esfera intelectual, como filósofos e poetas, não apenas no tema, mas também nos objetivos e fontes. Contudo, convém observar que a biografia política se desenvolveu relativamente tarde em relação àquela. A razão disso, na visão de Geiger (1985, p. 116), é que até então a historiografia fornecia um gênero literário conveniente para retratar figuras como reis, generais e estadistas, e que foi somente durante a última geração da República romana que identificamos inicialmente sua presença, justamente com a figura de Cornélio Nepos.

A criação deste gênero literário, em certa medida, reflete a perspectiva do autor diante das vicissitudes de seu tempo, o que nos remete a uma interpretação dialética entre texto e contexto. Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade* (2006), argumenta que a estrutura de determinada obra invariavelmente perpassa por essas duas esferas, na qual o externo (o social) é valorizado não como causa ou significado, exclusivamente, mas como um componente estrutural, configurando-se, portanto, como interno (Candido, 2006, p. 13-14). Desse modo, os aspectos sociais são frequentemente filtrados por meio de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, informando a singularidade e autonomia da obra. Segundo o autor, ao lado dos elementos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros, eles exercem uma indiscutível influência na composição de um texto. Entretanto, a importância atribuída a cada um desses fatores corresponde a abordagem e ao enfoque adotado pelo pesquisador (Cândido, 2006, p. 25).

Nesse sentido, deve-se investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais, os quais, no período tardo-republicano, se traduziam especialmente por meio da instabilidade social e as violentas disputas pelo poder político. Seja como for, é impossível apreendê-los totalmente, considerando sua quantidade e variedade, embora os mais decisivos estejam vinculados à estrutura social, aos valores e ideologias e às técnicas de comunicação. A intensidade e o modo pelo qual estes três grupos de fatores influem em determinado texto

variam segundo os objetivos do autor e a perspectiva de análise. Por conseguinte, Cândido (2006, p. 31) argumenta que:

> os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.

Diante disso, depreende-se que a palavra se configuraria tanto em forma quanto em conteúdo, implicando uma relação estreita e complexa entre a estética e a linguística. Assim, como afirma Stefan Rebenich (2022, p. 89), a escrita da história é, ao mesmo tempo, literária e acadêmica, ou seja, é tanto uma arte quanto uma ciência. É verdade que ela precisa contemplar o rigor da crítica e do aprendizado, assim como uma obra filosófica, mas não deve negligenciar o prazer que desperta uma obra literária bem-sucedida. Ademais, convêm esclarecer que o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, apresentados como integrados ao conteúdo de dada produção literária, são discerníveis apenas logicamente, uma vez que "decorrem do impulso criador como unidade inseparável" (Candido, 2006, p. 31-32).

Todavia, diversamente da história – tal como a compreendiam os antigos –, o gênero *bíos* repousa essencialmente nos costumes individuais, ou seja, nas manifestações de caráter moral reveladas nas respostas de seus personagens aos diferentes eventos de suas vidas (Lima, 2012). Desse modo, o autor não deixa de utilizar elementos provenientes do contexto cultural nem dos acontecimentos externos que julga relevantes para seus objetivos (Nepos, *Epam*. 1.4). O que nos remete, em certo sentido, à noção de *utilitas*, que por sua vez assume significações como "usabilidade prática de um objeto particular", considerando que seu uso cotidiano implica uma "referência à utilidade, vantagem de qualquer tipo, conveniência ou até interesse, assim como à conveniência ou conveniência prática" (János, 2014, p. 1-2). Nesse sentido, convém refletirmos sobre o modo como o autor a articulou em suas biografias, a partir do uso da retórica e demais elementos estilísticos em sua narrativa, objetivando fornecer a seus leitores um maior e mais adequado aproveitamento de sua obra.

Ademais, se levarmos em conta que Cornélio Nepos realmente foi o primeiro autor de biografias políticas[12], é razoável supor que dificilmente ele tenha recebido orientação a respeito

[12] Ronald Mellor (1999, p. 137; p. 141-142) esclarece que as primeiras biografias em latim das quais temos conhecimento foram escritas somente durante o período triunviral (entre os anos de 43-31) por Cornélio Nepos,

da extensão destas *Vidas*, o que se faz notar sobretudo na preocupação que ele manifesta a respeito do tamanho de seu trabalho (Nepos. *Pref*. 1.8; *Epam*. 4.6), o que pode sugerir que seu texto muito provavelmente se expandiu durante o processo de composição[13] (Geiger, 1985, p. 103). De todo modo, a despeito das opiniões divergentes de que realmente foi o primeiro a redigir biografias políticas, Geiger (1985, p. 71; 112) observa que existe algo que, de fato, não pode ser refutado: que Cornélio Nepos inovou ao adotar a prática grega de organizar seus personagens em categorias de acordo com seus campos individuais de realização intelectual. Ao dar os primeiros passos nessa direção, no entanto, o autor passou pelo mesmo processo que se sucedeu com outros homens que foram precursores em dado campo do conhecimento, abrindo caminho para "aqueles que lucravam com os erros do pioneiro" (Geiger, 1985, p. 71).

Deste modo, um grande número destas biografias sobre generais romanos e não romanos, na perspectiva de Geiger (1985, p. 103), pode ter sido o estágio inicial de um processo de desenvolvimento que resultará, séculos depois, nos modelos consolidados por Plutarco e Suetônio. Contudo, observa-se que, como parte integrante da proposta do autor com este gênero de escrita, está o interesse em máximas morais e generalidades (Lord, 1927, p. 500). Há muitas passagens que as ilustram. A título de exemplo, recordemo-nos do papel preeminente que ocupa a eloquência na vida de Aristides (Nepos, *Arist*. 1.2-4). Ou as assertivas morais na vida de Trasíbulo, de que na guerra não se deve negligenciar nada, e que a mãe de um homem prudente não costuma chorar (Nepos, *Trasí*. 2.3). Poderíamos, não obstante, mencionar outras mais (Nepos, *Dion*, 6. 9.5; *Cabr*. 3.3; *Pelóp*. 3.1; *Epam*. 3.2-3). Por fim, Louis E. Lord (1927, p. 501) destaca que o interesse mais saliente de Cornélio Nepos repousava nos costumes romanos. Nesse sentido, é compreensível a preocupação do biógrafo em esclarecer para seus leitores que os costumes de outros povos não devem ser interpretados a partir de seus próprios[14], considerando que estes últimos constituíam um amálgama de práticas e culturas de distintas origens. Esse processo de "hibridização" estava em curso na época de Cornélio Nepos, e pode-

escritor que também teria sido o primeiro romano a se dedicar a temas históricos gregos: "*the first to write political biography, the first to write biographies of intellectuals, and the first to write biographies of his contemporaries*".

[13] É notória, portanto, as intenções de brevidade (*breuitas*) do biógrafo. Cornélio Nepos, ao abordar determinado vício ou virtude em suas *Vidas*, frequentemente se limita a fornecer um único exemplo para ilustrá-lo/a (Nepos, *Lisan*. 2.1; *Aníb*. 5.4). No entanto, quando o autor é impelido a dedicar um maior número de linhas para um biografado, como no caso de Dátames, como mencionamos – embora não seja a maior biografia da série, sendo ela a vida de Alcibíades (17 páginas em formato tipográfico moderno) –, apresenta boas razões para fazê-lo (neste caso, o desconhecimento geral do personagem e a grandeza de sua prudência e sagacidade) (Nepos, *Timót*. 5.6).

[14] Dentre os quais, podemos mencionar a permissão para que um homem grego casasse com sua meia-irmã por parte de pai (Nepos, *Pref.* 1. 4; *Cim.* 1-2); a diferença da posição social do escriba na Grécia e em Roma (Nepos, *Eumen*. 1.5); o importante papel que a dança e a música desempenhavam na *paideia* grega (Nepos. *Pref*. 1.1; *Epam*. 1.2); e o quão humilhante era para as *poleis* gregas quando ocorria de um cidadão preferir os costumes bárbaros em detrimento dos de sua cidade (Nepos. *Cónon*, 3.3-4).

se dizer que, dentre os objetivos do autor, encontrava-se o de produzir uma concepção de "Romanidade" que se integrava em um universo mais amplo, essencialmente cosmopolita.

Entretanto, verifica-se na narrativa do autor, como já pontuamos, um método comparativo, contemplando personagens do passado helênico, por exemplo, e indivíduos que lhe eram contemporâneos, como Ático, considerado por Timothy Peter Wiseman como o mais bicultural de todos os romanos (*most bi-cultural of all Romans*) (Wiseman, 1979, p. 157). O autor destaca, ademais, que as biografias de Cornélio Nepos foram escritas em benefício daqueles rudes na *graecarum literarum* (Nepos, *Pref*. 1.2; *Pelop*. 1.1) e que funcionariam como uma espécie de "curso intensivo", visando ajudar o leitor ordinário em um mundo literário onde a ignorância sobre os assuntos gregos não era mais tolerável.

No entanto, é importante pontuar que, enquanto gênero literário, a biografia compartilha inúmeras características com a História, como o uso de discursos, o texto em prosa, as referências às ações dos indivíduos no curso dos acontecimentos, o direcionamento das obras a um público semelhante e, sobretudo, o emprego de fontes[15]. De modo semelhante à historiografia, a biografia é o resultado de uma conjunção equilibrada de forma e temática e igualmente se dedica à imortalização de feitos, embora com estilo distinto (Pinheiro, 2024, p. 24-25). O autor argumenta, ainda, que as *Vidas* de Plutarco, por exemplo, se configuraram como uma enciclopédia de alto valor histórico e cultural, uma vez que o biógrafo recorreu a fontes historiográficas para constituí-las. O mesmo, portanto, podemos dizer a respeito de Cornélio Nepos.

Assim, diante deste conjunto de semelhanças, não nos surpreende a proximidade que esses gêneros mantiveram na Antiguidade greco-romana (Pinheiro, 2024, p. 23). A historiografia, assim sendo, oferece uma perspectiva essencialmente "macro e transtemporal", privilegiando os assuntos públicos, incorporando o período de ascensão até a queda ou morte do personagem. A biografia, portanto, se organiza a partir de uma vida (*uita*), enquanto a historiografia tem como base a ação (*res gestae*), suas causas e consequências. Entretanto, o fato de os antigos sentirem a necessidade de afirmar que escreviam vidas, e não história[16], enfatiza, uma vez mais, que a narrativa biográfica possuía objetivos distintos com relação à historiografia, quais sejam, explicitar sobretudo o caráter de seus personagens, sem deter-se, necessariamente, em um relato fidedigno dos acontecimentos históricos.

---

[15] Pinheiro (2024, p. 29-33) argumenta que a biografia adquire espaço de história justamente por valer-se em grande medida de metodologias próprias da historiografia, além de se configurar como um mecanismo de *mimesis*.
[16] Para tanto, ver Nepos, *Pref*. 8; *Epam*. 4.6; *Pel*. 1.1; Plut., *Alex*., 1.1-3; Polib. *Hist*., X, 21.

Os primeiros biógrafos gregos, portanto, preocupavam-se especialmente com os aspectos morais de seus biografados, razão pela qual o gênero foi associado mais à ética e à retórica do que a cuidadosa pesquisa e análise. Nesse sentido, a biografia "carecia da dignidade que a história enquanto 'atividade de investigação', desfrutaria" (Antiqueira, 2012, p. 62), e apenas recentemente passou a receber uma reabilitação acadêmica em seus próprios termos, processo que se iniciou "([*in*] *the time that Horsfall*[17] *was so critical of Nepos in 1982*)" (Stem, 2012, p. 39).

Entretanto, é preciso ter em mente que seus propósitos, métodos e resultados diferiam significativamente do ofício historiográfico que, ao menos em Roma, em linhas gerais, adquiriu uma estrutura cronológica e analística[18], possuindo também elementos retóricos e poéticos e centrada notadamente em assuntos políticos e militares (Mellor, 1999, p. 149). Assim, verifica-se que a história privilegiaria a narração dos feitos dos homens (ou "*práxis*"), dedicando-se a exposição de *res gestae* de tempos recentes ou remotos com relação ao momento no qual se escrevia:

> [...] por um lado, a escrita da história, cujo foco voltar-se-ia para a narrativa dos acontecimentos públicos, relativos a toda uma comunidade política. Os eventos abordados corresponderiam, em suma, às atividades marciais que conferiam glória ou infortúnio à coletividade. Por outro, a redação de *bioi* objetivaria o apontamento das qualidades próprias da *psykhé* individual (Antiqueira, 2012, p. 62).

O autor acrescenta, ainda, que o biógrafo dedicar-se-ia tanto à exposição de acontecimentos relacionados à vida pública de determinado indivíduo, como àqueles correspondentes à sua vida privada. Assim, o que se opera é um movimento no qual não se busca necessariamente a representação de uma "verdade absoluta" (*absolute truth*) mas sim uma "caracterização definitiva" do personagem biografado[19] (Stem, 2012, p. 44). Por conseguinte, é imprescindível atentarmo-nos para as especificidades do momento histórico em que essas *Vidas* foram constituídas, justamente em um período em que a história começa a assumir contornos "biografizantes" em razão da crescente personalização do poder, resultado

[17] Ver Horsfall (1982, p. 286-294; p. 842-846).

[18] A tradição analística caracterizava-se como uma narrativa de eventos e descrição de indivíduos importantes do passado, expostas de ano-a-ano, em conformidade com a magistratura epônima em Roma: o consulado. O nome dos homens que ocupavam este cargo, por conseguinte, eram registrados em *anais* (*annales*), ao lado de outros elementos, prática que ocorria desde, pelo menos, o século IV. Além disso, ela apresentava um escopo cronológico explícito e, e em certo sentido, ressaltava a grandeza de Roma, favorecendo a manutenção de suas instituições e reafirmando os valores comuns aos *mores maiorum* (Antiqueira, 2008, p. 24-25).

[19] Não obstante, a "tendência ou atenção biográfica" traduzia um notável interesse do autor acerca do lugar que ocupava o personagem no interior de determinada sociedade, mas que também se fazia notar em outros gêneros discursivos (Antiqueira, 2012, n. 105, p. 76).

de um processo de mudanças sociopolíticas que remontava, pelo menos, à segunda metade do século III, e é evidenciado também em outras formas discursivas, como na numismática[20]. O reconhecimento de Cornélio Nepos dessa realidade, portanto, demonstra sua percepção enquanto cidadão romano e intelectual, bem como a consciência do papel de suas biografias para a história. Seja como for, sua escrita implicou um gradual estreitamento entre história e biografia[21].

Assim, entendemos que Cornélio Nepos foi um observador atento do seu presente e introduziu um gênero literário (a biografia política) para a qual uma necessidade genuína foi sentida (Geiger, 1985, p. 71).

Como vimos anteriormente, as narrativas biográficas na Antiguidade, posteriormente reconhecidas como pertencentes ao gênero *bíos*, possuíam natureza compósita e integravam elementos de outros gêneros discursivos, de modo particular, a história[22]. Recordemos que história e a biografa, por conseguinte, compartilham uma série de semelhanças, como o uso das fontes e a narrativa em prosa e, além disso, ambas incidem sobre a realidade (Teixeira, 2024, p. 75).

Exposto isso, retornemos a Cornélio Nepos. Na leitura de Stem (2012, p. 44), o biógrafo alcançou a brevidade (*brevitas*), dentre outros, substituindo uma parte pelo todo; quer dizer, ao escrever suas *Vidas,* optou por relatar apenas determinados episódios da trajetória de seus personagens em vez de apresentar uma narrativa completa e detalhada, um recurso, portanto, estilístico e intencional, que provavelmente levou os leitores a equívocos a respeito do que especificamente aconteceu, mas que lhe permitiu lançar a luz que julgou correta sobre o caráter (*êthos*) de seu assunto. Assim, com base em Shipley (1997), o autor infere que Plutarco, por

---

[20] Cf., por exemplo, Carminati (2021).

[21] Molly Pryzwansky (2009, p. 99), esclarece que "*contemporary scholars, however, are less likely to judge biographers to be failed historians, or biography and its 'mistakes' to be subpar history for a lower class of reader. Instead, they attempt to be sensitive to the fact that ancient biographers had their own aims and techniques; they set out to write vitae of individual subjects, not comprehensive catalogues of wider historical events. Accordingly, biographers should not be deemed unsuccessful historians or unskilled researchers for, say, tampering with chronology or omitting particular deeds in favor of seemingly less significant anecdotes. It is also generally recognized today that ancient biographers selected and 'spun' their evidence for maximum effect, to steer readers towards a particular (usually moral) interpretation of the subject.*

[22] Convém sublinharmos que, desde os períodos da Grécia clássica e helenística, a história adquiriu distintas acepções. Por conseguinte, verifica-se, assim, a história compreendida como uma série de acontecimentos especialmente políticos e militares, bem como uma perspectiva de história de caráter mais globalizante, que aborda, em certo sentido, todos os aspectos da vida humana (Antiqueira, 2012, p. 64). Estas duas maneiras de se escrever a história, portanto, empregam elementos essenciais no tocante ao desenvolvimento da historiografia greco-romana, que conferiram ao gênero características próprias, tais como a relação causal entre os fatos do passado e do presente, ou o esforço por se atingir a "verdade" ou verossimilhança a partir dos materiais utilizados, como documentos ou até mesmo testemunhas orais. Não obstante, entre estas duas maneiras de escrever/conceber a história, "os parâmetros utilizados para se avaliar a relevância e o papel das personalidades no curso dos acontecimentos ora chocavam-se, ora entrecruzavam-se" (Antiqueira, 2012, p. 66).

exemplo, não julgou a si mesmo como historiador, em grande parte por razões morais, embora seja possível argumentar que ele empregou alguns dos elementos importantes característicos do ofício historiográfico, como uma abordagem crítica e independente das fontes e a discussão de uma tese original. Nesse sentido, em uma escala mais modesta, Cornélio Nepos fez a mesma coisa (Stem, 2012, n. 139, p. 54).

Todavia, como observamos, a biografia é caracterizada especialmente por privilegiar o indivíduo – de modo especial, o seu *êthos*. Por conseguinte, ela atua analiticamente em quadros históricos concebidos a partir de uma lente individual (Teixeira, 2024, p. 76). Desse modo, uma vida pode assumir grandes proporções em um processo em que as decisões originadas na esfera privada acarretam consequências em um contexto social mais amplo, sendo o contrário também verdadeiro (Pinheiro, 2024, p. 32). O que se opera, nesse sentido, é uma correlação e influência recíproca entre o público e o privado, em uma dinâmica na qual os interesses de ordem individual, inerentemente inacessíveis, estabelece uma relação complexa com a progressiva visibilidade do íntimo, de modo que ambas as esferas, portanto, se interpenetram e se modificam continuamente (Conradi, 2016, p. 410).

Assim sendo, o público e o privado podem se reconciliar no interior de um mesmo espectro de dever, comportando motivações proporcionalmente iguais na medida em que avançam para um determinado fim (Stem, 2021, p. 119). Nesta perspectiva, a biografia de Ático se aproximaria mais do domínio privado, enquanto a de Agesilau, do âmbito público, embora nada impeça que ambas as esferas coexistam harmoniosamente em uma estrutura móvel, na qual a vida privada do biografado é relevante para sua vida pública, uma vez que "[it] *is from the private life of the man that the measure of his character emerges into view*"[23] (Stem, 2012, p. 119).

Em efeito, como afirma Pinheiro (2024, p. 28), tanto o público quanto o privado se configuram como a base da *imago vitae*, que se estrutura a partir da ascendência (*genus*), passando pela educação, costumes (*mores*) até os feitos (*res gestae*), como observamos anteriormente. Assim, o papel que o sujeito desempenha na sociedade eventualmente tem o seu significado dilatado, como se verifica, por exemplo, na *Vida de Epaminondas*:

[23] Em *Agesilau* (4.6) observamos que foram os hábitos ditados pelo seu caráter que prevaleceram quando este ofereceu misericórdia ao inimigo, influenciando, por conseguinte, sua ação pública. Similarmente, a *pietas* a ele atribuída implicou na decisão de obedecer à autoridade dos éforos em Esparta (4. 1-3). Assim, acrescenta-se que "*Public and private duty thus interact and overlap within his public record, and while Agesilaus' public responsibility as king places his duty near to the public end of the spectrum, it is nevertheless the virtue of his private character that grounds the successes of his public leadership*" (Stem, 2012, p. 121).

> Se tem falado de suas virtudes e de sua vida o suficiente, todavia há de se adicionar uma só coisa: que ninguém deve duvidar que o estado tebano, antes do nascimento de Epaminondas e depois de sua morte, sempre esteve submetido a um poder estrangeiro, enquanto que, pelo contrário, durante o tempo em que aquele grande homem esteve à frente do governo de Tebas, esta foi a cabeça de toda a Grécia. **Daí se pode entender que um só homem fosse mais do que o Estado**[25] (Nepos, *Epam*., 10. 4, grifo nosso).

Diante disso, deparamo-nos com um dos problemas que mencionamos anteriormente: o da crescente personalização da política e de uma associação, cada vez mais profunda, entre governante e as instituições da *res publica* (*Epam*., 3.4), situação que se apresentará de forma mais nítida em um período posterior, como no *De Clementia* (55-56 EC) de Sêneca, por exemplo.

Em acréscimo, é preciso esclarecer que as biografias produzidas na Antiguidade possuem feições próprias, e não devem ser confundidas com o gênero homônimo que conhecemos na contemporaneidade. Apresentado tonalidades morais, ela não assume, necessariamente, a forma de uma narrativa ou discursos seguidos (Oliveira, 2023, p. 35), além disso, é geralmente pouco extensa e apoiada em listas. Sua historicidade é articulada à moralidade e sua cronologia é flexível, sendo comum o emprego de anedotas, normalmente oriundas da tradição oral (Pinheiro, 2024) e não feitos, para evidenciar os traços de caráter dos biografados.

Assim sendo, verifica-se nestas narrativas o emprego de distintos artifícios literários como cartas, excursos, discursos diretos e indiretos, entre outros. Ademais, considerando o contexto de produção e recepção das obras, depreende-se que a dedução de informações e a criação de histórias ficcionais, na concepção dos antigos, atendem a diferentes personagens e distintos contextos (Lima, 2012, p. 92). No entanto, é preciso esclarecer que a *fictio*, a despeito de suas diferentes acepções na cultura greco-romana, não significa inventar coisas sem responsabilidade, especialmente se levarmos em conta que normalmente a autoridade do autor é construída a partir da tentativa de relatar o "crível" em um regime de verossimilhança que seja validado pelos leitores, convencendo-os, de alguma maneira, que aquilo que se diz é verdadeiro.

---

[25] *Huius de virtutibus vitaque satis erit dictum, si hoc unum adiunxero, quod nemo ibit infitias, Thebas et ante Epaminondam natum et post eiusdem interitum perpetuo alieno paruisse imperio; contra ea, quam diu ille praefuerit rei publicae, caput fuisse totius Graeciae. Ex quo intellegi potest unum hominem pluris quam civitatem fuisse*. Vale destacar que, na edição da The Latin Library, a passagem começa "*Cuius*" em vez de "*Huius*".

Por conseguinte, apesar das sucessivas críticas no tocante à confiabilidade das informações presentes na narrativa biográfica[26], ela comporta grande potencialidade de análise, especialmente no que diz respeito às percepções e valores que compõem os quadros culturais em que foi elaborada (Faversani; Teixeira; Brandão et al., 2024, p. 12). Outrossim, é possível arguir que, Cornélio Nepos, um cidadão romano, certamente produziu suas obras visando um público romano, e o fez numa perspectiva romanocêntrica e com intencionalidades didático-moralizantes, incorporando à sua narrativa elementos retóricos como, por exemplo, o *enkomion*, e a *synkrisis* (Pinheiro, 2024, p. 30).

Não obstante, verifica-se nas biografias greco-latinas, ademais, a influência da tradição peripatética[27], a partir da preocupação dos autores em realçar as condutas morais dos personagens através de vícios (*uitia*) e virtudes[28] (*uirtutes*), bem como pela ordem cronológica estabelecida, normalmente organizada na seguinte sequência: nascimento e linhagem, infância, educação, caráter, qualidades e feitos (Oliveira, 2023).

A propósito de Cornélio Nepos, na passagem que se segue, identificamos uma organização bem delineada:

> Assim, começarei falando primeiramente de sua ascendência, depois, de sua formação cultural e de quem a recebeu; posteriormente, de seus costumes, seus talentos e do que mais seja digno de trazer a memória, para terminar falando de suas façanhas, que para a maioria devem se antepor às virtudes de sua alma[29] (Nepos*, Epam*., 1.4).

Considerando este trecho, nota-se que, em razão de os costumes do biografado, seus talentos e tudo o mais que seja digno de memória serem narrados antes dos feitos, a ênfase repousa mais no primeiro do que no segundo. Ou seja, ressalta-se mais a *uita* do personagem

---

[26] No caso de Cornélio Nepos, observa-se na vida de Milcíades, principalmente, uma série de erros históricos (Dionisotti, 1988). Francisco Oliveira, por conseguinte, menciona outros autores que destacam equívocos semelhantes: McCarty 1974, p. 383, e Jenkinson 1967, p. 10 e 1973, p. 713-714. Entretanto, aos que censuram o biógrafo por isso (e.g., Jenkinson, recordando dos "escorregões" de Nepos em Pausânias 6.19.6), recomenda-se prudência. Sabemos que, na Antiguidade greco-romana, os autores estavam privados da maior parte dos recursos disponíveis aos seus equivalentes modernos (Geiger, 1985, p. 110). Além disso, parte destes erros factuais que se observam no texto do biógrafo, no entendimento de Stadter (2007, p. 533), pode ser devido a uma má compreensão de suas fontes e em razão de sua ênfase no respeito dos generais pelo povo.

[27] Convém esclarecer, todavia, que nenhuma das primeiras biografias peripatéticas sobreviveu até nossos dias, de modo que as conhecemos somente por referências antigas. Plutarco, por sua vez, no começo do século II EC, incorporou em suas *Vidas* dois dos mais importantes elementos desta tradição, quais sejam, a pesquisa e os objetivos morais (Mellor, 1999, p. 135).

[28] Cícero, em *De Inventione*, define a virtude como "um hábito da mente em harmonia com a razão e a ordem da natureza" (*Virtus est animi habitus naturae modo atque rationi consentaneus*, 2.159) compreendendo esta última como "não nascida da opinião, mas em nós implantada por uma espécie de instinto inato (*Naturae ius est, quod non opinio genuit, sed quaedam in natura vis insevit*, 2.161).

[29] *Quare dicemus primum de genere eius, deinde, quibus disciplinis et a quibus sit eruditus; tum de moribus ingeniique facultatibus, et si qua alia memoria digna erunt; postremo de rebus gestis, quae a plurimis animi anteponuntur virtutibus.*

do que a *res gestae*. Além disso, é possível arguir que o autor não compartilhava da visão convencional que situava as ações de Epaminondas acima de suas virtudes, pois caso o fizesse, segundo Stem (2010, p. 127), não haveria razão aparente para definir essa perspectiva como o que a maioria das pessoas (*plurimi*) pensa. A inovação não consiste na omissão das façanhas de Epaminondas, mas em sua subordinação à estrutura temática que atende aos próprios objetivos do autor diante do pensamento histórico tradicional (Stem, 2012, p. 166). Nesse sentido, podemos inferir a partir do excerto supracitado, que os atos seriam a manifestação do caráter, e este, uma vez virtuoso, permitiria ao indivíduo a realização de grandes feitos (Nepos, *Ático*, 11. 6; 19.1).

Outro elemento digno de menção, e que também nos auxilia a compreender a constituição e desenvolvimento do gênero em Roma, é a forte influência das orações fúnebres (*laudatio funebris*). Comumente publicadas em panfletos, elas consistiam em listas elaboradas abordando acontecimentos importantes sobre o falecido. Desse modo, como o objetivo era engrandecer estes indivíduos, grande parte destas listas era desenvolvida de forma tendenciosa, frequentemente exagerando nas descrições e favorecimentos, sendo que muitas dessas informações, naturalmente, não eram verdadeiras (Lima, 2012, p. 83).

Desse modo, o enaltecimento a um membro da família configurava-se também em um elogio a todos os seus descendentes, pois tradicionalmente se entendia que herdavam as qualidades e defeitos de um antepassado. Assim, em vida, o indivíduo encontrava-se imbuído da tarefa de defender a reputação da *gens* a qual pertencia, honrando-a a partir de seu desempenho pessoal, normalmente na política ou no exército. A família romana, nessa leitura, assume um caráter essencialmente político, estabelecendo expectativas sociais associadas ao prestígio conquistado por homens que exerceram uma carreira de *honores* em períodos precedentes.

Por conseguinte, como resultado deste costume, além de tornar célebre a vida de um determinado cidadão, recordando de modo particular os cargos e conquistas que este eventualmente alcançou, baseando-se em detalhes concretos de sua carreira, em um grau maior do que os *encomia* gregos (Mellor, 1999, p. 136), difundiam-se modelos de conduta passíveis de serem emulados pelos demais habitantes. Muito desse material, consoante Lima, foi estabelecido por escrito e serviu posteriormente para a construção de narrativas biográficas – embora nem todas elas versassem sobre o louvor, de modo geral, abordavam os mesmos conteúdos.

Diante disso, pode-se afirmar que Roma não dependia totalmente dos modelos gregos de escrita biográfica, pois, além das *laudationes funebris*, temos registros de cantos de banquete

e inscrições comemorativas mantidas por famílias aristocráticas, que igualmente forneciam informações relevantes para a constituição destes trabalhos dedicados à determinada *uita*. Assim, Mellor (1999, p. 137) diz assertivamente que, "*while the Greeks preferred more idealized images in stone as in words, the Romans tended to present their ancestors with a greater degree of reality*". Entretanto, apesar disso, é preciso tomar cuidado para não assumir estes materiais como representações fidedignas de determinada realidade histórica ou individual.

1.1 A obra *De Viris Illustribus*, c. 30 AEC

Neste tópico, portanto, refletiremos mais detidamente sobre o *De Viris Illustribus*, especialmente o livro III: *Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium* ("Sobre os Generais Famosos das Nações Estrangeiras")[30], o único que sobreviveu na íntegra até nossos dias. Ademais, conforme já apontado, foram preservadas também duas biografias do livro XIV: "*Liber de Latinis Historicis*" ("Sobre os Historiadores Latinos"), a saber: a vida de Ático e a biografia abreviada de Catão, o Velho[31]. A exata organização de toda a série, contudo, ainda permanece um mistério. Entretanto, ela teria sido composta por 17 ou 18 volumes[32], ao menos em parte elaborada durante a oitava década de vida do autor. Isso significaria aproximadamente um total de 400 biografias, número talvez superestimado. Entretanto, apesar de as *Vidas* serem breves em sua maioria, a soma total de biografias redigidas permitiu a Cornélio Nepos realizar uma pesquisa cultural em grande escala (Stem, 2012, p. 112-113).

Por conseguinte, como já observamos, acredita-se que toda a série foi composta por pares de livros (Nepos, *Díon*, 3.2; *Aníb*. 13.4), sendo o volume sobre generais estrangeiros anterior ao seu correspondente romano. A adição destes últimos, a considerar o que diz Nepos em um fragmento (Nepos, *fr.* 3)[33], de que a literatura latina até o momento não poderia sustentar

[30] Estes livros, entretanto, podem ter sido uma ideia tardia, possivelmente instigada por Ático, que recebe a dedicatória de Cornélio Nepos neste trabalho (Nepos. *Pref*. 1.1). Além disso, ele solicita ao autor para que este escreva uma biografia mais longa de Catão (Nepos. *Cat*. 3.5) (Geiger, 1985, p. 93; Stem, 2012, n. 11, p. 128).
[31] Eles constituíam possivelmente o 13 ou 14 da série (Geiger, 1985, p. 86).
[32] Sánchez Pacheco (1985 p. 10), porém, fala de 16, e sugere quais seriam seus títulos: 1) Sobre os reis dos povos estrangeiros; 2) Sobre os reis romanos; 3) Sobre os generais famosos das nações estrangeiras; 4) Sobre os generais famosos do povo romano; 5) Sobre os jurisconsultos gregos; 6) Sobre os jurisconsultos romanos; 7) Sobre os oradores gregos; 8) Sobre os oradores romanos; 9) Sobre os poetas gregos; 10) Sobre os poetas romanos; 11) Sobre os filósofos gregos; 12) Sobre os filósofos latinos; 13) Sobre os historiadores gregos; 14) Sobre os historiadores latinos; 15) Sobre os gramáticos gregos; 16) Sobre os gramáticos latinos.
[33] Como argumenta Pacheco (1985), seu descobridor foi Jakob Friedrich Heusinger. No entanto, o autor acrescenta que Reinhold Klotz nega sua autenticidade, embora todas as edições reconheçam a autoria de Cornélio Nepos.

uma comparação com a literatura grega, talvez refletisse uma tentativa do autor de redesenhar a balança na única categoria de homens na qual os romanos poderiam demonstrar sua superioridade sem pesar indevidamente as evidências a seu favor (Geiger, 1985, p. 97).

Seja como for, a maioria dos generais não-romanos biografados por Nepos são gregos do período clássico. A respeito das personagens que integram o livro, onze são atenienses: Milcíades, Temístocles, Aristides, Címon, Alcibíades, Trasíbulo, Conon, Ifícrates, Cábrias, Timóteo e Fócion. A eles se somavam três espartanos (Pausânias, Lisandro e Agesilau), dois tebanos (Pelópidas e Epaminondas) e um personagem proveniente da Cária: Dátames. Além disso, temos personagens vinculados aos conflitos após a morte de Alexandre, como Eumenes, e outros relacionados ao contexto da Sicília no século IV, como Díon e Timoleonte e, por fim, duas figuras cartaginesas (Amílcar e Aníbal).

Ao todo, dispomos da soma de 22 biografias, com exceção de um breve capítulo dedicado aos reis, a exemplo de Ciro, o Grande e Alexandre. O autor argumenta, ainda, que a organização do livro, em linhas gerais, é cronológica, estendendo-se do século V ao III, com figuras do século IV divididas por região até o tempo de Alexandre. Assim,

> […] *the only real exceptions are the two fourth-century Sicilian biographies: Dion, placed tenth; and Timoleon, placed twentieth. The chronological misplacement of the Sicilians might perhaps hint at some significance to the ordering of the biographies within the book, but it remains implicit. Nepos offers no statement about the book's overall structure* (Stem, 2012, p. 18).

Seja como for, sabemos que o *De Viris Illustribus* foi escrito na década de 30, sendo a primeira edição publicada enquanto Ático ainda estava vivo (*Ático*, 19.1), elaborado em algum momento entre os anos de 35 e 32. A segunda edição foi redigida após a morte de Ático (isto é, posterior a 31 de março de 32), mas seguramente antes de janeiro de 27, uma vez que o biógrafo ainda se refere a Caio Otávio como "César" (Nepos, *Ático*, 19.3; 19.4; 20.3 e 20.5), mas não como *Augusto*. É importante frisar, pois, que durante a década de 40, momento em que Cornélio Nepos começou a planejar ou, quem sabe, a executar suas primeiras biografias, testemunhou uma série de transformações no mundo político e literário de Roma (Geiger, 1985, p. 82). Dentre elas, as implicações e o forte simbolismo decorrentes do suicídio de Catão, o Jovem, em Útica e, depois, a complexa conjuntura impulsionada pelos idos de março em torno da figura de Júlio César.

Entretanto, convém pontuar que a resposta individual dos autores às suas próprias situações de vida determina, em algum grau, o propósito e a forma de suas obras. Nesta perspectiva, o público a que se dirigem, seus objetivos ao escrever, suas fontes e o estilo

empregado, refletem suas escolhas particulares, considerando a ampla diversidade de práticas possíveis no âmbito de um mesmo gênero literário (Stadter, 2007, p. 532). Desse modo, neste período de transição, da República para o Principado de Augusto, a biografia política, como elemento integrante no curso dos acontecimentos, paulatinamente se consolidou e reivindicou seu espaço ao lado da historiografia tradicional. Se faz mister recordar, entretanto, que a ênfase na comunidade de Roma, característica da tradição analística não permitiu facilmente a proeminência dos indivíduos e de suas conquistas até então. Um exemplo notório é a obra de Catão, o Velho, que categoricamente se recusa a nomear os generais responsáveis por grandes feitos, o que pode ter sido, na perspectiva de Toher (1990, p. 147), uma atitude generalizada que buscava não obscurecer o sucesso da comunidade no combate de seus inimigos ao exaltar estes indivíduos (cf.: Nepos, *Cat.* 3.4)[34].

Assim, a biografia política, em razão de adotar como foco a *Vida* de pessoas ativas na esfera pública ou militar, aproximou-se sobremaneira da historiografia tradicional, dedicada sobretudo a narração dos feitos individuais de líderes ou governantes (Stadter, 2007, p. 530). De todo modo, verifica-se, pois, que a proposta de Cornélio Nepos de compor biografias em latim em uma escala ambiciosa, sendo sugestão de Ático ou não, além de ser uma grande inovação para a literatura latina, deixa transparecer um certo orgulho com relação à cidade de Roma (Nepos, *Ático*, 3.3), lugar em que o autor viveu durante um tempo significativo de sua vida (Geiger, 1985, p. 93; Dibbern, 2013, p. 128).

Nascido de uma família rica não senatorial na Gália Cisalpina, chegou à cidade de Roma aproximadamente em 65, como estima Mellor (1999, p. 137), e por lá viveu por cerca de quarenta anos. Cornélio Nepos, entretanto, cuidadosamente evitou envolver-se na vida política da capital, e manteve vínculos de *amicitia*[35] com outro "*political neutral*" de seu tempo, caso de Ático, mas também com homens que ocupavam importantes cargos públicos, como Cícero. A relação epistolar entre estes dois, infelizmente, não sobreviveu até nossos dias, embora Mellor suspeite que as cartas se dedicavam especialmente a assuntos literários. Digno de nota, ademais, é a observação de que os hábitos que lhe conferiram uma modesta fama literária, no tocante aos

[34] Como sintetiza Toher (1990, p. 148), "*The domestic crises of the late second century and the first century B.C. had their effect on the simplistic annalistic tradition: it was no longer enough to say what battles occurred under what consuls and who triumphed; recent events had demonstrated the complexity of history and the need for deeper analysis by historians. The careers of Marius, Sulla, and Pompey demonstrated the futility of Cato's belief about the strength of the community vis-à-vis her individual commanders*".

[35] A *amicitia* frequentemente pretende descrever uma afeição sincera baseada em uma comunidade de gostos, sentimentos e princípios, não raro assumindo a forma de uma associação contínua e íntima, podendo indicar também a prontidão para prestar auxílio quando necessário. Assim sendo, é sobre o fundamento da virtude que é possível constituir e manter um afeto genuíno e duradouro, uma amizade inspirada na boa fé, no reconhecimento recíproco dos méritos e cimentada pela semelhança de caráter (*mores*) e de interesses (*studia*) (Brunt, 1965, p. 1-4).

métodos e procedimentos de trabalho, e que lhe assegurou a simpatia de homens como Catulo e Ático, não sofreram sérias modificações e continuaram a orientá-lo em seu novo e último empreendimento (Geiger, 1985, p. 85).

Nesse sentido, Stadter (1988, p. 280) reconhece que as *Vidas* dos generais ilustres redigidas por Cornélio Nepos implicam uma mudança de método em comparação com as biografias precedentes – notadamente helenísticas – que empregavam isoladamente um indivíduo como objeto de estudo, enquanto no *De Viris Illustribus* o autor oferece uma coleção de *Vidas* curtas. Seja como for, a prosa biográfica, considerando sua complexidade e pluralidade, apresentou em seu curso de desenvolvimento uma certa ambiguidade entre "*mimesis* e imaginação, ficção e realidade histórica, numa tensão entre romance e erudição" (Pinheiro, 2024, p. 16). A razão disso, como argumenta o autor, ao menos em parte, está vinculada às incertezas das fontes e às distintas interpretações dos acontecimentos, o que sugere uma maior subjetividade por parte do biógrafo.

Cornélio Nepos certamente não estava alheio a este processo. Contudo, seu objetivo ao constituir sua narrativa não era realizar uma análise da conjuntura histórico-política ou pormenorizar os grandes acontecimentos, ocupação comumente atribuída aos historiadores (Brandão, 2024, p. 48; 50), mas articulá-los a favor de suas intenções, quais sejam, a partir do ponto de vista ético, enfatizar as virtudes ou vícios de seus personagens, oferecendo a seus leitores modelos de conduta para serem emulados e/ou evitados[36]. Observamos tal assertiva, portanto, no início da *Vida* de Pelópidas (1.1):

> Pelópidas, tebano, é conhecido mais pelos eruditos do que pelo povo. Não sei como relatar seus feitos, porque se entro em detalhes mínimos, temo passar a sensação de relatar não tanto sua vida, mas a história (de seu povo); mas, por outro lado, se faço um relato superficial, possivelmente para os que não conhecem bem os escritos dos gregos, não ficará claro o quanto significou a vida daquele grande homem. Assim, pois, tratarei de atender a ambos os aspectos, no que me for possível, evitando saturar os leitores com excessivos detalhes, ou informá-los insuficientemente[37].

Podemos observar nessa passagem que a intenção de Cornélio Nepos é relatar a vida de seu personagem, e não a história de Tebas. Esta última, depreende-se, é instrumentalizada pelo autor de modo a contextualizar e facilitar a apreciação do caráter do biografado pelos leitores.

---

[36] As qualidades morais, como disserta Brandão (2024, p. 40-41), possuem um peso significativo no tocante ao exercício do poder e na prosperidade da *res publica*.

[37] *Pelopidas Thebanus, magis historicis quam vulgo notus. Cuius de virtutibus dubito quem ad modum exponam, quod vereor, si res explicare incipiam, ne non vitam eius enarrare, sed historiam videar scribere; si tantum modo summas attigero, ne rudibus Graecarum litterarum minus dilucide appareat quantus fuerit ille vir. Itaque utrique rei occurram, quantum potuero, et medebor cum satietati tum ignorantiae lectorum*.

O indivíduo biografado, por sua vez, mais especificamente seu *êthos*, torna-se, nesta perspectiva, o parâmetro e o critério para a inclusão ou exclusão destas informações, assim como de sua organização. A partir de um estudo das *Vidas* de Suetônio, Brandão argumenta que os grandes eventos são sistematizados de modo a ilustrar distintos aspectos fixados previamente e que caracterizam o personagem. Semelhante abordagem nos é muito conveniente, uma vez que instiga a reflexão sobre as estratégias e até mesmo o manuseio das fontes e demais recursos presentes na escrita de Nepos. Entretanto, retornemos ao de *Viris Illustribus*, notadamente ao livro III, que em sua forma sobrevivente, é o mais longo existente na literatura latina clássica e que tem sido amplamente subestimado (Geiger, 1985, p. 85).

Em que pesem as acusações de pressa, falta de precisão e pouca faculdade crítica, como observamos anteriormente, Cornélio Nepos trouxe importantes inovações para a literatura latina com suas obras. Ele emergiu como um escritor industrioso e inquisitivo, constantemente a procura de novos temas, sem medo de inovar e disposto a adaptar livremente gêneros literários e tradições gregas às circunstâncias romanas e às suas preferências pessoais (Geiger, 1985, p. 78). Tal como deve ter ocorrido com a *Chronica*, também o *De Viris Illustribus* parece ter sido destinado a leitores desconhecedores ou inexperientes nas letras gregas (Nepos, *Pref.* 1.2; *Pelóp.* 1.1) (Geiger, 1985, p. 95), o que assinala que o autor procurou dialogar com um público (não necessariamente a aristocracia) ao mesmo tempo em que o constrói, o que pode explicar seu esforço em traduzir termos gregos para o latim.

Entretanto, apesar de inserir em sua narrativa explicações de termos gregos como *medimnos*, o autor ocasionalmente os apresenta sem esclarecer o seu sentido, como o termo *mora*, dando a entender que ao menos parte de seu público estava familiarizado com o helenismo (Oliveira, 2023, p. 41) o que também pode ser interpretado como uma forma de pedantismo por parte do autor. Ademais, verifica-se na narrativa de Cornélio Nepos uma certa tendência à romanização, tendo em vista sua formação, influências e o público a que destina seu trabalho. Os líderes estrangeiros, por exemplo, são eventualmente apresentados em termos romanos: por exemplo, Aníbal é chamado de rei (*rex*) de Cartago, e a Gerúsia cartaginesa, de Senado. Por seu turno, o culto de Minerva é referido na Grécia em vez de Atena (*Paus*. 5.2; *Ages*. 4.6) e também se diz que Aníbal sacrificava a *Jupiter Optimus Maximus* (*Aníb*. 2.3) quando na verdade se tratava de um culto a Baal (Mellor, 1999, p. 142). Poseidon, por sua vez, é denominado como Netuno (*Paus*. 4.4). Além disso, quando Cornélio Nepos narra o episódio da mutilação das Hermas[38] em Atenas na ocasião dos preparativos para a expedição ateniense

[38] No inverno de 416-415, duas *póleis* gregas da Sicília, Segesta e Leontinos, solicitaram ajuda aos atenienses contra a ameaça representada por Selinunte e Siracusa. Os argumentos a favor da campanha, ressaltados

para a Sicília em 415, este diz que a que sobreviveu foi chamada de Mercúrio de Andócides (e não Hermes) (*Alcib*. 3.2) (Stem, 2012, p. 147-148).

Outro traço marcante em suas biografias é o fato de que os valores militares e a coragem pessoal de seus personagens estão, em alguma medida, subordinados aos valores intelectuais e civis (Oliveira, 2025, p. 140). Assim sendo, no conjunto das *Vidas* de Nepos, o "bom quilate dos varões" vincula-se a atitudes e comportamentos que valorizam o amor à pátria, que favorecem o erário público e a prática do evergetismo (Oliveira, 2025, p. 141). Vide, por exemplo, o firme desinteresse de Aristides pela riqueza privada (*Arist*. 3.2), ou a decisão de Trasíbulo de recolher dos inimigos tombados na batalha em Muníquia somente as armas que precisava e o necessário para sua subsistência e de seus partidários (*Tras*. 2.6). Ademais, diz-se que Cônon auxilia a reerguer as muralhas de Atenas destruídas por Lisandro e entrega a seus concidadãos os 50 talentos que havia recebido de Farnabazo (*Con*. 4.5, ver também 5.2). Enfim, poderíamos aludir ainda a muitos outros episódios (Nepos, *Timót*. 1.2-3, *Ages*. 4.1-3, 7. 3-4, 8. 3-5, *Timol.* 1.3 3.4, *Epam*. 7.5, 8-2).

Digno de nota, ademais, é que a versão de Nepos da carta de Temístocles (endereçada a Artaxerxes) é tão próxima da de Tucídides que parece não restar dúvidas, como aponta Stem (2012, p. 47), de que o biógrafo a traduziu diretamente do historiador grego. Entretanto, ele divide a longa sentença de Tucídides em unidades menores, enfatizando a última ideia do autor em um trecho subsequente (*Tuc*., 9.4). Todavia, a ordem e o conteúdo destas duas passagens evidenciam a competência de Nepos em compreender textos escritos em grego e de adaptá-los em latim, segundo seus interesses e objetivos literários. Mas o que nos chama a atenção, de fato, é a articulação que tece o biógrafo sobre a defesa de Temístocles de sua conduta contra Xerxes, e que difere sobremaneira do texto helênico. Nas palavras de Stem (2012, p. 47): "*In Thucydides, Themistocles says that it was necessary to ward of Xerxes when he was coming against him; in Nepos, it was necessary for him to war against Xerxes and to defend his homeland* (*patriamque meam defendere*)".

---

especialmente por Alcibíades, o qual, juntamente com Nícias e Lâmaco, fora designado comandante da frota de Atenas, consistiam na afirmação de que, se Siracusa não fosse contida, ela poderia conquistar grande parte da ilha e alterar o equilíbrio de poder em benefício dos peloponésios. De acordo com Tucídides, o estado de ânimo em Atenas em 415 era de ansiedade e entusiasmo (*Thuc*., 6.24.3). Outros homens, como Nícias, julgavam a iniciativa um risco tremendo, com grandes chances de resultar em uma tragédia, pois muitos desconheciam as reais dimensões da ilha e de suas defesas. Em meio a esse cenário, na manhã de 7 de junho de 415, os atenienses depararam-se com as estátuas de Hermes em Atenas com o rosto destruído e o falo arrancado, configurando uma notável profanação religiosa, mas também de dimensão política, pois muitos acreditavam que, dentre as razões para este ato, estava a de derrubar a democracia. De todo modo, como Hermes era o deus dos viajantes, o ataque soava como uma explícita advertência contra a expedição à Sicília (Kagan, 2006, p. 295-306).

Nesse sentido, o efeito desejado por Nepos com esta modificação, ao que parece, seria retratar Temístocles não tanto como um comandante individual, mas como um comandante grego, o que sugere fortemente uma consciência por parte do biógrafo de que a liderança militar deveria ser apresentada como um compromisso público, não privado. Por conseguinte, apesar de Nepos compreender a escrita de Tucídides suficientemente bem – como observamos a partir das semelhanças entre os dois textos –, verifica-se que ele se valeu de meios retóricos para enfatizar o patriotismo do biografado.

Corroborando com esta perspectiva, consideremos o seguinte trecho:

> Ainda que as coisas tivessem corrido mal, portanto, contava ainda com um número de tropas suficientes para derrotar seus inimigos; mas pela segunda vez, foi afastado de sua posição pelo mesmo Temístocles. Temístocles, em efeito, temeroso de que (Xerxes) decidisse continuar a guerra, o fez saber que naquele momento se estava decidindo na assembleia derrubar a ponte que ele havia mandado construir no Helesponto e impedir, desta maneira, seu regresso à Ásia, conseguindo convencê-lo disto. Assim, [o rei] logrou retornar à Ásia em menos de trinta dias, seguindo o mesmo caminho pelo qual antes havia investido seis meses, pensando que Temístocles não só não o havia vencido, mas que havia sido sua salvação. Foi desta maneira que a Grécia se viu livre graças à habilidade de um só homem, e a Ásia sucumbiu à Europa (Nepos, *Them*., 5.1-3)[39].

No entanto, é possível argumentar que o episódio foi inserido em sua narrativa não apenas em razão da estratégia do personagem ter sido bem-sucedida, mas especialmente porque ela favoreceu significativamente o interesse público (Stem, 2012, p. 51). Por conseguinte, o escritor afirma no começo do livro (*Pref*. 8) que pretende relatar a vida dos grandes generais (*uita excellentium imperatorum*), em outras palavras, a vida de homens notórios que desfrutavam de considerável autoridade no interior de suas próprias cidades, mas que não eram necessariamente seus governantes. Assim, como disserta Stem (2012, p. 20), Agesilau esteve entre os biografados justamente porque os reis espartanos não eram absolutos em poder, sendo "[...] rei mais de nome do que por seu autêntico poder real, tal como se sucedeu com os demais reis de Esparta[40]" (Nepos, *Os Reis*. 1.2), diferentemente de Ciro, por exemplo, que detinha o poder absoluto juntamente com o poder de comando (*dominatum imperio*). Assim, a inclusão

[39] *Hic etsi male rem gesserat, tamen tantas habebat reliquias copiarum, ut etiam tum iis* [*his*, ed. The Latin Library] *opprimere posset hostes. Iterum ab eodem gradu depulsus est. Nam Themistocles, verens ne bellare perseveraret, certiorem eum fecit id agi, ut pons, quem ille in Hellesponto fecerat, dissolveretur ac reditu in Asiam excluderetur, idque ei persuasit. Itaque qua sex mensibus iter fecerat, eadem minus diebus in Asiam reversus est seque a Themistocle non superatum, sed conservatum iudicavit. Sic unius viri prudentia Graecia liberata est Europaeque succubuit Asia*.

[40] [...] *nomine, non potestate fuit rex, sicut ceteri Spartani.*

de um personagem em *Liber De Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium* prescrevia, dentre outros, a posse do *imperium*, mas não o exercício do *dominatus* (Stem, 2012, p. 112).

Outro material que nos permite uma interessante reflexão sobre o uso das fontes por Cornélio Nepos é o texto de Xenofonte sobre Agesilau. O conteúdo entre as duas passagens é semelhante o suficiente para afirmar que o autor a seguiu; no entanto, há algumas diferenças esclarecedoras. O primeiro escreve que o espartano obedeceu à sua cidade e se refere aos éforos pelo seu número (Xen. *Ages*., 1.36), enquanto Cornélio Nepos diz que a obediência foi aos magistrados (*magistratuum*, 4.1); outro exemplo é que o autor grego nomeia o local de reunião dos éforos como ἐφορεῖον (*Ephoreium*) (1.36), enquanto Cornélio Nepos emprega a palavra *comitio* (*comitio asset Spartae*, 4.2). Convém observar, além disso, o fato de que Xenofonte retrata o personagem implicitamente como rei (7.2), ao passo que Cornélio Nepos o concebe como um cidadão privado (*privatus*, 4.2), sem qualquer prerrogativa real (Stem, 2012, p. 152).

Frente a essas três situações, é possível argumentar que o autor romano modifica o contexto cultural grego, aproximando-o de sua própria realidade e de seus leitores, possivelmente no escopo de um projeto de tornar a "Romanidade" ou *Latinitas* algo com valor universal, muito além de seu local de produção, consubstanciando uma literatura imperial, ao articular as informações referentes à *Vida* do personagem em um quadro exemplar que permite ressaltar suas qualidades de caráter (e.g., *modestia*). Como vimos no caso de Tucídides, essas divergências entre os relatos não significam incapacidade do biógrafo de transmitir o conteúdo de suas fontes, mas estão ligadas a seus objetivos moralizantes.

Por fim, cabe salientar que há vários motivos importantes para dedicarmo-nos a leitura das biografias de Nepos. Em primeiro lugar, quando ele escreve a história de seu próprio tempo, especialmente a partir da *Vida* de Ático, revelou-se um autor razoável (*fair-minded*) e crítico, além de ser uma fonte de extrema relevância para o período (Mellor, 1999, p. 142-143). Em segundo lugar, o *De Viris Illustribus*, em alguma medida, inspirou ou serviu como modelo para a obra mais importante de Plutarco (*Vidas Paralelas*) escrita mais de um século depois. E, finalmente, naquilo que mais nos interessa, tendo em vista a problematização que sustenta a presente dissertação, é o fato de que "*Nepos' biographies shed light on the concerns of the non political classes during the civil war*", nos oferecendo uma perspectiva distinta das produções de Cícero, Júlio César e Salústio, por exemplo. Assim, a partir de sua escrita, depreende-se o seguinte problema político: como remover da vida pública aqueles indivíduos que alcançaram demasiado poder em suas cidades e que, inevitavelmente, acabavam por destruir a si próprios e a seus partidários? (*Eum*. 8. 2-3).

Investigaremos esta questão com mais detalhes no próximo capítulo, considerando a afirmação de Mellor (1999, p. 143) de que o nosso entendimento sobre este momento histórico, sem dúvidas, foi enriquecido pela sobrevivência das biografias de Cornélio Nepos.

1.2 Discussão conceitual e considerações de cunho teórico

De início, convém salientar que os conceitos[41] empregados na presente dissertação refletem, em parte, minha trajetória acadêmica, e que configurar-se-ão nas ferramentas viabilizadoras da análise que realizaremos das biografias de Cornélio Nepos neste trabalho. Assim sendo, julgo importante esclarecer que a construção do conhecimento histórico é, essencialmente, provisória e incompleta, sobretudo em razão do estado fragmentário das fontes (especialmente daquelas produzidas na Antiguidade e que sobreviveram até nossos dias) e que uma mesma documentação pode ser lida e interpretada das mais diferentes maneiras. Assim sendo, empregando uma perspectiva ou abordagem distintas, outros pesquisadores podem revisar, atualizar, questionar ou complementar o que já foi produzido até então sobre determinado assunto. Nosso estudo, por conseguinte, não é exceção no que diz respeito a este processo.

Posto isso, entendemos a narrativa biográfica como uma representação da realidade, e que mesmo não sendo possível apreender os acontecimentos apresentados sobre determinado personagem como o que realmente aconteceu, nem por isso se deve negar a inserção das biografias no rol de fontes que permitem ao historiador moderno a construção de uma narrativa histórica dedicada à reconstrução factual do passado (Silva, 2008, p. 79-80), uma vez que está baseada em vestígios[42], que, por sua vez, são problematizados como fontes históricas.

---

[41] De modo simplificado, é possível argumentar que cada palavra nos remete a determinado sentido, e este, por sua vez, nos indica um conteúdo. Os conceitos, por conseguinte, exigem um certo nível de teorização e seu entendimento é também reflexivo. Segundo Koselleck (1992, p. 135-136), todo conceito é, simultaneamente, "fato" e "indicador", e não está limitado enquanto fenômeno linguístico, apontando para elementos que se situam para além da língua.

[42] Num nível epistemológico elementar, qualquer rastro deixado pelo passado pode servir como um documento para o historiador, desde que ele saiba como interrogá-lo. O vestígio ou a marca, assim, indicam o "passado da passagem", a anterioridade do arranhão ou entalhe, sem mostrar, portanto, aquilo que por lá passou. Conforme Ricoeur, são os homens do passado que os deixam, sobretudo a partir de suas atividades, coisas às quais Heidegger denomina "manejáveis" – casas, templos, escritos, sepulturas etc. O fato de o vestígio remeter a uma passagem, portanto, implica em uma síntese entre a marca cognoscível no presente e o acontecimento passado (Ricoeur, 1997, p. 207-208).

Por conseguinte, é imprescindível que, ao conduzirmos a análise destes materiais, consideremos suas especificidades, a conjuntura em que foram elaborados, os objetivos do/s autor/es e, não menos importante, não nos limitarmos a seu aspecto visível ou aparente. Nesse sentido, recordemo-nos de uma discussão proposta por Pedro Paulo A. Funari.

O autor argumenta que alguns discursos admitem, simultaneamente, estruturas superficiais e profundas. As primeiras, portanto, consistem na sequência explícita de seus elementos constitutivos, organizadas em parágrafos sucessivos que abrigam ideias concatenadas. Já as segundas, de acesso indireto e mediadas pelo raciocínio do pesquisador, estão vinculadas aos interesses e intenções do autor e do público, sendo sua reelaboração, inevitavelmente subjetiva, condicionada aos pontos de vista e conhecimentos do próprio analista (Funari, 2003, p. 27-28).

Assim sendo, como explicitado brevemente na introdução, os conceitos com que iremos trabalhar neste momento da dissertação são os de "*allelopoieses*", "retrato" e "repertório". Comecemos, pois, esclarecendo que o primeiro termo é um neologismo formado a partir das raízes gregas *allelon* ("mútuo", "recíproco") e *poíesis* ("criação", "geração") (Faversani; Joly, 2021, p. 99-100). Nesse sentido, ele pressupõe uma estreita conexão entre modificação e construção, características basilares dos processos de transformações que envolvem distintas temporalidades, podendo ocorrer de forma diacrônica ou sincronicamente. Por conseguinte, na medida em que novas configurações mutuamente dependentes são geradas, temos a criação do "novo" tanto na cultura de referência quanto na de recepção.

Não obstante, ao refletirmos sobre a produção biográfica de Cornélio Nepos, é notório que o autor recorreu a informações e elementos de diversas temporalidades (especialmente da antiguidade grega) para elaborar o seu trabalho, fundindo nele, ademais, perspectivas e percepções de sua própria época. O movimento contrário, entretanto, também é verdadeiro, ou seja, quando o autor se refere a seu presente, como na biografia de Ático, acaba projetando problemas e questões que emolduram e redefinem o que teria sido o passado, não raro, o idealizando e valorizando práticas e tradições que, no momento em que escrevia, reputava como inobservadas e desrespeitadas. Em resumo, ao debruçar-se sobre outras épocas a partir da realidade tardo-republicana, o biógrafo interpretava e concebia de modo distinto ambas as temporalidades (passado e presente) readequando-as e modificando-as segundo suas concepções e objetivos literários. Todavia, como inferem Fábio Faversani e Fábio D. Joly (2021, p. 106), a relação entre passado e presente não acontece de forma direta, mas por meio da mobilização de tradições interpretativas "sem as quais essa construção recíproca não pode ser operada ou compreendida por um público erudito ao qual se dedica primariamente".

Por conseguinte, Michel de Certeau, em *A Escrita da História* (1982), afirma que toda pesquisa historiográfica (e, por tabela, biográfica, levando em conta que o gênero também se apoia em fontes históricas para sua constituição) se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural com determinações próprias, seja ele uma profissão, posto de observação ou ensino, uma categoria de intelectuais, e assim por diante (Certeau, 1982, p. 66). Desse modo, o autor argumenta que semelhantes produções estão, consequentemente, submetidas a certas imposições (circunstanciais/conjunturais), eventualmente ligadas a privilégios e enraizadas nas particularidades e idiossincrasias do pesquisador. Assim sendo, é em função destes "lugares" que se instauram os métodos, que são engendradas as tipografias de interesses, nos quais os documentos e as questões que perpassam pelo escopo do investigador se organizam.

Assim, toda interpretação histórica depende de um sistema de referências que, em certo sentido, configura-se como uma "filosofia" implícita e particular que permeia o esforço de análise, ditando partes de sua organização e articulando-se de maneira indissociável à subjetividade do autor. Certeau continua dizendo que, em essência, é um mesmo movimento que ordena a sociedade e as ideias que nela circulam, distribuídos em "regimes de manifestações", sejam eles econômicos, sociais ou científicos, que interagem entre si preservando suas distinções. Assim sendo, "os sistemas sócio-econômicos e os sistemas de simbolização se combinam sem se identificar nem se hierarquizar" (Certeau, 1982, p. 69).

Diante do exposto, verifica-se que uma "situação social", no caso que nos interessa (as disputas aristocráticas e a instabilidade política que caracterizaram o último século da República romana), com base em Certeau, pode alterar profundamente as metodologias de trabalho e as tipologias do discurso. Como vimos anteriormente, Cornélio Nepos foi o precursor de um novo gênero literário (a biografia política), o que parece corroborar com esta assertiva. Por fim, convém ressaltar que a prática histórica/biográfica é, em sua totalidade, relativa à estrutura na qual se organiza e se fundamenta determinada sociedade (Certeau, 1982, p. 74). Em suma, o autor sintetiza que:

> A articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade. Sabe-se, aliás, que tanto no marxismo quanto no freudianismo não existe análise que não seja integralmente dependente da situação criada por uma relação, social ou analítica (Certeau, 1982, p. 76).

Entretanto, antes de apresentarmos os outros conceitos que utilizaremos nesta dissertação, faz-se pertinente refletirmos sobre as implicações que envolvem a transformação dos vestígios históricos em fontes de pesquisa. Por conseguinte, Reinhard Koselleck disserta

que, neste processo, o historiador movimenta-se basicamente em dois planos: “ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios” (Koselleck, 2006, p. 305). No que diz respeito ao primeiro, enquadram-se os conceitos que já ocupam um lugar em determinada tradição linguística e que possibilitam um acesso heurístico às realidades do passado. No segundo caso, portanto, estão os conceitos e categorias científicas posteriores aos eventos estudados e que não encontram, necessariamente, sua existência atestada nas fontes.

Além disso, eles podem denotar, simultaneamente, categorias históricas, como a ideia de Revolução, por exemplo, razão pela qual é indispensável esclarecer a maneira pela qual estes serão utilizados. Segundo Koselleck (2006, p. 305-306), é a história dos conceitos que estuda e avalia essas diferenças, bem como as convergências entre os conceitos antigos e as atuais categorias do conhecimento, atuando como uma espécie de propedêutica para uma teoria científica da história. Exposto isso, gostaria de abordar, ademais, a reflexão do autor sobre os “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa”.

Como categorias formais, elas estão limitadas a nos propiciar somente a fundamentação de possibilidades de uma história, não sendo capazes, entretanto, de predizer aquilo que de fato se experienciou ou se espera. Desse modo, destaca-se que “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (Koselleck, 2006, p. 306). Ao seguirmos com a argumentação, é importante que tenhamos em mente o caso específico de Cornélio Nepos e as informações que apresentamos anteriormente a respeito deste autor romano.

A experiência, por um lado, pode ser compreendida nos termos de um “passado atual” em que os acontecimentos foram incorporados e de onde podem ser recordados. Nela, portanto, se fundem tanto as elaborações racionais de comportamento como suas formas inconscientes. A expectativa, por outro, está vinculada à pessoa e ao interpessoal, e é entendida como uma espécie de “futuro presente”, voltada para o não experimentado e para aquilo que pode ser teoricamente previsto, integrando elementos como o medo, esperança, inquietude, desejo, além da análise racional e, não raro, um ponto de vista receptivo e de curiosidade (Koselleck, 2006, p. 309-310).

As duas categorias nos interessam em razão de que ambas são adequadas para tratarmos do tempo histórico, levando em conta que elas possibilitam o entrelaçamento entre passado e futuro. Além disso, lançam luz para as ações concretas dos movimentos sociais e políticos. Contudo, convém esclarecer que uma expectativa jamais pode ser deduzida inteiramente da

experiência, pois que "uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas, ao passo que a experiência futura, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais" (Koselleck, 2006, p. 310). Diante do exposto, é plausível nos referirmos à primeira como "espaço" e à segunda como "tempo", reconhecendo que estas duas noções se entrelaçam de maneira desigual, e que a interação e a mútua alteração entre elas originam, dentre outros, uma estrutura de prognóstico. Em acréscimo, elas também são constitutivas da história e de seu conhecimento, e evidenciam a relação entre passado e futuro.

Isso nos remete, em certo sentido, à proposta de *allelopoiesis* que observamos anteriormente. Cornélio Nepos certamente olhou para o passado grego, por exemplo, buscando inspiração para a constituição de sua narrativa biográfica, imerso em um espaço de experiência específico, marcado pela violência na vida pública e pela imoderação nas disputas pelo poder político em Roma. Assim, a relação e modificação recíproca entre estas distintas temporalidades nos remete a uma categoria estrutural da história "de que o futuro histórico nunca é o resultado puro e simples do passado histórico" (Koselleck, 2006, p. 312-313). Noutros termos, o biógrafo, ao direcionar seu olhar para o passado, certamente avaliou as possibilidades do porvir de seu tempo (horizonte de expectativas), refletindo sobre as possíveis soluções para os problemas que testemunhava[43].

Diante destes esclarecimentos, gostaria de acrescentar que, na condução de nossa pesquisa, nos apoiaremos nos pressupostos da História Comparada a partir de Marc Bloch (1998), bem como no conceito de *exemplum*, o qual discutiremos no terceiro capítulo dessa dissertação. Assim, julgo conveniente que no entender de Bloch (1998, p. 120-121), comparar significa escolher "[dentre] um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças", geralmente incluindo um esforço de explicar umas e outras, assertiva que estenderemos em nossa análise das biografias de Ático e Epaminondas.

Exposto isso, gostaria de apresentar ao leitor neste momento do trabalho os outros dois conceitos mencionados no início deste tópico, a saber: o de "repertório" e "retrato". É importante que os consideremos à luz do que vimos anteriormente, de modo a favorecer uma

[43] Digno de nota, porém, é o que o autor diz sobre Cícero, de que este "[...] predisse não apenas os futuros acontecimentos que lhe ocorreram enquanto [estava] vivo, mas que também profetizou, como um adivinho, o que agora estava acontecendo" (Nepos, *Ático*, 16.4) – *on enim Cicero ea solum, quae vivo se acciderunt, futura praedixit, sed etiam, quae nunc usu veniunt, cecinit ut vates.*

compreensão mais assertiva de suas implicações e evidenciar os vínculos que mantêm com os processos políticos e sociais, podendo ser empregados no estudo das mais diversas temporalidades. Comecemos, então, com o conceito de retrato. Ele pode ser lido como uma espécie de "imagem" criada por meio de mecanismos retóricos para a caracterização de determinada personagem[44]. A palavra deriva do verbo "*retraho*", que significa "retirar"; isso quer dizer que, em uma narrativa, o autor retira argumentos a partir das características de pessoas ou acontecimentos que considera úteis para a representação de certa personagem ou situação (Azevedo, 2012, p. 25, 50). O retrato, não obstante, implica em uma "composição" de elementos que não estão necessariamente juntos, geralmente organizados em uma estrutura narrativa e vinculados a práticas retóricas.

Neste sentido, a verossimilhança no que diz respeito ao "caráter verdadeiro" de um indivíduo biografado, por exemplo, seria um produto do decoro, uma vez que o autor não se furta de utilizar dispositivos retóricos, adequando-os a seu gênero literário e elaborando a partir deles um caráter exemplar – o que nos remete à noção de *exemplum* que discutiremos mais detidamente no terceiro capítulo. Todavia, destacamos que é importante que o biógrafo o faça em atenção a um regime de plausibilidade, valendo-se de elementos previamente existentes que tornem possível atingir-se o verossímil e construir sua autoridade enquanto autor – os leitores certamente não estão interessados em ler puras invenções.

Por fim, no que diz respeito ao "repertório", é possível arguir que ele implica um processo de mescla e fusão de distintas temporalidades em diferentes sínteses que se comunicam mediante uma tradição, estando sujeito, por conseguinte, a contínuas reapropriações e modificações. Noutros termos, o que se opera são múltiplas possibilidades de leitura de uma mesma pessoa ou acontecimento, visando especialmente à constituição da *Vida* de determinada personagem, em diálogo com o que a retórica antiga apresenta como *inuentio*.

Esta última, por sua vez, como disserta Faversani, corresponde ao:

> [...] repaso amplio y más libre de las diferentes materias que podrían servir de referencia, de base, para la composición del discurso. La *inuentio* propicia la reunión de todo ese material que ya se conoce y que puede ser reelaborado y recompuesto para producir algo nuevo y persuasivo (Faversani, 2024, p. 260).

Por conseguinte, o repertório correspondente a certo indivíduo é redesenhado com o tempo, preservando características previamente estabelecidas e vinculadas a feitos passados e, consequentemente, combinando-se com relatos de épocas anteriores e contribuindo para a

[44] Em poucas palavras, seria uma "composição feita pelo autor para um fim determinado" (Coelho, 2021, p. 267).

construção de uma imagem crível e reconhecível do personagem em questão, o que culmina em uma acumulação de registros discursivos sobre este (Faversani, 2024, p. 261). Nesse sentido, entendemos que Cornélio Nepos posiciona-se como conhecedor de determinado repertório para seu público pouco helenizado, do qual falamos anteriormente, buscando ao mesmo tempo elevar o que ele considera os "incultos" (i.e., os desconhecedores dos assuntos gregos) e ser exaltado pelo público culto, que compreende a elite intelectual romana (da qual pertencem seus conterrâneos Catão, o Jovem, Cícero, Ático e outros).

Seja como for, a tradição, no que concerne a algum indivíduo em específico não pertence apenas ao passado ou ao presente, mas está mesclada em temporalidades e sínteses distintas que, na perspectiva de Ana Lúcia Santos Coelho (2021, p. 30), são reapropriadas e reinterpretadas de acordo com o surgimento de novos eventos e interesses capazes de mobilizar (não raro, de maneira crítica) novas leituras, tanto no passado quanto no presente. Diante disso, salientamos que a maneira pela qual Cornélio Nepos optou por representar seus biografados reflete parte de uma tradição que se desenvolve reciprocamente em temporalidades variadas, o que resulta, portanto, em um movimento de *alellopoiesis*.

Desta feita, o fato de o biógrafo ter testemunhado o período das guerras civis e das agitações públicas que se desenrolaram em Roma no século I condicionou, em certa medida, a seleção, classificação e questionamento de elementos pertencentes a realidades distintas, que integrarão parte da estrutura de suas biografias. Não obstante, é preciso levar em conta os objetivos literários e políticos do autor, bem como suas expectativas com relação ao seu presente. Assim sendo, essas *Vidas* enquadrar-se-ão em um repertório mais amplo que será, consequentemente, reaproveitado pela posteridade.

Porém, é preciso atentarmo-nos para os conflitos existentes no interior de cada uma das diferentes culturas envolvidas nesta elaboração e estarmos cônscios de que são mediadas por uma tradição que em si mesma não é "unilinear" nem "unívoca", mas antes um processo no qual "[...] os autores e seus ouvintes operam seleções, acréscimos e supressões, ou, para usar a terminologia dos romanos antigos, *inuentio* e *dispositio*" (Faversani; Joly, 2021, p. 106).

Neste ensejo, considerando que nossas fontes também foram constituídas por recursos retóricos, reputamos os conceitos anteriormente apresentados como fundamentais para um melhor entendimento delas, de modo a valorizar os aspectos iniciais e finais de sua constituição, a tradição que as conecta e as disputas e tensões que as envolvem.

Dito isso, gostaria de propor ao leitor uma reflexão a partir de uma carta de Cícero endereçada a Caio Cássio Longino[45] (*Ad familiares*, V, 12, 1; 7), que diz o seguinte:

> Ardo de um desejo incrível e, na minha opinião, nada censurável, de que meu nome ganhe brilho e celebridade por meio de teus escritos. Embora muitas vezes prometas que o farás, gostaria que perdoasses esta minha impaciência: é que, embora eu tenha sempre aguardado ansiosamente conhecer a natureza de teus escritos, ela superou minha expectativa, me tomou e incendiou de tal forma, que desejei que os meus feitos fossem o mais rapidamente possível confiados a teus relatos históricos. De fato, não me arrebata apenas a ideia da recordação por parte da posteridade e certa esperança de imortalidade, mas também o desejo de desfrutar, ainda vivo, seja da autoridade de teu testemunho, seja da marca de tua benevolência, seja do encanto de teu engenho. [...] E, de fato, não era por favorecimento que o famoso Alexandre queria ser pintado sobretudo por Apeles[46] e esculpido por Lisipo[47], mas porque julgava que a sua arte seria motivo de glória tanto para eles quanto para o próprio Alexandre[48].

A nossa intenção ao apresentar este trecho é a de evidenciar o uso apropriado da retórica por parte do biógrafo como uma forma de se projetar em um cenário de competição aristocrática. Neste momento histórico, a busca por reconhecimento entre os pares podia se dar por meio das vias tradicionais, representadas pela glória militar e pelo exercício de magistraturas, mas também pela literatura, que se coloca em posição elevada por, inclusive, ser a via pela qual se gerava a memória das duas anteriores, que, por si mesmas, eram efêmeras. Lemos na passagem acima que Cícero solicita a seu amigo para que ele escreva a seu respeito (*nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis*), exemplificando que, assim como Apeles, ao pintar Alexandre, e Lisipo, ao esculpi-lo, trouxeram glória tanto para si próprios quanto para o retratado. A afirmação de que a fama do artista é aumentada na medida em que ele exalta a fama alheia, com alguns cuidados, pode se estender ao gênero biográfico e ao texto de nosso autor. Como ressaltamos anteriormente, o *De Viris Illustribus* foi escrito possivelmente a pedido de Ático, que também foi o homem que recebeu a dedicatória deste trabalho (*Pref.* 1.1).

---

[45] *Gaius Cassius Longinus* (c. 85-42) ocupou o cargo de senador em Roma. Além disso, envolveu-se nas conspirações contra Júlio César.

[46] Foi um pintor grego (c. 370-306), conhecido especialmente a partir de Plínio, o Velho (*Naturalis Historia* 35.36.79-97).

[47] Escultor grego (c. 390-300), desfrutou de considerável reconhecimento no período clássico.

[48] *Ardeo cupiditate incredibili neque, ut ego arbitror, reprehendenda nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis. quod etsi mihi saepe ostendis te esse facturum, tamen ignoscas velim huic festinationi meae. genus enim scriptorum tuorum, etsi erat semper a me vehementer exspectatum, tamen vicit opinionem meam meque ita vel cepit vel incendit ut cuperem quam celerrime res nostras monumentis commendari tuis. neque enim me solum commemoratio posteritatis ac spes quaedam immortalitatis rapit sed etiam illa cupiditas ut vel auctoritate testimoni tui vel indicio benevolentiae vel suavitate ingeni vivi perfruamur. [...] Neque enim Alexander ille gratiae causa ab Apelle potissimum pingi et a Lysippo fingi volebat, sed quod illorum artem cum ipsis tum etiam sibi gloriae fore putabat*. A tradução para o português é de Scatolin (2001).

O tom elogioso que Cornélio Nepos confere a esta *Vida* é evidente (*Ático*, 11.5-6); além disso, ele não perdeu a oportunidade de mencionar os vínculos de *amicitia* que mantinha com o personagem (*Ático*, 13. 6-7). Nesse sentido, considerando que, tratando-se de amizade, na concepção do biógrafo, "valem mais as semelhanças de caráter do que os próprios vínculos de família" (*in amicitia valere similitudinem morum quam affinitate*, 5.3) é possível argumentar que o autor, valendo-se de um movimento retórico, afirma possuir um caráter semelhante ao de seu amigo e, de modo mais ou menos explícito, diz ser tão valoroso quanto ele, de maneira que, ao ressaltar a fama do outro, ressaltava a sua própria.

Outro elemento que nos chama a atenção é a "ideia da recordação para a posteridade e certa esperança de imortalidade" (*commemoratio posteritatis ac spes quaedam immortalitatis***)** que Cícero menciona na carta. Identificamos semelhante assertiva em Dionísio de Halicarnasso (*Ant. Rom*. 1.6.3), que diz que "os homens corajosos que cumpriram seu destino alcançarão glória imortal e serão exaltados pela posteridade, o que torna a natureza humana semelhante à divina e impede que as ações dos homens pereçam com seus corpos"[49]. Diante disso, é possível arguir que Cornélio Nepos também desejasse ser lembrado ao produzir sua obra, além de constituir uma autoridade junto a seus leitores a respeito do assunto que relata. De acordo com essa perspectiva, suas biografias seriam úteis não apenas para o presente, mas também para o futuro, que teria acesso a um melhor entendimento do momento histórico no qual estas *Vidas* foram constituídas. Vide, por exemplo, o que o autor diz sobre a correspondência entre Cícero e Ático:

> Nelas se encontra, em efeito, tudo o que se pode dizer sobre as ambições dos principais [cidadãos], dos erros dos generais, das mudanças experimentadas pelo estado romano, de tal maneira que, nelas, se encontra tudo detalhadamente, o que se faz pensar com razão que a discrição seja em certa medida uma espécie de adivinhação[50] (Nepos, *Att*., 16.4).

Desta feita, concordamos com Faversani e Joly (2013, p. 145) de que o exercício de pensar uma obra literária e suas características, dentre elas, os mecanismos retóricos que a integram, deve ser realizado conjuntamente com uma reflexão sobre a história política e social de Roma que esta fonte nos permite conhecer. É com isso em vista que conduzimos o leitor

---

[49] τοῖς μὲν ἐκπεπληρωκόσι τὴν ἑαυτῶν μοῖραν ἀνδράσιν ἀγαθοῖς δόξης αἰωνίου τυχεῖν καὶ πρὸς τῶν ἐπιγιγνομένων ἐπαινεῖσθαι, ἃ ποιεῖ τὴν θνητὴν φύσιν ὁμοιοῦσθαι τῇ θείᾳ καὶ συναποθνήσκειν αὐτῆς τὰ ἔργα τοῖς σώμασιν – consultamos a versão em português de Marcelo Barbio Rosa (2025).

[50] *Sic enim omnia de studiis principum, vitiis ducum, mutationibus rei publicae perscripta sunt, ut nihil in iis* [*his*, ed. The Latin Library] *non appareat et facile existimari possit prudentiam quodam modo esse divinationem. Non enim Cicero ea solum, quae vivo se acciderunt, futura praedixit, sed etiam, quae nunc usu veniunt, cecinit ut vates*.

para o segundo capítulo, no qual trataremos destas questões contextuais que nos possibilitarão um entendimento mais preciso da escrita biográfica de Cornélio Nepos.

Entretanto, antes de iniciá-lo, gostaria de tecer algumas considerações sobre o campo historiográfico no qual podemos inserir nosso estudo, a História Intelectual. Por conseguinte, é importante destacarmos, em um primeiro momento, que nossas experiências influenciam diretamente nossa percepção com relação ao objeto a ser investigado, engendrando uma espécie de estrutura de referências que nos impele, portanto, a classificar o material que dispomos de acordo com o que nos é familiar (Skinner, 2017, p. 361).

Diante disso, o autor segue argumentando que conduzir uma análise unicamente a partir do material textual não é suficiente, é preciso que observemos, dentre outros, a "força de intenção" que permeia a exposição de dada ideia, bem como aquilo que o indivíduo fazia ao elaborá-la (Skinner, 2017, p. 390-391, 939). Além disso, devemos estar atentos as distintas e possíveis articulações do vocabulário que, não raro, podem se apresentar em configurações contrastantes.

Em resumo, Quentin Skinner disserta que é importante que levemos em conta, simultaneamente, a intenção implícita que permeia determinado texto, a intenção que representa seu ato comunicativo e o público a que se destina. Eu acrescentaria, ainda, os elementos atinentes a seu contexto histórico de produção, discussão que realizaremos proximamente.

Pois bem, feitas estas considerações, convém recordarmo-nos que o termo "intelectual", por sua vez, não existia no contexto da Antiguidade, e foi cunhado somente no século XIX durante a Terceira República Francesa (vide o "Caso Dreyfus"). Entretanto, a prática intelectual sim, como se verifica através da "atuação de pensadores que, a partir de sua formação, indagam sobre os modos de pensar, agir e sentir das sociedades em diversas épocas e lugares" (Ehrhardt; Antiqueira, 2014, p. 8) – caso de Cornélio Nepos, portanto. Nesse sentido, tomamos sua vida e obras como autênticos instrumentos viabilizadores de um melhor entendimento acerca do período tardo-republicano, que nos permitem, ademais, mapear itinerários, movimentos intelectuais e outros elementos relacionados ao âmbito cultural, político e social. Desse modo, é importante estarmos cientes de que as ideologias e perspectivas com relação ao mundo, como ressalta Carlos Eduardo Vieira (2008, p. 74-75), não são engendradas na relação do indivíduo com sua própria consciência, exclusivamente, mas sim do grupo social com seu meio cultural.

No entanto, utilizar o termo intelectual[51] referindo-se às sociedades antigas pode acarretar equívocos e anacronismos, o que torna necessária uma avaliação e problematização

[51] A História intelectual volta-se em especial para a análise da produção, disseminação e recepção das ideias e discursos políticos (ao lado dos científicos, pedagógicos e artísticos), reassociando-os ao contexto nos quais foram

do conceito, estabelecendo critérios de aplicação válidos para a Antiguidade. Tal estudo, por conseguinte, não se reduz apenas à observação de suas características aparentes, mas remete às condições históricas que tornaram possível sua representação em sua dimensão "diacrônica", ou seja, como fenômeno análogo em distintos momentos históricos (Barrionuevo, 2016, p. 6). O autor disserta, ainda, que a ideia de "intelectual" assume basicamente três significados, correspondendo àquelas pessoas que: a) realizam atos de pensamento; b) cuja tarefa é pensar; c) que constituem um sujeito de enunciação coletivo.

Em nosso caso, pensamos o "intelectual" como aquele agente que procura formular respostas frente àquilo que é percebido como problemático no campo da experiência política, ainda que o faça fora do marco institucional. Desse modo, atentamo-nos para as práticas que esse sujeito emprega para intervir em sua realidade, bem como o modo pelo qual articula símbolos e conceitos buscando tematizar o que é percebido como "problemático". Em síntese, entendemos que Cornélio Nepos não apenas fez uso da função política do discurso biográfico, mas também participou dos processos de constituição do sentido da linguagem durante o período tardo-republicano, uma vez que o intelectual se configura como parte constituinte dos mecanismos responsáveis por assentar as bases que delimitam as coordenadas através das quais as ideias podem deslocar-se (Barrionuevo, 2016, p. 14-15).

Desta feita, os intelectuais são tomados, simultaneamente, como "sujeitos e objetos, interpretações e práticas sociais, ciência e arte política" (Vieira, 2008, p. 81). À sua volta, consequentemente, forma-se uma complexa teia de representações ambivalentes, com intenções conflitantes e ações que se influenciam mutuamente, em distintas temporalidades, e que podem acarretar consequências não intencionais. Esse cenário evidencia, por conseguinte, a polissemia das palavras e as disputas ideológicas e políticas que perpassam o estudo destes materiais/intelectuais. Assim, o nível pragmático de um enunciado, por exemplo, não se subordina inteiramente ao nível mais profundo das "regularidades estruturais", no âmbito linguístico ou cultural que, embora o restrinja, em certa medida, não o determina completamente (Jay, 2011, p. 562). Seja como for, reconhece-se que, para conduzir devidamente uma investigação sobre um autor e sua obra, como Cornélio Nepos e o *De Viris Illustribus*, faz-se necessário considerar as práticas sociais perpetradas pelo indivíduo, seus

elaborados e recebidos. Isso acarreta, então, uma maior aproximação com os usos e estudos das linguagens, dos ofícios vinculados à esfera intelectual, dos modos como a cultura é transmitida e das particularidades referentes aos meios e locais em que o conhecimento é difundido (Vieira, 2008, p. 80). Entretanto, sabemos que os textos e autores são objetos de significações plurais e móveis, e organizam-se na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro dos elementos que compõem sua estrutura, nas suas formas e motivos e assim por diante (Ehrhardt; Antiqueira, 2014, p. 8).

lugares de enunciação, suas redes de sociabilidade, bem como seus compromissos políticos com as elites, compreendidas em sua diversidade.

Diante disso, cabe ao pesquisador estar consciente do que já foi produzido até então sobre seu objeto de estudo e das significações que aderiram a ele ao longo do tempo, o que não significa, todavia, adotá-las, efetivamente. Investigar, como argumenta Vieira (2008, p. 83), pressupõe autonomia de pensamento e a capacidade de ressignificar sentidos valendo-se de evidências empíricas, ou seja, das fontes históricas. Como parte desse processo de apreender o sentido de um texto por meio de uma reconstituição parcial do contexto no qual este foi elaborado, situa-se o entendimento do vocabulário normativo específico da época. Agindo assim, segundo Marco Antônio Lopes, é possível alcançar os princípios que eram particulares a estes autores em determinada realidade, "pois o discurso político é sempre referente a uma prática social de intervenção" (Lopes, 2015, p. 24-25, 29).

Como sabemos, o passado, como campo interpretativo, é inesgotável e apresenta uma riqueza de interpretações e controvérsias relacionadas às mais diferentes épocas da história humana. Quando uma investigação histórica assume aspectos contextualistas, por exemplo, dentre as intenções do pesquisador está a de se alcançar o "sentido intentado" pelo autor ao constituir seu texto. O que nos leva, portanto, a esclarecer de modo mais nítido a diferenciação entre o sentido e significado de determinada obra. Antoine Compagnon (1999, p. 86), por conseguinte, argumenta que o primeiro está relacionado àquilo que permanece estável na recepção de um texto e ao que ele originalmente pretendia dizer, podendo ser tomado como um objeto de interpretação. Já a significação, por sua vez, corresponde à mudança na recepção de um texto e lhe confere um sentido em relação a uma situação, sendo de caráter variável, plural e, possivelmente, infinito. É particularmente interessante, neste ponto de vista, a analogia que tece o autor entre a escrita e o ato de caminhar. Ele admite que, embora o conjunto dessas ações (tensionar os músculos, mover as pernas, levantar os pés etc.) não seja premeditado, assim como os detalhes do poema não são projetados, não mais que todos os gestos do caminhar, não resulta daí que esses detalhes não sejam intencionais, nem que o autor não quisesse estabelecer certos sentidos associados a eles.

Por conseguinte, segundo Skinner (2017, p. 395-396), uma abordagem esclarecedora de um texto implica, especialmente, identificar as ligações existentes entre seus pronunciamentos e seu contexto de produção, o que permite, com algumas limitações, delinear as possíveis intenções do autor. Desta feita, o foco apropriado de investigação seria essencialmente linguístico, e a metodologia adequada, aquela capaz de identificar tais intencionalidades. Assim sendo, em nosso estudo das biografias de Cornélio Nepos, os elementos contextuais assumem

grande relevância, uma vez que, dentre outros, auxiliam a decidir quais "significados reconhecíveis" (Skinner, 2017, p. 396) poderiam estar à disposição do biógrafo, podendo ser utilizados, também, para avaliar a "plausibilidade relativa de inscrições de intencionalidade compatíveis" (Skinner, 2017, p. 396).

Em resumo, segundo o autor, uma afirmação pressupõe, necessariamente, a materialização de uma intenção particular, além disso, é proferida em uma ocasião específica, que por sua vez, enquadra-se em determinado contexto. Seja como for, o pesquisador deve esforçar-se no sentido de intensificar suas relações com os vestígios do passado.

Dominick LaCapra, por exemplo, assevera que o texto não é um mero documento, mas sim um material que tem a capacidade de complementar a realidade existente, podendo evidenciar, ademais, as definições predominantes sobre esta (LaCapra, 1998, p. 267). Em um contexto tradicional, não obstante, estas produções literárias frequentemente apontam para as normas e valores ameaçados, mas ainda percebidos como viáveis, assumindo, simultaneamente, um tom crítico e político, como podemos observar nas biografias de Cornélio Nepos quando o autor se refere de modo pejorativo a seu próprio tempo, especialmente se comparado com outros períodos históricos (Nepos, *Ages*. 4.2; *Eum*. 8.2-3; *Cat*. 2) onde a tradição era observada e as leis respeitadas, neste ponto de vista.

Entretanto, verifica-se que o analista moderno direciona sua atenção para estes materiais visando

> [...] extrair dele aquilo que lhe diga respeito no tempo presente da leitura, ou até em outros tempos distintos quase nunca coincidentes com a época da própria elaboração. Agindo assim, assume finalidades essencialmente pragmáticas que, no limite, imporão ao texto analisado elementos que lhe são inteiramente estranhos (Lopes, 2015, p. 25-26).

Neste ensejo, inevitavelmente projeta-se (conscientemente ou não) uma série de elementos que são alheios a estes textos, e que correspondem a outras temporalidades históricas. Assim sendo, autor e intérprete situam-se em contextos determinadores de diferenças, o que se desdobra na ampliação das significações, razão pela qual é imprescindível aproximarmo-nos das tradições intelectuais da época (nas quais as obras estão inseridas), percebendo suas maneiras próprias de racionalidade[52]. Desta feita, o que se opera é um diálogo entre passado e

[52] Convém destacar que a História Intelectual, além disso, tende a atuar mais em nossas interpretações ou usos dos textos do que nos textos em si, dos quais podemos abstrair ideias e "estruturas da consciência" que estão intimamente imbricadas em modos gerais e formalizados de discurso e em configurações simbólicas, a exemplo da literatura, filosofia, mito, religião, ciência, entre outros (LaCapra, 1998, p. 250). Assim sendo, a relação entre uma tradição prolongada, um momento histórico específico e o próprio texto não pode ser concebida por uma noção de continuidade e descontinuidade simplesmente. Tampouco deve-se considerar um texto como uma exemplificação ou ilustração de dada tradição ou época, mas, antes, problematizar o modo como estas últimas e o

presente, o que pressupõe uma complexa e sutil relação de proximidade e distanciamento entre o historiador e seu objeto de estudo (LaCapra, 1998, p. 240). É esta interação dialógica, portanto, que nos impele a refletir sobre o uso que o pesquisador faz da linguagem– os recortes, juízos, estilizações, e assim por diante –, e como ele se dirime "*através de factores críticos que no pueden reducirse a la predicación fáctica o la aserción autoral directa sobre la 'realidad' histórica*" (LaCapra, 1998, p. 240).

Em outros termos, podemos apreender estas produções textuais como um "[...] *'lugar' de intersección de la tradición prolongada y la época específica,* [...]" (LaCapra, 1998, p. 262-263). Além disso, eles não estão "imobilizados", nem se apresentam como uma espécie de "nó autônomo", mas situam-se, conforme LaCapra, em uma rede plenamente relacional. Nesse sentido, a adoção de uma abordagem dialógica tem como intuito, dentre outros, estimular o leitor a conduzir criticamente sua própria leitura ou releitura de certa obra literária ou fonte primária, preservando espaço para reflexões independentes com base nos elementos apresentados pelo autor, assertiva que adotaremos na condução de nosso estudo das *Vidas* de Cornélio Nepos, objetivando favorecer leituras igualmente verossímeis e rechaçar qualquer tentativa de determinismo nesse sentido.

Para concluir, como nos recorda Lopes (2015, p. 29) a partir de Thomas Carlyle, é nos textos antigos em que habita toda a alma do tempo passado, uma vez que quase nada mais nos resta "de sua substância material", configurando-se no legado mais valioso de um mundo que já não existe mais. Contudo, não custa lembrarmo-nos de que as interpretações decorrentes destes textos não nos conduzem a conclusões definitivas, e de que sua história é, em grande medida, a história de suas interpretações e de seus usos divergentes e conflitivos (LaCapra, 1998, p. 255).

Diante do exposto, e uma vez estabelecidas as bases conceituais que fundamentam a presente dissertação, passamos agora para o segundo capítulo. Nele, à luz do que discutimos anteriormente e em conformidade com a problemática que orienta nosso trabalho, investigaremos de forma mais detida o contexto histórico de produção das biografias de Cornélio Nepos e como elementos provenientes de seu próprio tempo inscrevem-se em sua narrativa.

---

texto repetem-se a si mesmas umas nas outras com variações, sendo a questão a ser investigada, segundo LaCapra (2011, p. 262), o grau de importância dessas variações e a maneira como analisá-las.

Capítulo II

Do *pilum* ao *calamus*: as guerras civis tardo-republicanas na escrita de Cornélio Nepos

No presente capítulo, problematizaremos particularmente de que maneira o contexto tardo-republicano aparece na escrita biográfica de Cornélio Nepos, ou seja, como o autor articula elementos de seu presente na narrativa que elabora sobre a *uita* de grandes generais não-romanos, pertencentes às mais distintas temporalidades, atentando-nos para as tensões aristocráticas no interior do sistema político romano e nas disputas pelo poder. Diante disso, nos debruçaremos sobre a conjuntura histórica do período, marcada por profundas transformações nas relações sociais, pela instabilidade política e por um processo de concentração de poder e autoridade nas mãos de generais bem-sucedidos que, posteriormente, culminará no que conhecemos como Principado. Assim sendo, convém recordarmos o fato de que a fronteira entre República e Principado é mais extensa do que é usualmente apresentada (Faversani, 2013, p. 149-150)[53] — uma perspectiva centrada sobretudo na figura de Augusto —, remetendo-se, pelo menos, à Segunda Guerra Púnica, se tomarmos como exemplo personalidades como Cipião Africano e, posteriormente, homens como Lúcio Cornélio Cina, Caio Mário, Cneu Pompeu, dentre outros, que acumularam grandes poderes e magistraturas.

No capítulo anterior, apresentamos algumas considerações sobre a relevância dos elementos contextuais para a interpretação de determinado texto, atentando-nos, também, para aspectos da tríade: autor, texto e contexto. Desse modo, considerar estes elementos conjunturais no presente estudo nos permite, em alguma medida, refletir sobre a maneira pela qual o biógrafo compreendeu e interpretou a *Vida* dessas grandes personalidades militares frente às vicissitudes de seu tempo. Nesse sentido, consideremos a assertiva de Stem (2012, p. 126) de que a política de Cornélio Nepos é "consistentemente republicana", e que este apresenta uma visão crítica da condição da república romana durante o tempo em que viveu. Entretanto, isso não significa dizer que o biógrafo, de algum modo, previu a "restauração da República" que realizaria Caio Otávio, tendo em vista que os predicados do dever privado (bem exemplificados na *Vida de*

[53] O autor chama a atenção, além disso, para a atuação das aristocracias na delimitação das fronteiras, destacando que estas constituíam um território de disputa. Nesse sentido, acrescenta: "Em outras palavras, as estruturas não estão lá, mas são produzidas pelos agentes, através de sua atuação e, não menos importante, pela nossa interpretação, pela ação de quem analisa e coloca em destaque (ou deixa de lado) tal ou qual aspecto para dizer que há ali ruptura ou continuidade" (Faversani, 2013, p. 148-149).

Ático) aplicar-se-iam à futura aristocracia augustana. Antes, a perspectiva do biógrafo parece ser a de que o desenlace da guerra civil entre Marco Antônio e Caio Otávio minaria o *ius*[54] das instituições, e que "*given the scale of such potentia, historical researchers and writers like Nepos and Atticus can only await the dictates of the victor*".

Assim, como sugere Millar (1988, p. 42), Cornélio Nepos se mostrava, se não frontalmente hostil, ao menos reservado e neutro no que se refere à ascensão de Otávio ao poder autocrático em Roma. Concordamos com o autor, especialmente se considerarmos a reprovação que o biógrafo manifesta a respeito dos personagens que desrespeitaram o ordenamento constitucional, em que pesassem as razões apresentadas para tanto, como a libertação de sua cidade do jugo estrangeiro ou a manutenção da estabilidade social, como discutiremos mais adiante.

De todo modo, uma das características mais importantes do período, e que nos ajuda a compreender melhor o pensamento nepotiano, é o fato de que a cultura política transformou-se em "*a composite of disordered souls marked by greed and the personal pursuit of power and glory*" (Nicgorski, 2022, p. 130), e que os relacionamentos e interações sociais que sustentavam uma "República saudável", nesse sentido, paulatinamente decaíram para o clientelismo servil, faccionalismo, manipulações e conspirações constantes contra as instituições legais e o *bonum publicum* em função dos interesses privados, aspecto que nos permite compreender melhor o tom crítico que o biógrafo adota no *De Viris Illustribus*.

Neste ensejo, ainda segundo Nicgorski, podemos observar a partir das cartas de Cícero uma perspectiva "interior", por assim dizer, da cultura política republicana, e a tendência acima referida do emprego de ações marcadas pela ilegalidade e imoralidade. No entanto, as biografias de Cornélio Nepos igualmente nos revelam aspectos desta realidade, traduzindo-se como uma voz "solidamente republicana" do período triunviral (Stem, 2012, p. 126-127), e sendo um veículo para a expressão de sua própria perspectiva política. Assim, a decisão de incluir em sua série comandantes romanos e não romanos é estratégica e uma ferramenta pela qual ele pode promover uma avaliação das virtudes e vícios dos comandantes militares no passado histórico do mundo mediterrâneo.

Por conseguinte, os biografados que não ocuparam funções públicas, por outro lado, não são representados carecendo de um compromisso sincero com os assuntos de sua cidade ou

[54] Associado ao termo "direito", o *ius* possui basicamente dois sentidos. De acordo com Thomas Marky (1995, p. 13), o primeiro corresponde à *norma agendi*, ou seja, à regra jurídica. O segundo, por seu turno, dialoga com a noção de *facultas agendi*, ligado a questões comportamentais, notadamente a expectativas relacionadas à conduta alheia; esta última acepção, ademais, nos parece mais apropriada para a problematização da produção literária de Cornélio Nepos.

desinteressados em entender como as coisas se degradaram ao ponto de homens honrados serem considerados prudentes por deliberadamente não seguirem uma carreira política (Stem, 2012, p. 127). Mesmo assim, o cidadão que desejasse viver como um *privatus* e conservar uma imagem virtuosa deparava-se com o desafio de explicar como a sua virtude resultou em sua neutralidade. A *Vida* de Ático, nesse sentido, pode nos oferecer algumas respostas.

Além disso, o caráter moralizante e político de suas biografias é indício valioso da tentativa de Cornélio Nepos em intervir nos eventos de seu tempo, oferecendo exemplos de conduta a serem emulados e/ou evitados, endereçados sobretudo aos altos magistrados romanos, embora seu público presumido também inclua, como observamos, leitores menos cultos ou helenizados. O biógrafo, por sua vez, foi membro da ordem equestre; desse modo, compete estabelecer uma discussão sobre o papel que esta última desempenhou no curso dos acontecimentos nas últimas décadas da República romana, o que faremos na sequência.

Dito isso, convém recordarmo-nos de uma observação de Henrique Modanez Sant'Anna, de que se configura um paradoxo o fato de as instituições republicanas terem sido conservadas nos anos finais da República, embora concentradas nas mãos de um único homem – o polo oposto de republicanismo (Sant'Anna, 2014, p. 286). É este processo histórico, complexo e multifacetado que investigaremos neste capítulo. Assim, auxiliados pela bibliografia temática e teórico-metodológica, e adotando as biografias de Cornélio Nepos como fontes de pesquisa, estudaremos como as tensões aristocráticas, a instabilidade política, as guerras civis e as profundas transformações transcorridas neste período aparecem na escrita de nosso autor, e como este entende e interpreta estes acontecimentos, levando em conta a assertiva de Mellor (1999, p. 143) de que o nosso entendimento deste período foi enriquecido pela sobrevivência dessas biografias.

Assim sendo, faz-se pertinente explicitar, novamente, nosso recorte histórico. Ele se estende de 44, ano em que Júlio César recebe o título de ditador perpétuo (*dictator perpetuo*), até o ano de 27, no qual Caio Otávio é agraciado com o título de *Augusto* concedido pelo Senado. Desse modo, tomaremos como referência estes dois episódios, parte de um momento específico da história romana e que corresponde, em linhas gerais, ao período em que Cornélio Nepos produziu suas obras.

2.1 Aspectos políticos das biografias de Cornélio Nepos

Como vimos no primeiro capítulo, o *De Viris Illustribus* possivelmente começou a ser escrito na década de 30, mas o autor embarcou na carreira biográfica muito antes; a biografia perdida de Catão, o Velho (Nepos, *Cat*. 3. 4), por exemplo, seguramente antecede a série (Geiger, 1985, p. 84). Entretanto, no que diz respeito à sua composição, além das biografias sobre historiadores gregos (Nepos, *Díon*, 3. 2) e romanos e de comandantes estrangeiros e romanos (Nepos, *Aníb*. 13. 4), não é possível afirmar mais nada com qualquer grau de certeza (Geiger, 1985, p. 88). Não obstante, considerando que há evidências de outras obras de sua autoria (Plin. *Epist*. 5.3.6; *Nat*. 5.4), frequentemente objeto de debates e especulações, naturalmente surgem reflexões trazendo diferentes hipóteses sobre sua produção literária (Geiger, 1985, p. 86-87).

Ademais, como salienta Rex Stem, reconhecer a turbulência política do momento de constituição da série nos leva a indagar sobre a maneira pela qual Cornélio Nepos concebeu a relevância do legado destes comandantes militares para o período triunviral. O biógrafo, portanto, como bem reconhece o autor, merece ser considerado "*not only for a fresh contextualization of the learning and innovation that Catullus saw in his researches but also for the possibility that his writings carry political significance*" (Stem, 2012, p. 30).

Por conseguinte, a relação estabelecida entre os vícios dos comandantes e a decadência da República constitui, por si mesma, um indicador valioso do viés político subjacente das *Vidas* de Nepos. Nesse sentido, se suas obras participaram efetivamente das correntes políticas e intelectuais de seu tempo, elas podem nos fornecer uma perspectiva, se não nova, ao menos adicional, acerca do conturbado período tardo-republicano.

No que diz respeito ao contexto histórico, portanto, se faz mister pontuar que, desde 135 e 133, respectivamente, da primeira revolta de escravos na Sicília e o tribunado da plebe exercido por Tibério Semprônio Graco até, aproximadamente, a década de 30, a república romana foi constantemente abalada por recorrentes conflitos, cada vez mais acentuados e sangrentos (Alföldy, 1989, p. 81-82). Dentre eles, estavam os embates dos escravos contra seus senhores e contra o aparelho do Estado romano (recordemo-nos da revolta de Espártaco em 73-71), a persistente resistência dos habitantes das províncias e itálicos contra o domínio de Roma e as reinvindicações socioeconômicas de distintos setores sociais, mais ou menos conscientemente elaboradas (Duplá Ansuátegui, 2008, p. 34).

Ao longo de sua existência, especialmente após a Segunda Guerra Púnica (218-201), o território romano cresceu substancialmente, ultrapassando os limites institucionais e espaciais que caracterizavam as cidades-Estados antigas e transformando-se em uma espécie de "cosmópolis" (Mendes, 2006, p. 21-27). As crises que se sucederam, entretanto, contribuíram fortemente com o processo de desagregação do sistema republicano, que esteve acompanhado de mudanças profundas nas relações políticas e sociais, e incluíam a pauperização do pequeno campesinato romano-itálico, tensões e conflitos frequentes no que diz respeito ao emprego da mão de obra escrava, a difícil situação da plebe rural e do acesso às terras do *ager publicus*, a ameaça de levantes servis e os problemas relacionados ao recrutamento militar (Alföldy, 1989, p. 90). Convém mencionar, ainda, a incapacidade de as instituições republicanas de preservarem os interesses da *Res Publica* frente aos interesses privados, as rivalidades políticas e cisões no seio da aristocracia romana, o uso da violência na vida pública, a prática de ilegalidades constitucionais, entre outros (Mendes, 2006, p. 22).

Assim sendo, são esses os temas relacionados à crise que se desenrolou no período tardo-republicano que nos debruçaremos no presente capítulo a partir da escrita biográfica de Cornélio Nepos, observando especialmente o tom moralizante que o autor confere a sua obra na medida em que apresenta o *êthos* de seus personagens. Não obstante, os generais biografados, como disserta Stadter (2007p. 533), são frequentemente caracterizados por defenderem a liberdade e respeitarem a vontade do povo, podendo ser vistos, em certa medida, como modelos de virtude cívica, cujo comportamento é contrastado com o dos comandantes de sua época. Além disso, o biógrafo parece oferecer, através da *Vida* de Ático, um exemplo de como sobreviver em um período de guerras civis e instabilidade política, o representando mantendo boas relações com ambos os lados do conflito. Assim sendo, Stadter acrescenta que esta biografia é

> […] *uniformly laudatory, it creates a multidimensional image of a human, well-educated, shrewd, and generous individual who lived simply (as billionaires go), refused to take part in partisan struggles, and helped friends of every political stripe when they were in trouble* (Stadter, 2007, p. 533).

Nesse sentido, o recrudescimento das disputas pelo poder no interior da aristocracia romana vinculava-se também ao aumento da corrupção interna, algo que contribuiu para a transformação do regime político de Roma. Este último, na visão de Políbio, era compreendido nos termos de uma constituição mista, envolvendo elementos monárquicos, aristocráticos e democráticos – respectivamente, o consulado, o senado e as assembleias populares – que

interdependiam e se contrabalançavam, e que na visão dos pesquisadores modernos, portanto, poderiam ser concebidos como um sistema de "freios e contrapesos" (Coudry, 2022, p. 212).

O autor grego, por conseguinte, nos apresenta uma perspectiva em que a decadência da constituição política de Roma ocorre em razão das mudanças no estilo de vida permitidas por um longo período de prosperidade e pela competição irrefreável pelo poder, raciocínio este inserido em sua lógica de anaciclose[55]:

> Quando, depois de ter repelido muitos e grandes perigos, uma constituição vem a alcançar uma supremacia e um predomínio incontestáveis, é evidente que, nela se instalando por muito tempo a felicidade, daí decorre que o modo de vida se torna muito mais sumptuoso, os homens mais ambiciosos de poder e de outras formas de afirmação do que é adequado (Polyb. *Hist.,* VI, 57.5-6)[56].

Nesse sentido, observamos que a riqueza individual, uma das principais causas de divergências ideológicas no interior da aristocracia romana, configurado em um agente de formação política, colidia diretamente com os valores romanos tradicionais, os quais, por sua vez, valorizavam o patrimônio coletivo (Oliveira, 2015, p. 256). De fato, Wallace-Hadrill (1997, p. 7) ressalta que o remodelamento da autoridade política estava intimamente ligado ao remodelamento da autoridade moral, social e cultural e que, juntamente com outros elementos, constituiriam uma "Revolução Cultural" (*mutatio morum*). Não obstante, a riqueza obtida com as guerras não foi produzida, mas tomada dos inimigos de Roma. Além disso, ela foi muito mal distribuída, o que agravou ainda mais as clivagens econômicas e contribuiu, ao lado do rápido desenvolvimento da escravatura, para alterar profundamente os comportamentos cívicos e sociais (Mantas, 2015, p. 317). Nesse sentido, recordemo-nos da seguinte passagem de Salústio:

> Pois, para dizer a verdade em poucas palavras, desde aqueles tempos, aqueles que perturbaram o Estado com bonitos conceitos, uns defendendo os direitos do povo, outros visando robustecer ao máximo a autoridade do senado, fingindo o bem público, cada qual brigava por seu próprio poder[57] (Sall. *Cat.*, 38.3).

---

[55] A anaciclose, no pensamento polibiano, corresponde a uma visão cíclica das formas de governo. O autor infere que estes estão sujeitos a um "mal natural", que inevitavelmente os leva à decadência, corrupção e substituição. Nesse sentido, o regime monárquico, por exemplo, descambaria para a tirania; a aristocracia para a oligarquia e a democracia, por sua vez, para a oclocracia, e a sequência se reiniciaria outra vez, interminavelmente.

[56] Ὅταν γὰρ μετὰ τὸ πολλοὺς καὶ μεγάλους κινδύνους διωσαμένη πολιτεία τις ἐπὶ τὴν ἀκαταμάχητον ἔλθῃ δυναστείαν καὶ τὴν ἀναμφισβήτητον ὑπεροχήν, δῆλον ὡς χρόνον πλεῖον ἐνοικισθείσης εὐδαιμονίας ἐν αὐτῇ, πολυτελέστεροι μὲν οἱ βίοι γίνονται, φιλοτιμότεροι δὲ καὶ φιλαρχότεροι τῶν ἄλλων οἱ ἄνδρες παρὰ τὸ δέον – consultamos a edição bilíngue grego-inglês da *The Loeb Classical Library*, tradução de W. R. Paton, 1923.

[57] *Namque, uti paucis uerum absoluam, post ilia tempora quicumque rem publicam agitauere honestis nominibus, alii sicuti populi iura defenderent, pars quo senatus auctoritas maxuma foret, bonum publicum simulantes pro sua quisque potentia certabant* – para o texto original, recorremos à edição bilíngue latim-francês da edição *Les Belles Lettres*, com tradução de Alfred Ernout (1967).

Como observamos, a predominância dos interesses individuais em detrimento do interesse público, configurar-se-ia como um elemento integrante deste processo histórico de transformações sociopolíticas e culturais. As Guerras Púnicas, em especial, aceleraram decisivamente o imperialismo romano, exigindo esforços de guerra prolongados e uma adaptação do sistema político a uma nova realidade[58]. Entretanto, por outro lado, essa mobilização militar inédita, além de provocar uma intensa 'psicose coletiva', intensificou a pauperização dos pequenos proprietários rurais (que, com os soldados, constituíam a base do Estado romano)[59], incrementou os latifúndios e o proletariado urbano e favoreceu a criação de exércitos profissionais ligados a seus generais por laços de fidelidade que, mesmo depois de desmobilizados, ficavam à disposição destes homens, que os remuneravam e utilizavam em proveito próprio[60] (Monteiro, 2015, p. 198-199).

No que diz respeito a Cornélio Nepos, portanto, estamos cônscios de que ele presenciou a ascensão destas grandes personalidades militares, de modo que, na biografia de Eumenes[61], infere duras críticas com relação ao seu presente:

> Em efeito, aquela célebre falange de Alexandre Magno, que havia percorrido a Ásia e vencido os persas, por muito tempo tão indisciplinada como famosa, não queria obedecer a seus chefes e sim ser ela a mandar, como ocorre hoje em dia com nossos veteranos. Assim corre o perigo de que se faça o que aqueles fizeram: deixar tudo a perder por sua intemperança e excessiva indisciplina e (destruir) mais os seus partidários do que a seus inimigos. E se há alguém que leia a história daqueles veteranos, reconhecerá que a dos nossos é igual e julgará que a única diferença que existe é a época[62] (Nepos, *Eum*., 8. 2-3).

Assim, verifica-se que esta marcante indisciplina e intemperança, que aos olhos do autor, caracterizava os generais proeminentes do período tardo-republicano, constitui uma dentre as várias dimensões do conflito social que acarretou o fim de uma "constituição" própria

---

[58] Que incluía a incorporação de um maior número de pretores e governadores de províncias, uma avaliação pormenorizada das necessidades terrestres e navais e um maior desenvolvimento da diplomacia, entre outros (Monteiro, 2015, p. 198).

[59] Como ressalta Francisco Oliveira (2015).

[60] Estes generais também mantinham contato direto com as populações e lideranças locais, relações que eventualmente evoluíam para laços de clientela.

[61] Nascido da Cária, viveu entre os anos de 362-316. Foi um dos sucessores de Alexandre Magno e governador do reino da Arménia. Juntamente com as biografias de Amílcar e Aníbal, sua vida foi acrescentada ao *De Viris Illustribus* durante a segunda edição.

[62] *Namque illa phalanx Alexandri Magni, quae Asiam peragrarat deviceratque Persas, inveterata cum gloria tum etiam licentia, non parere se ducibus, sed imperare postulabat, ut nunc veterani faciunt nostri. Itaque periculum estne faciant, quod illi fecerunt, sua intemperantia nimiaque licentia ut omnia perdant neque minus eoscum quibus fecerint, quam adversus quos steterint. Quod si quis illorum veteranorum legat facta, paria horum cognoscat neque rem ullam nisi tempus interesse iudicet.*

de uma cidade-Estado que se mostrou incapaz de gerenciar e governar um Estado de extensões imperiais (Duplá Ansuátegui, 2007, p. 200).

Não obstante, outro elemento que influenciou fortemente esta conjuntura foram as reformas empreendidas por Caio Mário (157-86) no exército no final do século II (Alföldy, 1989, p. 96). Elas consistiam, por conseguinte, em admitir os *capite censi* ("sem bens") nas fileiras das legiões, que passariam a ser equipados pelo Estado, não precisando mais, portanto, utilizar seus próprios recursos para adquirir seus equipamentos, prática que continuou ocorrendo e que envolvia especialmente o pequeno campesinato.

É preciso esclarecer, todavia, que a medida de Mário não era completamente inédita, tendo sido empregada, por exemplo, na guerra contra Pirro no início do século III. A inovação, nesse sentido, residia em seu caráter permanente, aspecto que não deixou de desagradar os *optimates*, uma vez que seus principais opositores políticos se apoiavam nesse grupo social (*plebe*) que passou a ter acesso a possibilidades de ascensão por meio do serviço militar, além de estarem agora mais bem armados e organizados (Alföldy, 1989, p. 93-94; Mantas, 2015, p. 334-335).

Ademais, se faz mister recordarmo-nos, também, do peso considerável dos exemplos das monarquias helenísticas neste contexto. De todo modo, frente a estas circunstâncias de insatisfações internas, ameaças militares externas, o perigo representado pela sublevação das massas de escravos e uma economia instável, os ambiciosos, sempre atentos em momentos de crise, encontraram o caminho facilitado para o acesso ao poder. O que aconteceu, de fato, é que diante da "anarquia", Roma deságua para o poder pessoal dos generais apoiados pelos exércitos profissionalizados criados com as reformas de Mário, como vimos. Assim, essas transformações se inserem em um processo mais amplo no qual uma nova classe romano-itálica progressivamente substitui a velha classe dirigente (*optimates*), oferecendo pouca resistência ao estabelecimento de um poder autocrático[63].

Consequentemente, um aspecto evidente das transformações em curso refere-se às eleições, momentos decisivos no âmbito da cultura política republicana. Elas envolviam considerável participação popular, e constituíam-se sobre o direito do sufrágio que, por sua vez, era uma característica fundamental da liberdade, delineando um compromisso geral da República no que se refere à igualdade perante a lei (Nicgorski, 2022, p. 128). Contudo, embora

[63] Vale acrescentar que o desenlace das guerras civis e as frequentes proscrições entre os vencidos implicaram uma significativa renovação da *nobilitas.* Os apoiadores dos triúnviros, por exemplo, se beneficiaram financeiramente dos expurgos e confiscos, tornando-se, por conseguinte, muito ricos e, não raro, qualificados para o censo equestre (Davenport, 2019, p. 143).

muitas magistraturas seguissem com o tradicional *modus operandi* para a ocupação dos cargos, verifica-se que no período tardo-republicano havia homens que concentravam em suas mãos poderes e jurisdições territoriais que tranquilamente excediam as antigas atribuições dos magistrados provinciais, sobretudo em razão das exigências relacionadas à guerra, como os comandos prolongados.

Assim, considerando sua incapacidade de proteger o ordenamento da *res publica*, o senado romano foi obrigado a aliar-se à dinastia militar que julgou menos perigosa para seus interesses (González Román, 1990, p. 15-16, 43). Além disso, como destaca Salústio (*Cat*. 10), neste período, a avareza (*avaritia*) e a ambição (*ambitio*) se sobrepuseram à conduta apropriada assentada nas antigas tradições, sendo a crise do primeiro século, portanto, o produto do sacrifício do *bonum publicum* em nome dos interesses privados (Toher, 1990, n. 35, p. 148).

Nesse sentido, escreve Salústio:

> Pois a avareza minou a lealdade, a probidade e as restantes boas qualidades; em seu lugar, se ensinou a arrogância, a crueldade, a desrespeitar os deuses e a considerar-se tudo venal. A ambição obrigou muitos mortais a se tornarem falsos, a terem uma coisa nos lábios e outra no coração, a valorizar amizades e inimizades não por si mesmas, mas por interesse, e a ter um rosto bonito em vez de boa índole (Sall. *Cat*., 10. 4-5)[64].

Esta passagem, contudo, nos revela um pouco do clima político do período. Na visão do autor, o único homem que verdadeiramente merecia louvor era Catão, o Velho, pois este "preferia ser bom a parecê-lo" e que "quanto menos buscava a glória, tanto mais esta a perseguia" (Sal. *Cat*. 54.6). Entretanto, como ressaltamos, a *nobilitas* se encontrava profundamente dividida, e pelo fato de não controlar os mecanismos fundamentais do poder, especialmente as legiões romanas, estava impossibilitada de assegurar o governo do Estado (González Román, 1990, p. 44). Assim, ao tentarem se adaptar a estas circunstâncias, muitos homens passaram para o lado de Cneu Pompeu, que apesar de reconhecidamente aspirar por um poder pessoal, era considerado menos perigoso para os interesses deste segmento social do que Júlio César, por exemplo, que estava alinhado aos *populares*. Além disso, vale destacar que, no plano político, os interesses de ordem individual eram frequentemente disfarçados com a prerrogativa do *bonum publicum* (Toher, 1990, p. 149).

---

[64] *Namque auaritia fidem, probitatem ceterasque artis bonas subuortit; pro his superbiam, crudelitatem, deos neglegere, omnia uenalia habere edocuit. Ambitio multos mortalis falsos fieri subegit, aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum habere, amicitias inimicitiasque non ex re, sed ex commodo aestumare, magisque uoltum quam ingenium bonum habere*.

Tendo em vista o que expusemos até aqui, pois, consideremos o seguinte trecho que se lê na *Vida* de Timoleonte:

> Quando seu irmão Timófanes, eleito comandante pelos coríntios, se fez com um poder tirânico por meio de seus soldados mercenários, podendo ele tomar parte do comando, se manteve longe de se confabular com tão reprovável ação, e preferiu a liberdade de seus concidadãos a vida de seu irmão, se inclinando mais pela obediência às leis do que por ostentar o poder em sua pátria (Nepos, *Tim*., 1.3)[65].

Como podemos perceber, o autor nos apresenta um contundente exemplo de conduta moral voltado para a obediência às leis e a manutenção da liberdade dos cidadãos. Nascido em Corinto, o biografado era dotado de *sapientia*, *prudentia*, *clementia*, *beneuolentia* e agraciado pela fortuna (Oliveira, 2025, p. 125). Na sequência, lemos que Timoleonte procurou a morte de seu irmão, mas se recusou a tomar parte ativa na mesma, permanecendo afastado do lugar e atento caso algum guarda pessoal do palácio aparecesse e impedisse a execução (Nepos, *Timol*. 1.4), de modo a não manchar suas mãos com o sangue de seus concidadãos[66]. É verdade que, do ponto de vista da avaliação pública, nem todos aprovaram a ação de Timoleonte, que poderia ser pensada como uma violação da *pietas* (Dionisotti, 1988, p. 41).

No entanto, Cornélio Nepos a representou como virtuosa justamente porque demonstrava o compromisso e deferência com relação à lei que qualquer cidadão republicano, em sua perspectiva, deveria ter, destarte os seus assuntos e interesses particulares. Diante disso, é pertinente pontuar que a escolha por assumir uma conduta considerada "correta", por assim dizer, não implica necessariamente na obtenção de fama para o indivíduo, mas pode, pelo contrário, gerar infâmia. Aqui, novamente, deparamo-nos com o *ingenium* de Cornélio Nepos ao inserir-se nas disputas acerca da maneira como as ações dos cidadãos deveriam (ou não) serem rememoradas.

Gostaria de mencionar, ainda, um exemplo presente na *Vida* de Agesilau pertinente para nossa reflexão. Escreve o biógrafo:

> Estava já maquinando uma expedição contra os persas e inclusive atacar ao próprio rei, quando recebeu de sua pátria uma mensagem por parte dos éforos (na qual dizia) que os atenienses e os beócios haviam declarado guerra a Esparta e que em consequência disso não duvidasse em regressar. E tendo isso como motivo, há de se admirar não menos o amor a sua pátria do que seu valor como militar, já que, estando a frente como estava de um exército vitorioso, e

---

[65] *Nam cum frater eius Timophanes, dux a Corinthiis delectus, tyrannidem per milites mercennarios occupasset particepsque regni posset esse, tantum afuit a societate sceleris, ut antetulerit civium suorum libertatem fratris saluti et parere legibus quam imperare patriae satius duxerit.*

[66] Encontramos condutas similares em *Vidas* como a de *Epaminondas* (10.3), na circunstância em que o personagem se recusa a combater na guerra civil travada em Tebas, permanecendo em sua casa; e em *Ático* (6.1-3), no seu deliberado afastamento das disputas políticas no interior da aristocracia romana tardo-republicana.

> abrigando a esperança de apoderar-se do reino dos persas, obedeceu com tanta humildade as ordens de uns poucos magistrados, que se encontravam tão longe, como se se tratasse de um cidadão particular em uma assembleia em Esparta. Oxalá se o seu exemplo tivessem desejado seguir nossos generais! (Nepos, *Ages*., 4. 1-3)[67].

Diante do exposto, verifica-se que o comandante espartano obedece aos magistrados mesmo na iminência de conquistar o reino dos persas. Seu valor como militar, por conseguinte, está vinculado ao respeito e ao serviço à sua cidade, independentemente das circunstâncias. Ademais, embora o biografado não tenha sido enquadrado como um modelo no passado (Stem, 2012, p. 131), isso não significa que ele não seja qualificado para os propósitos moralizantes de Cornélio Nepos, nem que seu *exemplum* esteja restrito aos homens que ocupavam cargos semelhantes ao de Agesilau, mas antes se estende para toda e qualquer pessoa interessada em agir virtuosamente no cenário republicano.

Nesse sentido, identificamos na *Vida* de Timoleonte um comportamento bastante similar ao que vimos acima. O biografado, apesar de possuir tanto os recursos necessários (*Cum tantis esset opibus*, 3.4) quanto o amor dos sicilianos (*tantum autem amorem haberet omnium Siculorum*, 3.4) para obter o poder absoluto sem oposição, "tão logo lhe foi possível, renunciou ao poder, vivendo o restante de sua vida como um cidadão privado em Siracusa" (*Itaque, cum primum potuit, imperium deposuit ac privatus Syracusis, quod reliquum vitae fuit, vixit*, 3.4). Assim, verifica-se na narrativa de Cornélio Nepos, uma vez mais, a predominância do dever público sobre qualquer interesse de ordem pessoal.

Poderíamos aludir, ainda, outros exemplos nesse sentido, como a anedota sobre uma campanha de Timóteo contra Jasão[68].

> Apesar de que, inclusive em sua própria pátria, não se sentia nunca seguro se não estava acompanhado de sua escolta, vindo a Atenas sem proteção alguma, oferecendo-lhe uma prova de hospitalidade tal, que preferiu arriscar sua própria vida a abandonar Timoteo, que se debatia pela defesa de sua honra. Apesar disto, mais tarde Timoteo lutou contra Jasão por obediência a seu povo,

---

[67] *Hic cum iam animo meditaretur proficisci in Persas et ipsum regem adoriri, nuntius ei domo venit ephororum missu, bellum Athenienses et Boeotos indixisse Lacedaemoniis; quare venire ne dubitaret. In hoc non minus eius pietas suspicienda est quam virtus bellica; qui cum victori praeesset exercitui maximamque haberet fiduciam regni Persarum potiundi, tanta modestia dicto audiens fuit iussis absentium magistratuum, ut si privatus in comitio esset Spartae. Cuius exemplum utinam imperatores nostri sequi voluissent!*

[68] Possivelmente Jasão de Faros, governante da Tessália no século IV, antes da ascensão de Filipe II da Macedônia ao poder. É importante destacar que já havia uma tradição estabelecida sobre o personagem (e.g., Xen. *Hell.* VI.4.20-32; Diod. Sic. XV.60-61; Plb. 5.96.7). Em Xenofonte, por exemplo, Jasão não era representado como tirano.

> pensando que os direitos da pátria são mais sagrados que os da hospitalidade (Nepos, *Timoth*., 4.3)[69].

Observamos nesta passagem uma defesa da vontade do povo acima de qualquer custo moral para o indivíduo (Dionisotti, 1988, p. 41). Por conseguinte, segundo o autor, como marca registrada dos heróis de Cornélio Nepos, encontramos a obediência e o respeito pela autoridade constitucional como posturas elogiáveis, enquanto agir por inciativa própria ou contra a vontade do povo são características que integram os vícios de seus personagens, como Pausânias (1.3-4; 2.2; 6; 3.1-7; 4.5-6), Lisandro (1.3-5; 2,1; 3.5; 4.1) e Fócion (2.4-5; 4.1). Deste modo, verifica-se que o que mais preocupa o biógrafo é a autodisciplina dos generais, sua capacidade de autocontenção. A título de ilustração, detenhamo-nos rapidamente sobre o episódio no qual Fébidas, enquanto conduzia seu exército a Olinto por território tebano, realiza um movimento sem a devida autorização:

> [...] incitado por alguns tebanos – que, para opor maior resistência ao bando contrário, se mostravam ser simpatizantes de Esparta –, se apoderou da acrópole da cidade, chamada Cadmea, e o fez por iniciativa própria e não por determinação do Estado. Por isso, os lacedemônios afastaram Fébidas do comando do exército, condenando-o a pagar uma multa, mas não devolveram a acrópole aos tebanos, alegando que, uma vez iniciadas as hostilidades entre eles, era melhor conduzir eles como sitiados do que como livres. Pois, desde a guerra do Peloponeso e após a derrota ateniense, sabiam que seu enfrentamento seria com os tebanos, e que somente eles se atreveriam a oferecer-lhes resistência (Nepos, *Pel*., 1.2-3)[70].

Desse modo, para Nepos, o ato reprovável do general não foi o rompimento de um tratado, mas agir *suo privato*, *non publico consilio*, não dispondo, consequentemente, da autoridade política para tal, o que o fez ser penalizado pelos seus atos, apesar dos benefícios engendrados. Na leitura de Dionisotti (1988, p. 42), este pode ser um axioma de que a *res publica* deveria condenar igualmente este tipo de comportamento, pois representava uma ameaça para a manutenção do governo republicano. Além disso, podemos interpretar a passagem como uma ilustração da sobreposição dos poderes militares sobre os poderes civis, problema recorrente no momento em que as biografias foram escritas, como já tivemos a oportunidade de destacar. No entanto, durante o processo de ascensão de Caio Otávio, as

---

[69] *Hic cum in patria sine satellitibus se tutum non arbitraretur, Athenas sine ullo praesidio venit tantique hospitem fecit, ut mallet ipse capitis periculum adire quam Timotheo de fama dimicanti deesse. Hunc adversus tamen Timotheus postea populi iussu bellum gessit, patriae sanctiora iura quam hospitii esse duxit.*

[70] [...] *adversariae factioni quo facilius resisterent, Laconum rebus studebant, idque suo privato, non publico fecit consilio. Quo facto eum Lacedaemonii ab exercitu removerunt pecuniaque multarunt, neque eo magis arcem Thebanis reddiderunt, quod susceptis inimicitiis satius ducebant eos obsideri quam liberari; nam post Peloponnesium bellum Athenasque devictas cum Thebanis sibi rem esse existimabant et eos esse solos qui adversus resistere auderent*.

relações entre a iniciativa privada e a autoridade constitucional tornaram-se especialmente delicadas. O futuro Augusto, por conseguinte, formou um exército *privato consilio* para enfrentar o cônsul Marco Antônio, e com uma conduta "lamentavelmente ilegal" (Dionisotti, 1988, p. 42-43), salvou o Estado, razão pela qual é agradecido e suas ações ratificadas. Mas o que observamos no trecho acima reflete o exato oposto: para o biógrafo, Otávio deveria se submeter às leis da república e responder pelos seus excessos[71].

Nesse sentido, notamos na narrativa do autor uma complexa articulação entre o sucesso militar e o poder político, que gira em torno de um problema que foi central no período: como conciliar um Estado que não é uma monarquia com a concentração do poder político e militar nas mãos de generais bem-sucedidos? Assim sendo, Cornélio Nepos certamente concebeu esta questão quando escrevia, e seu esforço em compreendê-la, na perspectiva de Dionisotti (1988, p. 49), "*is both interesting and worthy of respect*". Assim sendo, a presença de questões semelhantes ao longo do *Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium* demonstra que o biógrafo foi um observador atento de sua época e que também buscou entender as razões por trás das mudanças políticas da República romana que se encontravam então em curso.

Um comandante militar, nessa perspectiva, teria o dever de subordinar seus interesses pessoais ao *bonum publicum* e obedecer à autoridade constitucional, a qual, por sua vez, haveria de teoricamente "*protects the liberty of all from the possessor of military power. On this reading, the biographies of Nepos become the vehicle for the demonstration of crucial tenets in republican political thought*" (Stem, 2012, p. 117). Assim, uma vez que *a res publica* tivesse sido subjugada ao poder de um indivíduo, basicamente duas vias se apresentavam: a do regicídio e outra, mais rara e ideal, a da autocontenção. Tal assertiva evidencia-se na escrita biográfica de Cornélio Nepos, na qual o autor enfatizava a virtude da autocontenção enquanto ameaçava os gananciosos de regicídio, uma vez que aqueles que exercessem poderes sobre todos, se não estivessem a favor de todos, tornar-se-iam inimigos, o que conferia-lhes um destino funesto.

À luz desta reflexão, consideremos por um momento a *Vida* de Lisandro. Aqui, o biógrafo relata que após a vitória na Batalha de Egospótamos (405):

> Orgulhoso por esta vitória, Lisandro, que já havia dado mostras de uma audácia e inquietações naturais, se permitiu tais coisas que por culpa sua fez desencadear contra Esparta o ódio irrefreável de toda a Grécia. Pois, sendo

[71] É possível, analogamente, pensar nos exemplos de Júlio César em 49 (*alea iacta est*), ou no episódio da Conjuração de Catilina em 63, ambos caracterizados por comportamentos notadamente ilegais. Assim, surge-nos uma questão: quais seriam as consequências se estes homens tivessem deixado de lado suas aspirações particulares e se submetido às instituições da República?

> assim que os lacedemônios alegariam como causa da guerra somente o desejo de romper a despótica tirania dos atenienses, após apoderar-se da frota inimiga junto a desembocadura do rio Egos, Lisandro não teve outras intenções que a de submeter a seu domínio todos os Estados, fingindo que o fazia para benefício de Esparta. Em efeito, após expulsar de sua pátria quantos eram partidários da causa ateniense, elegeu em cada uma das cidades-estados dez [homens] a quem confiou o poder supremo e uma autoridade máxima. E não podia ser admitido entre estes dez ninguém que não estivesse vinculado a ele por laços de hospitalidade, ou não se comprometia sob juramento de fidelidade (Nepos, *Lys*., 1. 3-5)[72].

Inicialmente, notamos que Cornélio Nepos representa o personagem ansiando pela *dominatio*, visando submeter todos os estados à sua autoridade, tal como os atenienses o fizeram coletivamente (Stem, 2012, p. 116-117). Assim, ao sucumbir às tentações da tirania, o espartano atrai uma péssima reputação para sua cidade (*in maximum odium Graeciae Lacedaemonii pervenerint*), cujos interesses ele tinha a obrigação legal de defender. Com tal episódio, depreende-se que a iniciativa privada, quando colocada acima dos interesses da cidade, produz efeitos negativos, como o medo e a ameaça da imposição do que seria uma nova afirmação de tirania. A proposta comparativa de Cornélio Nepos, organizada em pares de curtas biografias, nesse sentido, deve ser lida pelo que o autor afirma ser o caráter de cada homem e pela maneira pela qual ele interconecta essas qualidades com o propósito de definir o que julga ser uma boa ou má liderança política e militar (Stem, 2012, p. 130).

Fica evidente, assim, que o biógrafo encontra em seu presente as condições e o repertório para produzir suas obras, sendo notória sua preocupação sobre como sobreviver frente a uma situação política extremamente complexa. A título de ilustração, observemos o seguinte trecho, no qual Ático, após o assassinato de Júlio César e a deflagração de uma guerra civil entre os triúnviros e os cesaricidas (44-42), categoricamente se recusa a financiar o partidarismo:

> Alguns tiveram a ideia de que os cavaleiros romanos constituíssem um erário privado para os assassinos de César, pensando que era coisa fácil de conseguir, se os elementos mais importantes desta ordem cedessem sua colaboração econômica. Por isso, G. Flávio, amigo de Bruto, apelou a Ático, exortando-o para que fosse ele o dirigente desta coleta. Mas ele, que havia se mostrado sempre disposto a prestar sua ajuda aos amigos – mas sem ter em conta ideologias políticas de nenhum tipo, já que havia se mantido sempre à margem de posturas desta natureza –, respondeu que, se Bruto desejava fazer uso de

[72] *Hac victoria Lysander elatus, cum antea semper factiosus audaxque fuisset, sic sibi indulsit, ut eius opera in maximum odium Graeciae Lacedaemonii pervenerint. Nam cum hanc causam Lacedaemonii dictitassent sibi esse belli, ut Atheniensium impotentem dominationem refringerent, postquam apud Aegos flumen Lysander classis hostium est potitus, nihil aliud molitus est, quam ut omnes civitates in sua teneret potestate, cum id se Lacedaemoniorum causa facere simularet. Namque undique, qui Atheniensium rebus studuissent, eiectis, decem delegerat in una quaque civitate, quibus summum imperium potestatemque omnium rerum committeret. Horum in numerum nemo admittebatur, nisi qui aut eius hospitio contineretur aut se illius fore proprium fide confirmarat.*

> suas propriedades, que o fizesse na medida em que quisesse, pois para uma coisa assim suas cercas estavam abertas, mas no que diz respeito a ele, não estava disposto a falar nem a formar aliança com ninguém. Assim, aquele grupo consensual foi desfeito pelo dissenso desse único. (Nepos, *Att*., 8.3-4)[73].

Sabemos que Nepos, assim como Ático, não ocupou oficialmente nenhum cargo público, optando por não se envolver diretamente nos eventos políticos que testemunhou. Entretanto, sua "neutralidade política", segundo Lindsay (1998, p. 335), é um exagero grosseiro, uma vez que o autor mantinha contato com as principais figuras políticas de seu tempo e mostrava-se preocupado em assegurar seus próprios interesses financeiros. Além disso, como observamos no trecho supracitado, Ático permitiu a Brutus que desfrutasse de suas propriedades livremente se assim o desejasse, o que sugere que, apesar de o biografado não demonstrar interesse em unir-se a qualquer um dos lados do conflito, "implementou sua riqueza repetidamente para ajudar indivíduos na vida pública que precisavam dela" (Millar, 1988, p. 45). Entretanto, o que parece ser generosidade, muito provavelmente estava mais associado à manutenção dos negócios privados do biografado, que muitas vezes ditava o tom de sua relação com o poder público.

O comportamento do personagem, no entanto, ilustra especialmente a preservação dos deveres particulares em um contexto de guerra civil que, em alguma medida, perturbou estas relações que normalmente implicavam em obrigações mútuas e trocas de favores (Stem, 2012, p. 118). Esse distanciamento deliberado da política, que Cornélio Nepos reputa prudente e valoroso, pode ter facilitado o caminho para a consolidação de um poder de caráter monárquico que imporia semelhante "neutralidade política" a todos; o conhecimento antiquário sobre o passado romano, além disso, revelou-se de notável utilidade para a propaganda da recém-estabelecida dinastia alguns anos mais tarde, com destaque ao "projeto restaurador" de Augusto.

Seja como for, o posicionamento de Ático frente às difíceis circunstâncias, assentava-se em bases morais e dedicava-se especialmente à manutenção do *oficium* privado e a sobrevivência em um período de guerras civis e instabilidade social (Millar, 1988, p. 45; Lindsay, 1998, p. 335).

---

[73] *Excogitatum est a quibusdam, ut privatum aerarium Caesaris interfectoribus ab equitibus Romanis constitueretur. Id facile effici posse arbitrati sunt, si principes eius ordinis pecunias contulissent. Itaque appellatus est a C. Flavio, Bruti familiari, Atticus, ut eius rei princeps esse vellet. At ille, qui officia amicis praestanda sine factione existimaret semperque a talibus se consiliis removisset, respondit: si quid Brutus de suis facultatibus uti voluisset, usurum, quantum hae paterentur, sed neque cum quoquam de ea re collocuturum neque coiturum. Sic ille consensionis globus huius unius dissensione disiectus est.*

Ademais, outra passagem que convém apresentar ao leitor pertence à *Vida* de Epaminondas; o general tebano igualmente se recusa a tomar partido em um conflito fratricida, permanecendo em sua casa:

> Durante o tempo em que, sendo Pelópidas general, os desterrados tebanos voltaram a ocupar sua cidade e expulsaram as tropas de guarnição espartanas da acrópole, Epaminondas, enquanto durou a matança dos concidadãos, não quis sair de casa, pois não queria lutar nem contra nem a favor dos sublevados, para que suas mãos não se manchassem com o sangue de seus próprios concidadãos; toda vitória obtida em uma guerra civil, para ele, era motivo de tristeza. Não obstante, durante o combate mantido contra os lacedemônios na cidadela de Tebas, a Cadmea, se manteve na primeira fila"[74] (Nepos, *Epam*., 10.3).

De início, verifica-se neste trecho o que poderia ser a própria visão do autor sobre a situação política no final dos anos 30, emergindo de modo mais ou menos explícito nas *Vidas* em que relata (Lindsay, 1998, p. 335). Não obstante, embora se trate da biografia de um personagem que viveu na longínqua Tebas do século IV, ela permite ao leitor estabelecer associações e reflexões críticas tanto acerca de si mesmos como sobre os homens que ocupavam cargos semelhantes em Roma no período tardo-republicano. Além disso, é possível identificarmos, neste excerto, o emprego de recursos retóricos destinados a convencer a audiência do ponto de vista levantado por Cornélio Nepos: "toda vitória obtida em uma guerra civil, para ele, era motivo de tristeza" (*namque omnem civilem victoriam funestam putabat*), notadamente pautados na condução de uma tópica que se realizava entre "louvor e culpa" (Silva, 2014, p. 37), alavancando, portanto, os modelos de conduta a serem emulados ou evitados.

Desse modo, tanto a neutralidade política atribuída a Ático quanto a recusa de Epaminondas em participar de um conflito fratricida, corroboram a perspectiva de Cornélio Nepos do que seria uma conduta apropriada em tempos de instabilidade social: manter um distanciamento prudente dos assuntos públicos e de guerras civis enquanto se presta assistência aos amigos que dela necessitarem, mas sem tomar claramente partido algum.

Dito isso, gostaria de apresentar ao leitor uma passagem da *Vida* de Catão, o Velho, que dialoga diretamente com a realidade tardo-republicana testemunhada pelo autor. Assim, este último escreve que o personagem:

---

[74] *Quo tempore duce Pelopida exules Thebas occuparunt et praesidium Lacedaemoniorum ex arce expulerunt, Epaminondas, quam diu facta est caedes civium, domo se tenuit, quod neque malos defendere volebat neque impugnare, ne manus suorum sanguine cruentaret; namque omnem civilem victoriam funestam putabat. Idem, postquam apud Cadmeam cum Lacedaemoniis pugnari coeptum est, in primis stetit.*

> Suportou[75] o consulado com Lúcio Valério Flaco, [e] obteve, por sorteio, a província da Hispânia Citerior e sobre ela alcançou um triunfo. Públio Cipião, o Africano, que na ocasião ostentava o consulado pela segunda vez, ao ver que Catão, que havia sido questor durante seu primeiro consulado, permanecia ali por demasiado tempo, quis expulsá-lo da província para pôr-se em seu lugar, coisa que não conseguiu nem sequer por meio do Senado, apesar de que Cipião desempenhava um dos principais papéis na República; **mas então o governo do Estado se baseava não no poder, mas na justiça**. Isso desencadeou a ira de Cipião que, uma vez cumprido seu consulado, permaneceu em Roma como um cidadão particular (Nepos, *Cat*. *Mai*., 2.1-2, grifo nosso)[76].

Inicialmente, percebemos que esta narrativa apresenta diferenças marcantes com relação à biografia de Ático, sendo as virtudes de ambos articuladas por Cornélio Nepos em um domínio móvel, que transita entre os deveres públicos e privados. Dito isso, o que nos chama atenção no excerto é a assertiva de que "então o governo do Estado se baseava não no poder, mas sim na justiça" (*quod tum non potentia, sed iure res publica administrabatur***).** O marcador temporal "*tum*"[77], como esclarece Stem (2012, p. 124), sugere que, no momento em que esta *Vida* foi estruturada, em meados da década de 30, o *ius* já não era a força dominante no cenário político, mas sim a *potentia*, exercida por eminentes e autoritárias personalidades militares.

Semelhante assertiva remete-nos a um problema central, muito presente nos escritos de César, por exemplo: o de que, se o Estado é dominado pela força, só é possível alterá-lo também pela força, tendo em vista a inépcia dos dispositivos constitucionais. Assim sendo, a representação de Cipião Africano construída por Cornélio Nepos caracteriza, em especial, um homem que não suportava ser secundarizado, razão pela qual se afastou da vida pública. Por outro lado, retornando à figura de Ático, abster-se dos conflitos políticos tornava-se um imperativo uma vez que vencer significava, certamente, colocar-se em perigo e, não raro, recorrer a práticas desonrosas para tal. Nessa perspectiva, aventa-se que o biógrafo acreditava que inserir-se nessas disputas, apresentadas nestes termos, inevitavelmente acarretaria perda da honra e, possivelmente, da vida.

Nesse sentido, corroborando com esta perspectiva, observamos que durante as disputas entre Cina e Sula (c. 80) (*Ático*, 2.2; 4.1-2) os romanos já estavam inseridos no que Stem (2012,

---

[75] É relevante pontuar que o uso pelo autor da expressão *consultatum gessit*, oriunda do verbo "*gero* (*gessi*, *gestum*)", cuja acepção principal é "suportar" ou "tolerar", não é fortuito. Entendemos, pois, que especialmente em um contexto de grave crise, como o foi a Segunda Guerra Púnica, ocupar o consulado configurar-se-ia em algo penoso em razão das inerentes responsabilidades e riscos.

[76] *Consulatum gessit cum L. Valerio Flacco. Sorte provinciam nactus Hispaniam citeriorem, exque ea triumphum deportavit. Ibi cum diutius moraretur, P. Scipio Africanus, consul iterum, cuius in priori consulatu quaestor fuerat, voluit eum de provincia depellere et ipse ei succedere; neque hoc per senatum efficere potuit, cum quidem Scipio principatum in civitate obtineret, quod tum non potentia, sed iure res publica administrabatur. Qua ex re iratus senatui, consulatu peracto privatus in urbe mansit*.

[77] Advérbio em latim cujo significado aproxima-se de "então", "naquele tempo".

p. 125) denomina como "era da *potentia*", o que obriga Ático a refugiar-se em Atenas, ao passo que a narrativa sobre a sobrevivência dele durante o período triunviral (7-12) evidencia, uma vez mais, seu poder perturbador.

Em acréscimo, essa proeminência do autoritarismo sobre a ordem constitucional da República desdobra-se em uma noção manifestada também por outros autores antigos, como Salústio e Cícero, de que os costumes republicanos se tornaram demasiadamente corrompidos. Tal assertiva, em Cornélio Nepos, fica nítida no seguinte ponto da narrativa:

> Não buscou honras – ainda que obtê-las lhe fosse fácil, quer por seu prestígio pessoal, quer por sua qualidade de cavaleiro romano -, porque não podiam ambicionar segundo o costume dos antepassados nem as obter sem transgredir as leis, concedendo como se concediam com tanto esbanjamento de subornos, nem podiam exercê-las segundo o interesse nacional sem se expor a perigos, dada a corrupção dos costumes dos cidadãos"[78] (Nepos, *Att*., 6.2).

Diante do exposto, verifica-se que a corrupção pública e os perigos da época desencorajavam os republicanos honrados a participar da arena política, sobretudo quando não estavam dispostos a colocar sua própria vida em risco. Já ressaltamos, em alguma medida, que para Cornélio Nepos era sinal de inteligência manter a integridade individual e preservar a boa vontade e a consideração de ambos os lados do conflito "quão grande sabedoria é necessária para conservar o convívio e a benevolência deles" (*quantae sit sapientiae eorum retinere usum benivolentiamque*, 20.5), como no caso das disputas entre Marco Antônio e Caio Otávio, "quando cada um dos dois desejava ser o primeiro, não somente da cidade de Roma, mas de todo o mundo" (*cum se uterque principem non solum urbis Romae, sed orbis terrarum esse cuperet*).

Assim sendo, levando em conta as diferentes posturas entre Ático e Catão, o Velho, um afastado dos assuntos públicos e o outro exercendo importantes magistraturas, podemos afirmar que ambos são retratados preocupados com os assuntos da República, e dadas as circunstâncias em que cada um viveu, a opção por uma vida privada ou pública torna-se justificável e não acarreta prejuízos ao caráter exemplar dos personagens, evidenciando como Cornélio Nepos estrutura suas biografias de modo a cumprir seus objetivos literários e moralizantes (Stem, 2012, p. 125).

No que se refere ao contexto político e militar tardo-republicano, portanto, Nathan Rosenstein (2022, p. 240) argumenta que a aquisição de uma grande honra, geralmente

---

[78] *Honores non petiit, cum ei paterent propter vel gratiam vel dignitatem, quod neque peti more maiorum neque capi possent conservatis legibus in tam effusi ambitus largitionibus neque geri e re publica sine periculo corruptis civitatis moribus.*

acompanhada de um triunfo, bem como de considerável poder político, é um sinal claro de que um aristocrata proporcionou enormes benefícios para a sociedade romana. Não é por acaso que muitos os reivindicavam; os homens que prestavam serviços extraordinários para a *res publica* tornavam-se indivíduos dotados de grande autoridade (*auctoritas*), cujos conselhos eram difíceis, senão impossíveis de ignorar, implicando, portanto, em uma deferência implícita, embora poderosa.

Cornélio Nepos, em nosso entendimento, estava cônscio deste fato e, considerando a ineficácia das instituições em barrar a influência dessas grandes figuras, o que lhe restou foi interferir no cenário político de seu tempo por meio de sua produção literária, a qual integrava exemplos de conduta moral comprometidos com o bem público e subordinados à vontade do povo (e.g., *Epam*. 7.5; 8.2).

Seja como for, a questão do triunfo era particularmente tensa no âmbito das relações entre o Senado romano e os generais politicamente influentes. Uma expressão disso foi a imposição de regras a respeito dos critérios exigidos para a concessão da honraria – como o número de inimigos mortos ou o montante do saque obtido (Pina Polo, 2022, p. 254). Com o tempo, a violência das guerras civis e o poder militar suplantaram as normas tradicionais da vida política tardo-republicana, e a lealdade dos legionários, antes assentada na República, transferiu-se gradualmente para seus comandantes (Rosenstein, 2022, p. 244). Estes generais assumiram funções cruciais na distribuição do butim aos soldados e na atribuição de terras aos veteranos, por exemplo, estabelecendo uma relação de dependência pessoal que reconfigurou a dinâmica de poder em Roma.

Com base no que expusemos acima, julgo pertinente refletirmos sobre mais um trecho da *Vida* de Timoleonte, personagem bastante significativo que, em circunstâncias próprias, lidou com a questão do autoritarismo em Corinto e em Siracusa (*Timol*. 1.1-6; 2.1-3). No início de sua biografia, se lê o seguinte:

> Timoleonte, de Corinto. Sem dúvida a estima que deste homem teve todo o mundo era muito grande. Com efeito, só ele – não sei se algum outro – acumulou a glória de libertar do jugo da tirania a pátria que o viu nascer; aos siracusanos, que vinham suportando há muito tempo a escravidão e cujo auxílio foi enviado, os livrou da mesma; igualmente com sua chegada fez com que a Sicília, durante tantos anos oprimida pela guerra e submetida ao poder dos bárbaros, revertera sua situação. Mas em todas estas façanhas a sorte com que teve que lidar foi muito variada e, algo que se considera ainda mais difícil,

> foi mais prudente quando esta lhe sorria do que quando lhe era adversa (Nepos, *Tim*., 1.1-2)[79].

A partir dessa passagem, portanto, é possível perceber que a erradicação da tirania, seja imposta internamente ou externamente, emerge na narrativa de Nepos como um elemento consistentemente exemplar (Stem, 2012, p. 192). Desse modo, o biografado é representado como uma espécie de "libertador": um homem prudente, comprometido a defender os siracusanos e coríntios da opressão, desvelando, além disso, uma "cultura do poder" marcada por usos e abusos (Rosenblitt, 2022, p. 141) – elemento central da tradição política tardo-republicana. O biógrafo, por conseguinte, se apropria de uma tradição constituída sobre seu assunto para elaborar suas *Vidas*, em que seleciona e reconfigura o material disponível de um modo que julga cativante para seu público[80]. Assim, Cornélio Nepos articula distintas narrativas gregas e produz um trabalho que sintetiza séculos da história helênica, tornando-o significativo para seu próprio presente (Lobur, 2021, p. 37) e para a posteridade.

Dessa maneira, a representação de Timoleonte veicula uma mensagem clara para os leitores de Cornélio Nepos de que uma conduta virtuosa é, obrigatoriamente, avessa a qualquer forma de insubordinação inconstitucional. Essa perspectiva, portanto, torna-se relevante sobretudo quando consideramos a recorrência dessa prática na sociedade romana do período, como discutimos anteriormente neste capítulo. Corroborando com essa ideia, ademais, está a noção delineada por Salústio de que o percurso da história depende em grande medida das escolhas realizadas no passado (e.g., Sal. *Cat*. 10; 52.19-23; *Hist*. *fr*. 1) isso quer dizer que os acontecimentos não eram, em si mesmos, "inevitáveis" (Rosenblitt, 2022, p. 141).

Desse modo, verifica-se que os contemporâneos tinham a possibilidade de adotar comportamentos mais assertivos e virtuosos, auxiliados pela disseminação de exemplos morais na sociedade romana, contribuindo, então, para a construção de um futuro de prosperidade e estabilidade política.

---

[79] *Timoleon Corinthius. Sine dubio magnus omnium iudicio hic vir exstitit. Namque huic uni contigit, quod nescio an nulli, ut et, patriam, in qua erat natus, oppressam a tyranno liberaret et a Syracusanis, quibus auxilio erat missus, iam inveteratam servitutem depelleret totamque Siciliam multos annos bello vexatam a barbarisque oppressam, suo adventu in pristinum restitueret. Sed in his rebus non simplici fortuna conflictatus est et, id quod difficilius putatur, multo sapientius tulit secundam quam adversam fortunam*.

[80] Andrew Feldherr (2009, p. 2), por sua vez, reconhece que os pensadores antigos estavam conscientes das continuidades e descontinuidades com relação a seus precedentes (Cornélio Nepos, *Epam*. 4.6), e que, não raro, deparavam-se com a necessidade de redefinir seus próprios objetivos e métodos do gênero para adequarem-se à época sobre a qual e dentro da qual escreviam.

Feita esta reflexão, portanto, partimos agora para a problematização de outro excerto da vida de Timoleonte; embora já tenhamos discutido esta passagem brevemente[81], convém citá-la na íntegra e acrescentar mais algumas considerações:

> Apesar de que seu poder foi mais do que suficiente como para exercer um domínio absoluto, inclusive contra a vontade de seus subordinados, e de que, por outro lado, o queriam tantos os sicilianos que não havia encontrado oposição por parte deles para obter o poder absoluto, preferiu que o amassem do que o temessem. Assim, tão logo lhe foi possível, renunciou o poder, vivendo durante o resto de sua vida como apenas mais um cidadão em Siracusa (Nepos, *Tim*., 3.4)[82].

Diante do exposto, podemos arguir que a deliberada recusa da *dominatio* pelo personagem o fez ser amado, e não temido, por seus concidadãos, enfatizando novamente os malefícios decorrentes de uma eventual tirania. De uma maneira muito similar, Cornélio Nepos expressa essa ideia na *Vida* de Dión, ao se referir ao assassinato do biografado, dizendo que em tais situações "é fácil para qualquer um compreender o quão odioso resulta o poder de um só homem e o quão digna de compaixão é a vida dos que preferem ser temidos a ser amados"[83] (*Dion*. 9.5). Esse aspecto moralizante de suas obras, ademais, é em si mesmo um componente significativo da cultura política romana (Rosenblitt, 2022, p. 142) e nos diz muito a respeito de como os romanos pensavam e falavam sobre si próprios, mesmo quando nos distanciamos de certas abordagens centradas em uma percepção de "declínio", como em Salústio (*Hist*. 1.13R; cf. *Cat*. 12.2).

Em todo o caso, os serviços prestados ao povo romano, tanto na esfera pública quanto privada, coletivamente ou individualmente, eram o que, por norma, os leitores valorizavam e recompensavam (Rosenstein, 2022, p. 239). Nesse sentido, encontramos esta disposição em servir à cidade amplamente distribuída nas biografias de Cornélio Nepos, sendo muitas vezes levada às últimas consequências, como observamos na seguinte passagem:

> Quando chegou a uma idade avançada, sem ter enfermidade alguma, ficou cego. Sofreu com tanta paciência esta desgraça que ninguém jamais o ouviu reclamar, não deixando por isso de intervir tanto nos assuntos públicos como privados. Sempre que se celebrava alguma assembleia do povo, acudia ao teatro, sendo preciso levá-lo em uma carruagem devido a seu estado de saúde, e dava sua opinião desde seu veículo. E ninguém lhe atribuía isso como

---

[81] Ver acima, p. 62.

[82] *Cum tantis esset opibus, ut etiam invitis imperare posset, tantum autem amorem haberet omnium Siculorum, ut nullo recusante regnum obtinere, maluit se diligi quam metui. Itaque, cum primum potuit, imperium deposuit ac privatus Syracusis, quod reliquum vitae fuit, vixit*.

[83] *quam invisa sit singularis potentia et miseranda vita, qui se metui quam amari malunt, cuivis facile intellecta fuit.*

> arrogância. Pois jamais saiu de sua boca qualquer palavra insolente ou presunçosa (Nepos, *Tim*., 4.1-2)[84].

Notamos nestas linhas, por conseguinte, que mesmo que o personagem não estivesse em condições de deslocar-se por conta própria para a assembleia do povo devido à idade avançada e à enfermidade, não se privou de participar dos assuntos de sua cidade e tampouco negligenciou seus assuntos privados. Destarte as dificuldades e perigos relacionados ao envolvimento político na Roma tardo-republicana, na leitura de Cornélio Nepos, o compromisso de servir a *res publica* jamais deveria ser abandonado, nos limites em que essa contribuição pudesse ser honrada e não colocasse em risco a si e a seus amigos. Em razão disso, o biógrafo esclarece na *Vida* de Ático que muitos membros da ordem equestre se afastaram da política devido à calculada prudência (*Ático*, 15.3), e não por desinteresse. Diante das guerras civis e da escalada crescente de bônus que os comandantes distribuíam a seus soldados, os laços que estes últimos mantinham com a cultura política romana paulatinamente deterioraram-se; muitos legionários, então, "*fell back on the elemental connection in their minds between their efforts on behalf of their general and the material rewards that would attend those efforts*" (Rosenstein, 2022, p. 245).

Assim sendo, o biógrafo apresenta em sua narrativa, por um lado, uma declarada aversão às guerras civis e, por outro, uma notória valorização da *concordia ordinum*. No que diz respeito a esta última, a encontramos em distintos momentos no *De Viris Illustribus*, como, por exemplo, quando Címon intermedia a reconciliação das cidades de Atenas e Esparta após a batalha de Tânagra (*Cim*. 3.3); ou na *Vida* de Agesilau, quando este se recusa a destruir Corinto, reiterando a importância do pan-helenismo (*Ages*. 5.3-4). Vale mencionar, também, a tentativa de Dátames de resolver o litígio com Tuis *sine armis* (*Dat*. 2.3)[85], além do frequente elogio de Cornélio Nepos à clemência, compreendida como uma virtude política (*Alcib*. 5. 6-7; *Tras*. 2. 6; *Ages*. 4. 6-8, 5. 2-3; *Timol*. 2.2) (Oliveira, 2025, p. 145).

Ademais, o horror à violência política se faz presente sobretudo na *Vida* de Ático, em que esta ocupa um papel central: aproximadamente 40% da narrativa (Oliveira, 2025, p. 132), perpassando por sua estrutura e organização cronológica (*Ático*, 7-12). Nesse sentido, Mellor (1999, p. 141) acrescenta que Cornélio Nepos, possivelmente, considerou o comportamento do

---

[84] *Hic cum aetate iam provectus esset, sine ullo modo morbo lumina oculorum amisit. Quam calamitatem ita moderate tulit, ut neque eum querentem quisquam audierit, neque eo minus privatis publicisque rebus interfuerit. 2 Veniebat autem in theatrum, cum ibi concilium populi haberetur, propter valetudinem vectus iumentis iunctis, atque ita de vehiculo, quae videbantur, dicebat. Neque hoc illi quisquam tribuebat superbiae; nihil enim umquam neque insolens neque gloriosum ex ore eius exiit*.

[85] O biógrafo esclarece que se tratava um monarca da Paflagônia, de antiga linhagem, descendente do famoso Pilêmenes, que Homero diz ter morrido na guerra de Troia (*Dat*. 2.2).

biografado atrativo, em razão de este último ser, assim como o próprio autor, um "estudioso" (*scholar*) e não um "homem público" (*politician*). Igualmente notório, portanto, é a razão que fornece o biógrafo para os ostracismos de Temístocles, Aristides e Címon, bem como para as condenações de Alcibíades e Timóteo, a saber: o temor do povo (*timor*) pela tirania, *potentia*, ou de qualquer um que ameaçasse ser mais do que um simples *privatus* (*Tem*. 8.1; *Aris*. 1.2-4; *Cim*. 3.1-2; *Alcib*. 3.3; 7.2; *Timó*. 3.5) (Dionisotti, 1988, p. 48).

Por conseguinte, diante da impossibilidade de controlar o crescente poder dos generais por meios constitucionais, realidade que se apresentava em Roma desde, pelo menos, o início do século I, as restrições de ordem ética passaram a desempenhar um papel fundamental, estando centradas no ê*thos* de grandes personalidades históricas, objeto privilegiado da análise biográfica (Brandão, 2024, p. 62).

No que se refere a Cornélio Nepos, portanto, observamos que a opção por incluir personagens não romanos em sua série de biografias políticas constitui uma prova da abertura do autor para a diversidade, procurando vícios para evitar e virtudes para imitar onde quer que existissem seus cultores de maior renome (Oliveira, 2025). Além disso, o fato de o biógrafo manter vínculos de amizade com nomes como Catulo, Ático e, ao menos, correspondência com Cícero, no entanto, o torna distinto enquanto figura cultural, merecedor de séria consideração por seu próprio mérito. Desse modo, aqueles que o consideram inferior intelectualmente, apesar da proximidade com homens tão fascinantes, alheiam-se à oportunidade de utilizar estas relações para entender o papel de Cornélio Nepos no âmbito destes círculos sociais (Stem, 2012, p. 83).

2.2 A ordem equestre em Roma

No presente tópico, realizaremos uma discussão sobre a ordem equestre romana e o espaço que esta ocupou no período final da república, tomando Cornélio Nepos como representante desta camada social. Convém recordar, inicialmente, que os membros da ordem equestre não constituíam um grupo homogêneo, embora compartilhassem uma série de símbolos de status, como a *trabea*[86], o anel de ouro e o direito de sentar-se nas catorze fileiras no teatro (Davenport, 2019, p. 100). Caillan Davenport, ademais, define esta ordem como composta por cidadãos romanos que possuíam a qualificação de propriedade necessária (*equites*

[86] Um tipo específico de toga, normalmente ornamentada com listras horizontais púrpuras.

romani), enquanto os *equites equo publico* eram aqueles que integravam as dezoito centúrias, ou seja, àquelas consideradas as primeiras nos *comitia centuriata*, exercendo expressiva influência na Assembleia e detendo grande peso político e militar.

De todo modo, a situação financeira favorável de um equestre bem-sucedido, que eventualmente situava-se distante dos assuntos da classe senatorial e de suas inimizades, permitia-lhe desfrutar de relativa liberdade para ascender profissionalmente ou seguir uma carreira pública, se assim o desejasse, tendo como base seus próprios méritos e conquistas (Nicgorski, 2022, p. 127-128). Entretanto, embora tenha sido fruto de um longo processo, a diferenciação entre os equestres e senadores, ao menos no tempo de Cícero, era clara (*Clu*. 154), e consistia basicamente no fato de que estes últimos buscavam explicitamente por magistraturas e tinham acesso a muitos privilégios[87] que serviam, dentre outros, para mitigar os pesados encargos que assumiam (Coudry, 2022, p. 208).

Convém recordar que, na República Tardia, os cavaleiros atuaram claramente na cena política, apoiando financeiramente os homens proeminentes ou administrando seus bens (*Ático*, 15.3), o que lhes conferia uma significativa influência nos assuntos públicos (Sauer, 2011, p. 115). Ao visualizarmos a ordem equestre a partir da biografia de Ático, nota-se, de início, a apresentação do que seria uma "conduta alternativa" que se revelaria adequada para o Principado, e que certamente não interessava somente "à classe cavalheiresca" (*den Ritterstand*), uma vez que contribuía para a disseminação e aceitação na sociedade romana de novos valores e padrões de papéis sociais, difundidos através do discurso literário oriundo deste período de transformações (Sauer, 2011, p. 116).

Ademais, o período triunviral caracterizou-se pela rápida incorporação de "homens novos" à ordem equestre, oriundos de diferentes províncias do território romano, não raro, despertando ressentimentos e preconceitos nos círculos aristocráticos (Davenport, 2019, p. 150). Nesse sentido, recordemo-nos de que Cornélio Nepos, apesar de ter nascido em uma família com boas condições financeiras, possui uma origem provincial (Gália Cisalpina), tal como Tito Lívio (Pádua).

Parte dessa "mobilidade social" que mencionamos foi impulsionada pelas reviravoltas da fortuna no contexto das guerras civis em Roma, que acarretaram inúmeros confiscos de bens e proscrições. Mesmo assim, como salientamos, muitos equestres optaram por não se envolver nas disputas políticas deste período (apesar do fato de que parte significativa dos cavaleiros

[87] Dentre eles, encontram-se a distinção interna, reputação e influência no exterior, o uso da cadeira curul, autoridade e comandos variados.

tradicionalmente integrava o corpo de oficiais do exército), contentando-se em garantir a manutenção de seus interesses privados, como fizeram por gerações (Davenport, 2019, p. 151).

Por conseguinte, a ordem equestre, embora fosse uma classe privilegiada sobre a qual Cícero atribuía o dever da *concordia ordinum* como condição para superar a crise sociopolítica e militar tardo-republicana, não era de modo algum homogênea, conforme já observamos, uma vez que suas concepções políticas oscilavam entre o apoio às instituições republicanas e a adesão ao poder pessoal dos generais (González Román, 1990, p. 52).

Desse modo, as qualificações necessárias, como o censo mínimo e o nascimento livre, continuaram relativamente estáveis ao longo das décadas de guerras civis, sendo que a instabilidade dessa época possibilitou que libertos em ascensão social, por exemplo, ingressassem legitimamente na ordem por meio das doações de generais (Davenport, 2019, p. 96; 151), sendo que muitos cavaleiros, no entanto, não estavam necessariamente comprometidos com os interesses públicos: Cícero reconhece, nesse sentido, que os *publicani*[88] eventualmente se interessavam mais por seus próprios assuntos do que pela integridade da *res publica* (*Ad Q. fr*. I, 1, 32).

Vale recordar que a grande maioria não exercia magistraturas e nem apresentava demasiada ambição, prezando, em especial, por seus assuntos privados; diante disso, Davenport (2019, p. 105) os caracteriza como uma "ordem elusiva", em razão de que muitos cavaleiros declaradamente ansiavam por privilégios, símbolos de status e poder sobre os assuntos que os afetavam. Mas em caso de envolvimento em processos judiciais e acusações de *repetundae*[89]*,* por exemplo, preferiam manter-se apolíticos.

No entanto, o autor argumenta que um equestre inteiramente apolítico, conduzindo uma vida silenciosa e pacífica, emerge como uma espécie de miragem nos círculos sociais de Cícero e na alta política na cidade de Roma. Essa realidade, porém, seria concebível somente se este indivíduo nunca tivesse sido convocado para servir em júris e não tivesse interesses comerciais no exterior. Mesmo assim, ele não seria verdadeiramente um cidadão privado (*privatus*), pois o título que carrega lhe confere uma posição privilegiada no âmbito da *res publica* (Davenport, 2019, p. 105, n. 220).

Diante disso, observemos o que diz o "líder dos *equites*" na ocasião em que este se posiciona contra uma lei proposta por Marco Lívio Druso em 91 que objetivava tornar os

---

[88] Os *publicani* arrematavam contratos públicos na República romana, e dentre suas atribuições estava o gerenciamento da arrecadação de impostos nas províncias.

[89] Em linhas gerais, o termo corresponde a uma transgressão no direito romano envolvendo bens extorquidos ilegalmente por magistrados, governadores e demais funcionários nas províncias.

jurados equestres igualmente passíveis de acusações, como eram os senadores[90]. Quanto a isso, relata Cícero:

> [Os equites disseram] que haviam observado os ornamentos da vida senatorial: era uma distinção brilhante, que vinha acompanhada de muitos símbolos de status e de certa posição pública. Não menosprezavam essas coisas, mas contentavam-se em permanecer membros da ordem equestre, assim como seus pais o haviam sido. Preferiam seguir uma vida pacífica e tranquila, longe das tempestades da turbulência política e das disputas judiciais, como neste mesmo caso (Cic. *Clu.*, 153)[91].

Inicialmente, verifica-se que os cavaleiros não justificavam sua posição como uma escolha pessoal, necessariamente, mas como uma herança familiar, o que tornava seu afastamento da vida política, em teoria, legítimo e respeitável. No que diz respeito a Ático, Cornélio Nepos salienta que:

> Assim ele, que esteve sempre satisfeito com a dignidade de cavaleiro romano, obtida por nascimento, foi parente por afinidade do imperador, filho do Divinizado[92], ele que já antes havia conseguido essa intimidade por nenhum outro motivo do que sua elegância de costumes, a mesma com a qual havia cativado os primeiros da cidade, de dignidade semelhante, mas com pior sorte que ele (Nepos, *Att*., 19.2)[93].

Inicialmente, verifica-se que o autor emprega o termo *principes civitatis,* o que evidencia que o biógrafo estava ciente da relevância política e social que alguns indivíduos podiam atingir, muito além do que os tradicionais meios republicanos de acesso ao poder teoricamente permitiam. Por outro lado, é importante levarmos em conta que também havia equestres que desempenhavam funções públicas com um inegável poder político[94]. Muitos

---

[90] Em razão de os equestres não ocuparem magistraturas formais, eles não estavam sujeitos às mesmas restrições ou julgamentos que os senadores; no entanto, esta "formulação idealística", na visão de Davenport (2019, p. 151), era irreconciliável com a crescente influência política exercida por essa ordem, seja na condição de eleitores, jurados, *publicani*, ou mesmo como um grupo unificado de pressão, mobilizados a agir em questões que afetavam seus interesses ou para assegurar as prerrogativas que haviam adquirido.

[91] *Sese vidisse in ea vita qualis splendor inesset, quanta ornamenta, quae dignitas; quae se non contempsisse, sed ordine suo patrumque suorum contentos fuisse et vitam illam tranquillam et quietam, remotam a procellis invidiarum et huiusce modi iudiciorum sequi maluisse*: - consultamos a tradução para o inglês de H. Grose Hodge (1997).

[92] Como se sabe, Caio Otávio (futuro Augusto) foi adotado postumamente por Júlio César (a quem Cornélio Nepos chama de "divinizado"), adoção oficializada por via testamentária.

[93] *Namque hic contentus ordine equestri, quo erat ortus, in affinitatem pervenit imperatoris, Divi filii, cum iam ante familiaritatem eius esset consecutus nulla alia re quam elegantia vitae, qua ceteros ceperat principes civitatis dignitate pari, fortuna humiliores*.

[94] Em 55, Cneu Pompeu apresentou a *lex Pompeia Iudicaria*, que prescrevia que os jurados não seriam mais escolhidos pelo pretor; em vez disso, viriam automaticamente das classes censitárias mais altas das três ordens de senadores, equestres e *tribuni aerarii*. Nesse sentido, os *equites* ainda eram compelidos a servir nos júris quando convocados para tal. No mesmo ano, como argumenta Davenport (2019, p. 103), houve uma tentativa de tornar os tribunos, prefeitos e *scribae* – parte deles equestres – também suscetíveis à acusação de *repetundae*. Embora a moção tenha sido rejeitada, esta tentativa evidencia que o papel dos cavaleiros nos assuntos de Estado não era inteiramente apolítico, mesmo que as questões em que estavam envolvidos eram, de algum modo, limitadas.

atuavam, nesse sentido, como conselheiros dos governadores de províncias, além de manterem relações de negócios com alguns senadores, exercendo significativa influência para atingir seus objetivos.

Outros, porém, dedicavam-se à vida militar, ocupando postos de oficiais no exército romano, como tribunos e prefeitos, lutando em nome da *res publica*; entretanto, em razão de suas atribuições centrarem-se especialmente em assuntos estrangeiros, estes não se envolviam na política interna de Roma do mesmo modo que outros magistrados. Em resumo, "*The ordo equester was intimately connected with the politics and administration of the res publica in a way that could not have been entirely anticipated by Gaius Gracchus in 123 BC*" (Davenport, 2019, p. 103).

Assim sendo, no que se refere à *Vida* de Ático, embora Cornélio Nepos o represente deliberadamente distante das disputas políticas, destaca, igualmente, que o biografado mantinha contato com homens de grande projeção social no período:

> E não foi menor a correspondência que manteve com Marco Antônio, quando este se encontrava distante de Roma, na qual ele, apesar de estar nos últimos confins da terra, tratava de informar Ático do que fazia. O quão meritório era tudo aquilo poderia coligi-lo com facilidade aquele que seja capaz de entender quanta sabedoria e sagacidade se requer para conservar a amizade e o afeto daqueles que entre si eram êmulos das mais excelsas façanhas, e como acréscimo, existia entre eles uma ferrenha inimizade, como foi a que inexoravelmente teria que existir entre César[95] e Antônio, pois um ou outro tratavam de ser o dono absoluto não só de Roma, mas do mundo todo (Nepos, *Att*., 20.4-5)[96].

Diante do excerto, é possível arguir que o retiro atribuído a Ático é um tanto quanto superestimado, especialmente quando levamos em conta o círculo social no qual ele estava inserido. Além disso, para que o biografado pudesse exercer uma poderosa influência sobre os eventos de seu tempo, ele não precisava, necessariamente, ocupar oficialmente algum cargo público (Lindsay, 1988, p. 335). A título de ilustração, observemos um episódio no qual o personagem executa o que parece ser sua primeira e última ação política explícita (Cic. *Att*. 2.1.7 [SB 21.7], *Sest*. 28, *Leg*. *Agr*. 2.70–1) (Davenport, 2019, p. 104).

---

[95] Referência a Caio Otávio.

[96] *Neque vero a M. Antonio minus absens litteris colebatur, adeo ut accurate ille ex ultumis terris quid ageret, curae sibi haberet certiorem facere Atticum. Hoc quale sit, facilius existimabit is qui iudicare poterit, quantae sit sapientiae eorum retinere usum benevolentiamque, inter quos maximarum rerum non solum aemulatio, sed obtrectatio tanta intercedebat, quantam fuit incidere necesse inter Caesarem atque Antonium, cum se uterque principem non solum urbis Romae, sed orbis terrarum esse cuperet.*

Embora Cornélio Nepos omita[97]essa anedota, lê-se que, no contexto da conspiração de Lúcio Sérgio Catilina durante o consulado de Cícero (em 63), os *equites* que residiam em Roma se reuniram e elegeram um líder temporário (Ático) para conduzi-los, em procissão, até o *Clivus Capitolinus*[98], intencionando demonstrar o apoio desta ordem à causa do Senado e à defesa da República contra a ameaça representada pelo conspirador e seus partidários. Digno de nota, porém, é o fato de que uma das reivindicações principais dos Catilinários era que se colocasse um termo às dívidas impagáveis, o que muito provavelmente contrariava os interesses privados de alguém como Ático.

Assim, muitos equestres eram contrários a qualquer medida nesse sentido (algo que favorecia Cícero), sendo possível argumentar que o biografado possivelmente agia nos bastidores para assegurar seus interesses financeiros. Os equestres como grupo, portanto, incluíam em suas fileiras tanto devedores quanto credores. A título de ilustração, pensemos no caso de Cícero, que foi confrontado com questões desta natureza quando ocupava o cargo de governador da Cilícia entre os anos 51 e 50[99].

Não menos importante, porém, é o fato de que o personagem estava particularmente interessado nos mesmos assuntos que frequentemente eram motivo de preocupação por parte dos *publicani*. Assim, Cícero revela-se cônscio da influência e das conexões desfrutadas por Ático junto a homens influentes, como os arrecadadores de impostos nas províncias, frequentemente envolvidos na corrupção financeira, e em diversas ocasiões o tranquiliza sobre as questões que lhe dizem respeito (Cic. *Att*. 6.1.151–6 [SB 115.15–16]) (Davenport, 2019, p. 94).

De fato, é em razão dos discursos, cartas e trabalhos filosóficos e retóricos de Cícero, em especial, que temos a oportunidade de acessar uma perspectiva específica de um contemporâneo a respeito da realidade política tardo-republicana, e o lugar que os equestres ocupavam nela. Em verdade, a natureza das evidências sobreviventes implica que a visão que

---

[97] *Es liegt die Vermutung nahe, daß Beispiele aus Atticus' Leben, in denen die ser direktes politisches Engagement zeigte, deshalb ausgespart sind, um eben jenes deutlich erfolgreichere Handlungsmodell kluger, ausgleichs orientierter Zurückhaltung in den Vordergrund zu rücken, das gerade wäh rend der Bürgerkriege Erfolg zeitigte, sowohl in der Rettung von in Not geratenen Mitgliedern der Führungsschicht als auch besonders in der Tat sache, daß Atticus selbst die Zeit der Bürgerkriege unversehrt überstand* (Sauer, 2011, p. 131) - "É plausível supor que exemplos da vida de Ático, nos quais ele demonstrava engajamento político direto, foram omitidos precisamente para destacar esse modelo de ação mais eficaz de prudente contenção voltada ao equilíbrio, que teve sucesso especialmente durante as guerras civis, tanto na salvação de membros em dificuldade da elite dirigente quanto, em particular, pelo fato de que o próprio Ático sobreviveu ileso ao período das guerras civis"

[98] Era a principal via que ligava o Fórum Romano ao cume do Monte Capitolino, conduzindo diretamente ao Templo de Júpiter Óptimo Máximo. No período tardo-republicano, dispunha de enorme importância simbólica e política, sendo normalmente utilizada como o trecho final dos desfiles triunfais dos generais vitoriosos.

[99] Cf., Schneider, 2013, p. 85-104.

dispomos dos *equites* é, em grande medida, a visão de Cícero. Por isso, devemos estar conscientes de suas particularidades políticas e pessoais, bem como do tipo de relação que este mantinha com os senadores (Davenport, 2019, p. 73-74).

Por outro lado, é possível tomarmos a *Vida* de Ático como uma evidência da postura confiante dos cavaleiros emergentes na sociedade tardo-republicana, uma vez que nessa narrativa há um explícito reconhecimento da dignidade pessoal que vai além do tradicional padrão de papéis sociais centrados na atividade político-militar. Assim sendo, na leitura de Sauer (2011, p. 143-144), esta biografia se apresenta como um marco importante em um processo no qual o posicionamento no que se refere aos assuntos públicos, que antes era associado legitimamente à *ordo equester*, torna-se paulatinamente aplicável a toda camada dirigente, na medida em que o sistema republicano, baseado na competição aristocrática e na busca por consenso político, torna-se inadequado em face das transformações que caracterizam a sociedade tardo-republicana.

Nesse sentido, como argumenta Paulo Martins (2013, p. 120-121), o fato de o poder se manifestar em novas bases não significa que tenha havido, necessariamente, uma descontinuidade com relação ao regime político da República, mas, antes, uma série de modificações e refinamentos de atribuições sociais que ainda seguiam a aparência desta última. Se tomarmos, por exemplo, as representações iconográficas de Augusto, percebemos que sua principal característica "é a sobreposição de funções, acúmulo de investiduras que em hipótese alguma estão fora do horizonte republicano". Uma outra chave de leitura, na qual podemos refletir mais diretamente sobre a situação dos integrantes da ordem equestre, é a de que este momento de transição da história romana é produto de um processo mais amplo de integração social no Mediterrâneo, notadamente das elites urbanas (Faversani; Joly, 2013, p. 115). Uma passagem que, em certa medida, ilustra essa assertiva encontra-se na *Vida* de Ático, na ocasião em que este, por meio de Marco Antônio, casa sua filha com Marco Vipsânio Agripa[100] (*Ático*, 12.1-2) um homem que detinha comparativamente um status social mais elevado.

Diante disso, verifica-se que, com este matrimônio, o próprio biografado também ascendeu socialmente, além de evidenciar sua presença nos círculos de influência dos protagonistas mais poderosos da política (Sauer, 2011, p. 141). Noutros termos, o personagem é representado por Cornélio Nepos de modo a atingir as mais altas instâncias da hierarquia social (até a família do futuro *princeps*) mesmo tendo renunciado ao *cursus honorum* – situação observada, além disso, no matrimônio entre a neta de Ático (e filha de Agripa) com o futuro

[100] General romano e cônsul por três vezes, nos anos de 37, 28 e 27.

imperador Tibério (*Ático*, 19.4). Ainda segundo Sauer, semelhante fato se manifesta, possivelmente, como um substituto estrutural para a descrição tradicional da glória.

Nesse sentido,

> [...] *In der Zukunft sollte es vor allem dem eng sten Kreis um den Prinzeps erlaubt sein, in erster Reihe die Geschicke des Gemeinwesens zu bestimmen, ohne daß dabei die Bekleidung von Ämtern notwendige Voraussetzung wäre. Nepos suggeriert dem Leser damit Atti cus' Aufstieg in einen Bereich, der fortan Teil des engsten Machtzirkels des Prinzeps sein würde*[101] (Sauer, 2011, p. 141-142).

Por conseguinte, a biografia de Ático configura-se como um "modelo de vida" que complementa, ou que funciona como um "corretivo", para o modelo social usualmente empregado pelos senadores, tendo em vista a perda da igualdade no âmbito das tensões e disputas aristocráticas e a desarticulação da ordem republicana que caracterizaram este período. Neste contexto, faz-se pertinente considerarmos, igualmente, a questão da "fortuna" na narrativa de Cornélio Nepos, tema abordado por William Merrick em sua monografia intitulada *Cornelius Nepos: fortune, biography, and the late Roman Republic* (2025), e que nos proporciona *insights* pertinentes para nossa discussão. O autor disserta que as circunstâncias de vida do biografado (Ático) estavam sujeitas ao capricho da sorte a tal ponto que seria um exercício inútil tentar prever como as coisas terminariam. De fato, o biógrafo explicitamente diz que "foi tanta a instabilidade da sorte naqueles tempos, que ora estes, ora aqueles, viam-se ou no topo ou em grande perigo" (*tanta varietas his temporibus fuit fortunae, ut modo hi, modo illi in summo essent aut fastigio aut periculo*) (*Ático*, 10.2).

Entretanto, na condição de cavaleiro romano, o personagem é representado de maneira a evitar atitudes que suscitassem inveja e oportunismo e a direcionar seus esforços, em vez disso, a ajudar indivíduos na vida pública em situações de grave perigo, sendo esse modo de agir o que lhe permitiu sobreviver incólume às guerras civis, fato que Cornélio Nepos faz questão de louvar: "Pois se o timoneiro que salva o navio da tempestade e do mar cheio de rochedos é tido por especial louvor, por que não se haveria de considerar singular a prudência daquele que, em meio a tantas e tão graves tempestades civis, chegou incólume?" (*Quod si gubernator praecipua laude fertur, qui navem ex hieme marique scopuloso servat, cur non singularis eius existimetur prudentia, qui ex tot tamque gravibus procellis civilibus ad incolumitatem pervenit?*) (*Ático*, 10.6).

---

[101] "[...] no futuro, deveria ser permitido acima de tudo ao círculo mais próximo do príncipe determinar em primeira fila os destinos da comunidade, sem que o exercício de cargos fosse condição necessária. [Cornélio] Nepos sugere assim ao leitor a ascensão de Ático a um âmbito que doravante faria parte do círculo mais próximo de poder do príncipe".

Desse modo, na leitura de Merrick, esta é a razão da ênfase do biógrafo nesta *Vida*, i.e., Ático foi agraciado por uma fortuna favorável em razão de seu caráter virtuoso, dedicado a servir os outros e a sempre cumprir com sua palavra (15.1), o que o torna, nessa perspectiva, "*a survival guide for those looking to navigate the turbulence of fortuna*" (Merrick, 2025, p. 23). Seja como for, Cornélio Nepos rompia com a ampla tradição histórica que associava os efeitos da fortuna a comunidades inteiras e a grandes eventos, adotando uma abordagem mais individualista da mesma, articulando-a, simultaneamente, a elementos como a *invidia* ou a insubordinação de tropas (um tratamento adequado, diga-se de passagem, para um projeto biográfico).

Convém ressaltar que, na perspectiva de Jochen Sauer (2011, p. 143), a *gravitas*, *comitas*, *severitas* e *facilitas* são articuladas nesta biografia a fim de comporem uma síntese orientada para o equilíbrio; assim sendo, numerosos valores associados aos *mores maiorum* que configuravam-se indispensáveis para a classe dirigente republicana, como dissertamos, se fazem presentes nesta *Vida*, notadamente a *continentia*, *diligentia*, *industria*, *fides* e *pietas*, acrescidos de sua notória *humanitas*.

Assim sendo, cabe acrescentar que o caráter moral que permeia esta *Vida*, associado aos problemas da sociedade tardo-republicana, como interpreta Horsfall (1989, p. 15), é convencional e tradicional, e apresenta-se totalmente fora de qualquer afiliação política declarada (*Cat*. 2.2; *Ático*, 6.2), a despeito de sua proximidade com os *optimates*, como já discutimos. Entendemos que, mesmo distante dos assuntos públicos, o biografado é apresentado como um cidadão que respeita as tradições romanas e valoriza as boas ações das gerações precedentes. Assim sendo, dentro de balizas definidas e socialmente aceitáveis, modela uma conduta que se revela capaz de responder aos desafios e perigos de seu presente, conservando, portanto, as virtudes ligadas aos *mores maiorum*. Em síntese, sob a ótica de Cornélio Nepos, Ático é caracterizado como um homem satisfeito com sua dignidade de equestre (*Ático*, 19.2), não precisando, necessariamente, exercer magistraturas (*Ático*, 6.2) para alcançar elevadas posições sociais e exercer significativa influência sobre os eventos de seu tempo.

Entretanto, acrescenta-se que a definição desses lugares sociais estava em constante disputa, bem como o que seria a glória a conferir ao indivíduo a imortalidade. As inscrições tumulares de libertos nos fornecem um bom exemplo disso. Como ressalta Henrik Mouritsen (2011, p. 116), ao investirem pesadamente em túmulos monumentais, os libertos deslocavam o critério de honra para o mérito pessoal, centrado no esforço individual e na superação da condição servil. Apesar disso, estes homens, na prática, ainda preservavam fortes laços de

dependência pessoal com seus patronos, os quais normalmente oportunizavam o eventual enriquecimento de seus libertos (Mouritsen, 2011, p. 155-156).

De todo modo, a ostentação dos libertos era frequentemente vista como "sem substância", e a honra que adquiriam era considerada "comprada" e não "merecida" de acordo com os critérios romanos tradicionais. A riqueza, em síntese, não conferia necessariamente respeitabilidade social nem implicava qualquer status moral de destaque: "*ironically, the rich freedman who made claims above his station merely vindicated the supremacy of virtue over wealth by reminding the observer of his lack of true merit*" (Mouritsen, 2011, p. 116). Nesse sentido, cabe ressaltar uma comparação feita por Mouritsen (2011, p. 116) entre os túmulos de Licínio (um dos libertos de Júlio César) e o de Catão, o Velho (*famously non-existent*), afirmando que, enquanto as pedras pressionavam Licínio para baixo, a fama elevava Catão para as alturas.

Exposto isso, seguimos agora para o terceiro capítulo, no qual analisaremos de modo mais detido as biografias de Ático e Epaminondas, observando sobretudo como as tensões e disputas aristocráticas se fazem presentes nessas *Vidas*, e como esses textos, notadamente a partir de uma perspectiva moralizante, aproximam-se e distanciam-se entre si. Assim, considerando as informações apresentadas nos capítulos anteriores, torna-se possível realizar, juntamente com o leitor, uma reflexão mais assertiva sobre um momento da história romana marcado por profundas transformações.

Capítulo III

As biografias de Ático e Epaminondas: aproximações e distanciamentos

No presente capítulo, realizaremos um estudo comparativo das biografias de Ático e Epaminondas, tendo como norte a problemática geral desta dissertação: investigar as disputas e tensões aristocráticas que permearam o período tardo-republicano. Salientamos na Introdução deste trabalho a razão de selecionarmos estas duas biografias, mas não custa retomá-las. Ático, amigo e contemporâneo de Cornélio Nepos, é o exemplo mais completo no âmbito de sua narrativa de uma conduta virtuosa de um homem que deliberadamente não seguiu carreira política, contentando-se em permanecer como um *priuatus*, embora com algumas limitações devido especialmente à condição de membro da ordem equestre.

Epaminondas, por sua vez, foi um general tebano do século IV que conquistou grande poder político e militar em sua cidade e, do modo como o biógrafo o representa, agiu sempre pelo bem de Tebas, distanciando-se de um comportamento tido como tirânico. Por conseguinte, verifica-se nas duas *Vidas* que selecionamos um interessante diálogo entre as esferas pública e privada – e pelo que podemos inferir a partir da narrativa do autor, é possível desenvolver uma conduta virtuosa em ambas.

A natureza exemplar do *De Viris Illustribus*, por conseguinte, perpassa por um esforço consciente do biógrafo no sentido de incentivar seus leitores a realizar comparações, como já vimos. Nesse sentido, o autor não hesita em afirmar na *Vida* de Milcíades (6.1-2), por exemplo, que a "natureza de todos os Estados é a mesma"[103] ao se referir às recompensas concedidas por Atenas ao personagem em razão da vitória na batalha de Maratona (em 480). Como observa Stem (2012, p. 149), no entendimento de Cornélio Nepos, as duas cidades (Roma e Atenas) passaram por um percurso moral e político similar: foram gloriosas em suas origens, mas corrompidas por seus magistrados a tal ponto que suas riquezas e extravagâncias tornaram-se inúteis. Sua intenção, depreende-se, era evidenciar características similares entre o seu presente e outras temporalidades – neste caso, o "declínio político" – para que seu público, cônscio das vicissitudes de seu tempo, pudesse compreender mais facilmente a história de Roma a partir de outros povos, e vice-versa.

---

[103] *Cuius victoriae non alienum videtur quale praemium Miltiadi sit tributum, docere, quo facilius intellegi possit eandem omnium civitatum esse naturam.*

Além disso, pode-se inferir que a estrutura ética das biografias que integram o *De Viris Illustribus* é relativamente estável e consoante à sua estrutura política. O discurso exemplar empregado pelo autor muitas vezes o impele a evidenciar o caráter universal das virtudes que relata, e para isso, mistura diversos elementos (Stem, 2012, p. 150) – e.g., sua tendência em "romanizar" assuntos gregos – favorecendo um exercício comparativo mais claro e proveitoso.

Assim sendo, as biografias de Ático e Epaminondas são apropriadas para a realização deste exercício comparativo uma vez que os personagens compartilham uma série de virtudes morais e intelectuais[104] (embora não sejam os únicos biografados da série com essa característica) que são normativas, não culturalmente determinadas (Stem, 2010, p. 132).

Nesta leitura, as *Vidas* ora mencionadas cumprem com duas condições necessárias quando lidamos com a comparação no campo da história: a semelhança entre os fatos ou objetos observados, e uma certa dissemelhança entre os meios em que tiveram lugar (Bloch, 1998, p. 121-122). Assim, no que diz respeito ao segundo aspecto, deparamo-nos com as particularidades tanto do contexto tardo-republicano (Ático) como do da Tebas do século IV (Epaminondas), elementos que problematizaremos na condução de nosso estudo.

O estudo comparativo, por fim, prestou serviços notáveis e de toda a sorte ao longo do tempo. No que se refere à Antiguidade mediterrânica, a comparação nos trouxe, dentre outros, uma "sensação de diferença" ou até de "exotismo", como infere Bloch, condição indispensável para um entendimento mais assertivo do passado. Ademais, vale salientar também a possibilidade de preencher, através de hipóteses apoiadas na analogia, certas lacunas de documentação, abrir novos caminhos investigativos, revelar interações anteriormente desconhecidas, entre outros.

Desse modo, como ocorre com toda pesquisa histórica, o documento serve como uma testemunha e só fala quando devidamente interrogado. Interrogaremos, pois, as biografias de Ático e Epaminondas, valendo-nos das ferramentas teórico-metodológicas que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, com o intuito de conduzir a partir destas *Vidas* uma reflexão sobre as contradições, conflitos e tensões aristocráticas que caracterizaram as últimas décadas da República.

Antes de adentrarmos propriamente nesta discussão, resta-nos apresentar o conceito *exemplum.* Inicialmente, ele pode ser compreendido como um modelo de conduta de natureza flexível e variável a ser imitado ou evitado, podendo ser interpretado pelo público leitor (ou

[104] Dentre elas podemos destacar a moderação, a lealdade, a discrição, a honestidade e a generosidade. Há muitas passagens que as ilustram, por exemplo, no caso de Ático: 2. 3-6; 4. 3; 6. 2-3; 11. 1, 5-6; 13. 6; 14. 2; 15. 1-3; 18.1; 21.1 e em Epaminondas: 3. 1-3; 4.1-6; 7. 1-2.

comunidade) das mais variadas maneiras, assim como utilizados ou reutilizados em diferentes contextos (Faversani, 2020, p. 379). Apresentando certa variabilidade situacional, os *exempla*[105] eram acompanhados por particularidades circunstanciais que auxiliavam na configuração de suas ações como virtuosas ou viciosas, a depender dos objetivos do autor. Em Cornélio Nepos, como vimos, as informações consideradas históricas, do ponto de vista dos antigos, foram articuladas precisamente para retratar o caráter do personagem: a *uita* do biografado (Nepos, *Pelop*. 1.1). Dito isso, Marcos Ehrhardt (2008, p. 4) nos recorda de que os *exempla* prestavam-se tanto para a "educação dos governantes quanto dos cidadãos e súditos" e serviam para "aconselhar [a] melhor forma de se portar e de orientar sua vida a partir dos modelos registrados na história: são os exempla recurso amplamente citado e um gênero forjado na Antiguidade e chamado de *historia magistra vitae*".

Assim sendo, muitos dos tópicos abordados pelos historiadores e biógrafos romanos auxiliam a promover o mesmo tipo de comportamento seguido no passado, encorajando, portanto, a fidelidade aos *mores maiorum* (Balmaceda, 2019, p. 70). As ações de tempos precedentes, nesse sentido, poderiam ser de algum modo inspiradoras para o presente ou, até mesmo, para o futuro, como se as possibilidades e valores dos atores permanecessem similares. Não obstante, os *exempla* revelam uma consciência histórica particular na medida em que constituem a forma de um discurso moral, servindo não apenas como um dispositivo pedagógico e retórico usado para explicar ou ilustrar determinada situação narrada, "*but also as an exhortative encouragement to motivate readers into action*" (Balmaceda, 2019, p. 88).

A centralidade do indivíduo na historiografia romana está relacionada com a exemplaridade, ou seja, a função que o *exemplum* exerce na sociedade. Como Thomas Wiedemann (2008, p. 521) disserta, os historiadores romanos concebiam as mudanças políticas, como a mudança do regime republicano para o imperial, fundamentalmente em termos de divisão de poder entre indivíduos e não em termos de mudanças constitucionais. Isso não significa, portanto, que não percebessem a diferença entre República e Principado: um aspecto que provavelmente foi evidente para eles com relação a esta alteração foi o deslocamento do centro de decisão política do Fórum para a casa imperial (*Domus Caesaris*).

Desta forma, além de serem modelos de conduta que forneciam orientação, os *exempla* serviam de base para avaliações de eventos ocorridos no presente. Não obstante, observaremos

[105] Os autores antigos e estudiosos modernos utilizavam a palavra latina *exemplum* para se referir, de vários modos, ao executor de determinado feito; ao feito performado; a uma narrativa ou outra forma monumental de relatar ao se referir a uma ação; por último, ao modelo ou padrão moral que tal autor ou feito estabelece. Seguindo a proposta de Roller (2018, n. 1, p. 1), portanto, especificaremos o emprego do termo em situações de possíveis ambiguidades semânticas.

mais adiante como se davam estas avaliações, tendo em vista a produção de *exempla* no discurso exemplar, que mobilizavam elementos de caráter moral e apresentavam subsídios para o julgamento de determinada ação. Dessa maneira, uma ação e o sujeito que a desempenhou representam um *exemplum*, um modelo disponível para interpretação e orientação, o que implica que ele não era estático ou fechado, mas estava sujeito a uma disputa constante de interpretações, tanto positivas quanto negativas, a depender da categoria ética em que é considerado, o que nos permite justapor, portanto, as biografias de Ático e Epaminondas.

A produção do discurso exemplar torna possível, por sua vez, a articulação de comparações entre os *exempla*, notadamente com objetivos didático-moralizantes. Como já dissemos, eles estão ancorados em princípios éticos e, no entanto, podem ser compreendidos dentro de um processo de descontextualização histórica. Assim sendo, seus sentidos, muitas vezes produzidos em temporalidades distintas, podem ser comparados e, portanto, reforçar uma determinada interpretação (Azevedo, 2012, p. 55). A exemplaridade, nesse sentido, configura um meio de caracterização que assinala o louvor e a culpa em seu objeto, articulando-o mediante exemplos (positivos e negativos) que servem como um guia ativo e relevante para a conduta no presente (Stem, 2012, p. 128). Nesta perspectiva, como uma série comparativa de biografias curtas que incorpora exemplos individuais de generais proeminentes, a obra de Cornélio Nepos deve ser compreendida a partir do que o autor afirma que definiria o caráter de cada homem e como ele interconecta essas qualidades pessoais visando constituir retratos de líderes políticos e militares (Stem, 2012, p. 130).

No que diz respeito à *Vida* de Ático, nota-se que a ênfase no dever público e privado é endossada de forma diferente. A maneira pela qual o papel político do personagem é apresentado demonstra como os valores desta biografia sobrepõem-se àqueles vigentes no último século da República (Stem, 2012, p. 117).

Além disso, o biografado é retratado com um caráter consistente que evidencia sobretudo suas virtudes privadas (diferentemente da biografia de Agesilau, por exemplo), mas nem por isso deixa de apresentar um senso de dever público (6.1; 13.1). Nesse sentido, a maneira como Ático lida com assuntos pessoais, conforme Cornélio Nepos, sugere certa predisposição em seguir uma carreira política, talvez em tempos menos corruptos, acompanhada de uma explicação de que não o fez deliberadamente e por razões éticas (6.2) (Stem, 2012, p. 121). Este aspecto de corruptibilidade na política romana e a impossibilidade de exercer cargos de forma íntegra em conformidade com os *mores maiorum*, como entende Jochen Sauer (2011, p. 119), configura-se como a razão mais apropriada para o público de Cornélio Nepos para lidar com a questão da neutralidade política e com uma postura não

ambiciosa com simpatia, uma vez que, deste modo, "a dignidade dos cargos e a validade do modelo de vida tradicional, em princípio, não são afetadas" (Sauer, 2011, p. 119)[106].

Assim sendo, convém ressaltar, novamente, a relação de amizade do personagem com Cícero, caracterizada pelo compartilhamento de interesses intelectuais e estéticos. Nota-se, então, que este vínculo de *amicitia* baseava-se, em grande medida, em um expressivo suporte financeiro e nos conselhos políticos que o orador romano (Cícero) recebia de Ático (Nicgorski, 2022, p. 127). Ressalte-se, porém, que a educação era um elemento que possibilitava o acesso de determinados indivíduos a círculos de amizade nos quais os integrantes dedicavam-se a discussões filosóficas e literárias, mas também ao apoio da prática política e ao aconselhamento pessoal.

Desse modo, no que se refere às relações sociais neste contexto, convém destacarmos que estas estavam permeadas por fortes vínculos de clientela, conflitos entre distintas facções políticas, intimidação violenta, rumores e assassinatos (tanto físicos quanto de caráter), contrariando, portanto, a imagem de uma República bem ordenada (Nicgorski, 2022, p. 127). É possível arguir que Cícero e Ático estavam conscientes dessa situação, bem como dos costumes, tradições e aspectos relativos a uma "constituição não escrita" vigente nesse período, como é possível observar a partir das cartas escritas pelo primeiro; dentre elas, uma endereçada a Ático particularmente nos chama a atenção, na qual o remetente manifesta dúvidas se ele deveria "na política, compartilhar os perigos dos benfeitores de seus amigos, ainda que não aprove as ações deles em questões capitais?" (Att. 9.4.2 = 173.2 SB)[107].

É possível argumentar a partir deste excerto, como disserta Nicgorski (2022, p. 129), que o orador estava profundamente ciente do padrão de corrupção empregado na administração de Roma sobre suas províncias e demais territórios, e situava seus trabalhos como uma espécie de "exemplo contracultural" (e.g. Att. 5.16 = 109 SB, 5.17 = 110 SB, 5.20 = 113 SB, 6.1 = 115 SB). Nesse sentido, Cícero reconhece um profundo declínio moral (*tam depravatis moribus*), manifestado no abandono do compromisso público, assim como no uso do suborno e da violência como armas políticas – algo que o próprio Cícero, inclusive, também adotou em sua trajetória política[108].

---

[106] *die Würde der Ämter und die Geltung des traditionellen Lebensmodells im Grundsatz nicht angetastet wird*.
[107] Εἰ τοῖς εὐεργέταις καὶ φίλοις συγκινδυνευτέον ἐν τοῖς πολιτικοῖς, κἂν μὴ δοκῶσιν εὖ βεβουλεῦσθαι περὶ τῶν ὅλων. Para o texto original consultamos a edição da Oxford University Press, 1961. No que se refere à tradução, empregamos aquela apresentada por Nicgorski: "*ought he in politics to join in the dangers of his friends' benefactors, even though he does not approve of their actions in capital matters*" (2022, p. 129).
[108] Cf., Engel, 2024.

Desse modo, retornando à questão de exemplaridade, Tito Lívio, autor contemporâneo aos eventos, afirma no prefácio da *Ab Urbe condita* que o objetivo da história exemplar é levar o leitor a escolher, por si mesmo e para sua república, o que deseja imitar ou evitar (*tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde…quod vites*) (Liv. *Pref*. 10). No que diz respeito a Cornélio Nepos, observamos que ele veicula exemplos a partir de suas *Vidas,* objetivando especialmente a instrução moral e, neste processo, depara-se com a questão do declínio da virtude pública que ele identifica no comportamento dos magistrados e generais romanos de sua época. Assim sendo, a narrativa elaborada pelo autor configura-se como uma significativa crítica política (Stem, 2012, p. 139-140), uma vez que o biógrafo, ao levar em consideração as causas do declínio político de Roma, assume uma nítida posição em favor da liberdade republicana (e.g. *Ages*. 4.2; *Eum*. 8.2-3; *Cat*. 2.1-2).

Por conseguinte, os *exempla* caracterizavam-se sobretudo pelo potencial de serem imitáveis, estimulando os leitores a refletirem sobre como poderiam atuar de modo comparável em circunstâncias parecidas ou diversas, ou seja, frente à variabilidade situacional (Martins, 2023, p. 181). Além disso, com base em Roller, Martins argumenta que as funções sociais e culturais da exemplaridade se conectavam, basicamente, por três dimensões: a retórica, ética/moral e historiográfica[109].

No que diz respeito à primeira, ela era fundamental para a argumentação e estratégias de persuasão, possibilitando a modificação do comportamento público e privado dos romanos. Já a segunda evidencia a promoção do estabelecimento, reprodução e alteração dos valores sociais. Finalmente, a terceira sugere uma relação específica entre passado e presente, favorecendo a construção de uma consciência histórica particular (Martins, 2023, p. 182).

3.1 A *Vida* de Ático

Exposto isso, detenhamo-nos agora sobre as biografias de Ático e Epaminondas, as quais investigaremos no presente capítulo. De início, referindo-se à primeira, Lobur (2021, p. 48) argumenta que são as reviravoltas da fortuna do período triunviral que melhor evidenciam suas qualidades de caráter, e que o biografado era altamente valorizado como um especialista cultural, erudição que lhe permitiu cultivar a amizade com homens de grande projeção política

[109] Como Martins (2023, p. 183) disserta, essas três dimensões da exemplaridade são centrais para a influência que os *exempla* exercem na sociedade romana, e todas são pertinentes (em peso variado) na condução dos estudos de caso.

e militar (*Ático*, 20.4-5)[110]. Assim, na leitura de Cornélio Nepos, é principalmente a sabedoria (*sapientiae*) de Ático que o torna estimado por esses indivíduos.

Digno de nota, ademais, é o fato de que a Ático, tal como representado pelo biógrafo, esforçou-se para "equilibrar" os protagonistas rivais da política (*Ático*, 5.4) especialmente por meio da *amicitia* simultânea entre diferentes personalidades que possuíam interesses divergentes. Um exemplo são os vínculos que Ático mantinha com Quinto Hortêncio[111] e Cícero, o que contribuiu para que a competição entre ambos ocorresse de maneira ordenada; diante disso, depreende-se que o biografado exerceu uma função importante de "ponte" ou "mediação" entre determinados atores políticos, assegurando, em alguma medida, uma relativa estabilidade na estrutura de poder pessoal em Roma (Sauer, 2011, p. 126).

Seja como for, sua biografia nos apresenta o ponto de vista de um homem que esteve no coração de Roma em um momento em que a cidade sofria com a instabilidade política e guerras civis, mas mesmo assim optou por não se envolver diretamente na política e nos eventos que testemunhou (Millar, 1988, p. 42). Em certo sentido, a narrativa sobre Ático pode ser interpretada como um relato de um homem que resistiu e sobreviveu, sendo a representação do que o herói não fez, ou seja, "*the temptations presented by public life, and changes of political fortune, to which he did not succumb*" (Millar, 1988, p. 42).

Portanto, as virtudes do biografado e suas atividades nos "bastidores", por assim dizer, são aquelas da vida privada, que contempla a erudição, o antiquarismo e o cuidado com as tradições e antiguidades de Roma. Cornélio Nepos, portanto, deixa explícito essas qualidades, escrevendo que Ático:

> Seguiu sempre os costumes de seus antepassados e sentiu grande apreço pela antiguidade, que conhecia tão perfeitamente que pôde expô-la inteira no livro no qual ele exaltou os magistrados. Não há lei, nem paz, nem guerra, nem fato famoso do povo romano que ele não situou corretamente no tempo, e o que é mais difícil, inseriu em sua obra a genealogia das famílias tão perfeitamente, que se pode conhecer com exatidão as linhas genealógicas dos varões ilustres (Nepos, *Att*., 18.1-2)[112].

Assim sendo, o antiquarismo erudito do biografado (em alguma medida também o de Cornélio Nepos, Varrão e outros) contribuiu significativamente, alguns anos mais tarde, para

---

[110] Trecho citado na íntegra na página 79 desta dissertação.

[111] Conhecido orador e rival de Cícero. O enfrentamento entre os dois ocorreu pela primeira vez no processo contra Caio Verres, governador da Sicília entre os anos de 73 e 71 (Pacheco, 1985, n. 405, p. 238), que foi acusado de manter um governo corrupto e de confiscar bens de cidadãos romanos e locais.

[112] *Moris etiam maiorum summus imitator fuit antiquitatisque amator, quam adeo diligenter habuit cognitam, ut eam totam in eo volumine exposuerit quo magistratus ordinavit. Nulla enim lex neque pax neque bellum neque res illustris est populi Romani, quae non in eo suo tempore sit notata, et, quod difficillimum fuit, sic familiarum originem subtexuit, ut ex eo clarorum virorum propagines possimus cognoscere.*

um processo de rememoração e ressignificação do passado romano no contexto da *Res publica restituta* empreendida por Augusto a partir de 27. Em certo sentido, verifica-se que a maneira mais significativa pela qual Ático prefigurou a aristocracia augustana foi o modo bem-sucedido que encontrou de se envolver profundamente nas atividades da classe política enquanto mantinha individualmente sua neutralidade.

Não obstante, a recorrência do tema da tirania e tiranicídio na série biográfica de Cornélio Nepos (e.g. *Timol*. 1.3), pressupõe um alinhamento com as tendências contemporâneas do autor, notadamente relacionadas ao vocabulário (como o conceito de *libertas*), demonstrando a maneira pela qual sua narrativa expressa correntes ideológicas vigentes, e como ela auxilia na promoção de um senso de legitimidade política associado ao comportamento dos generais e governantes tardo-republicanos, frequentemente explicitando as consequências negativas decorrentes de um comportamento autoritário e inconstitucional (Lobur, 2021, p. 5).

Desse modo, mesmo no centro das tensões e conflitos sociais característicos deste período, Ático é representado mantendo habilidosamente um jogo de equilíbrio e, assim, garantindo sua sobrevivência pessoal e a preservação de sua fortuna. Para exemplificar este ponto, portanto, observemos mais um excerto de sua *Vida*. Aqui, após o biografado se recusar a auxiliar economicamente a conjura dos cesaricidas, como vimos anteriormente[113], Ático aproxima-se paulatinamente de Marco Antônio, enquanto Bruto e Cássio, em uma situação difícil, preparam-se para o desterro. Cornélio Nepos relata, então, que no momento em que Bruto estava prestes a deixar a Itália, Ático entrega a ele:

> cem mil sestércios na qualidade de presente; do mesmo modo, quando este estava em Epiro, fez com que lhe enviassem trezentos mil; nada do que fez Ático supõe adulação a Antônio vitorioso e, menos ainda, o abandono dos que se encontravam mergulhados no desespero (Nepos, *Att*., 8.6)[114].

A partir deste excerto, podemos arguir que Ático estrategicamente evita toda a inimizade, oferecendo seus serviços a quem deles precisar sem tomar partido em meio às disputas pelo poder em Roma, apesar de sua inclinação pelos *optimates*: "em questões políticas seu comportamento foi sempre direcionado não só a fazer-se ver que era do partido dos melhores homens (*optimarum*), mas também que o considerassem como tal; mas nem por isso se comprometia nos conflitos civis" (*Ático*, 6.1)[115].

---

[113] Cf. páginas 66-67 desta dissertação.

[114] *Atticus, qui pecuniam simul cum ceteris conferre noluerat florenti illi parti, abiecto Bruto Italiaque cedenti HS centum milia muneri misit. Eidem in Epiro absens trecenta iussit dari*.

[115] *In re publica ita est versatus, ut semper optimarum partium et esset et existimaretur, neque tamen se civilibus fluctibus committeret*.

Semelhante assistência depreendida pelo biografado, além disso, lhe proporcionou uma série de benefícios e, em alguma medida, sua própria sobrevivência. Mais adiante nesta *Vida*, lemos que, quando Marco Antônio retorna para a Itália, vitorioso, ninguém duvidara do perigo que pairava sobre Ático, considerando a amizade que este mantinha com Cícero e Bruto. Assim, Cornélio Nepos relata que, uma vez temendo as proscrições, o personagem afastou-se de toda a atividade do foro e ocultou-se na casa de P. Volumnio (10.2), a quem Ático já havia auxiliado anteriormente: "a ajuda que prestou a P. Volumnio foi tal, que nem um pai poderia ter feito mais por ele" (9.4)[116], sugerindo que este, de certa forma, estava retribuindo o favor[117].

É essa mesma lógica que o biógrafo evidencia na seguinte passagem, na qual enfatiza o que seria um exemplo de conduta virtuosa em tempos de instabilidade política e social:

> Com esta ânsia de servir a todos evitou toda a inimizade, não ferindo a ninguém e preferindo esquecer a vingar-se quando recebia alguma injúria. Retinha inapagável a recordação de todos os benefícios que houvera recebido; e quanto aos que ele havia feito, os guardava em sua memória só pelo tempo que durava o agradecimento dos que o haviam recebido. Sua conduta foi tal, que parecia suscitar aquele ditado: 'O modo de viver de cada um é o que molda sua fortuna'. Não obstante, ele modelou a si mesmo antes que forjasse seu destino, já que procurou que este não pudesse jogar-lhe nada na cara (Nepos, *Att*., 11.5-6)[118].

Assim, verifica-se que Ático demonstra ser amigo dos homens, e não da fortuna, valorizando as boas ações que esta última pode realizar (9.5-6). Diante disso, é importante termos em mente que os assuntos públicos estavam, essencialmente, relacionados com as obrigações sociais privadas (Millar, 1988, p. 44-45). Isso quer dizer que o comportamento de Ático se inseria na arena pública e a influenciava, mesmo sem o biografado ter ocupado formalmente nenhuma magistratura.

Por conseguinte, Millar (1988, p. 53-54) acrescenta que o "quietismo" atribuído a Ático pode ter "suavizado" o caminho para o estabelecimento de um poder de caráter monárquico, no qual a neutralidade política se configuraria no destino imposto a todos; a erudição antiquária do

---

[116] *P. vero Volumnio ea tribuit, ut plura a parente proficisci non potuerint.*

[117] Podemos mencionar, ainda, outros momentos nos quais Ático ofereceu seu apoio a seus concidadãos diante da crueldade e excesso daqueles que estavam no poder. Assim, verifica-se que a ajuda que este concedeu a Cícero na ocasião de seu exílio (4.4) também estendeu à esposa e aos filhos de Antônio antes de Mutina (9.2-5), bem como às numerosas vítimas das proscrições do Triunvirato (10.4–5; 11.1–2; 12.3–5) (Stem, 2010, p. 132).

[118] *Sic liberalitate utens nullas inimicitias gessit, quod neque laedebat quemquam neque, si quam iniuriam acceperat, non malebat oblivisci quam ulcisci. Idem immortali memoria percepta retinebat beneficia; quae autem ipse tribuerat, tam diu meminerat quoad ille gratus erat qui acceperat. Itaque hic fecit, ut vere dictum videatur*: *Sui cuíque mores fingunt fortunam hóminibus. Neque tamen ille prius fortunam quam se ipse finxit, qui cavit ne qua in re iure plecteretur*.

biografado seria igualmente proveitosa, uma vez que o regime recém-estabelecido poderia incorporar essas informações e manuseá-las com fins propagandísticos.

De todo modo, Lindsay (1988, p. 335) identifica que o comportamento do personagem resultou, em última análise, em sua sobrevivência pessoal (Ático faleceu aos 77 anos devido a uma enfermidade, como se vê em 21.1-6; 22.1-4), questionando a existência de uma base moral que tivesse o orientado. Sabemos, no entanto, que a historiografia e a escrita biográfica greco-romana, em especial, eram permeadas por objetivos retóricos, e que não se limitavam a instruir e deleitar seus leitores, mas também intencionavam mobilizá-los à ação (Marincola, 2009, p. 4). Assim, em nosso entendimento, foi o caráter (*êthos*) do biografado que permitiu a sua sobrevivência em tempos de guerras civis, cujo resultado prático foi o distanciamento da animosidade de qualquer um dos lados do conflito.

Entretanto, tendo em vista que a primeira e mais importante audiência de Cornélio Nepos eram as elites, ou seja, os senadores, equestres, *domus nobiles* e as aristocracias italianas locais, esse estilo de narrativa oportunizava o acesso a informações úteis para estes indivíduos (muitos no exercício de cargos públicos), um público sempre pronto para receber trabalhos desse tipo (Marincola, 2009, p. 12; 20).

3.2 A *Vida* de Epaminondas

Visto isso, seguimos para a outra biografia que analisaremos mais detidamente neste capítulo, a *Vida* de Epaminondas. Diferentemente de Ático, o personagem tebano exerceu magistraturas importantes em sua cidade e deteve considerável poder político.

Recorrendo a Stem (2010, p. 130), observamos que, apesar de as substâncias dessas duas biografias não serem iguais, a maneira pela qual Cornélio Nepos as descreve, ressaltando as boas qualidades de cada um, é essencialmente a mesma. A título de ilustração, o biógrafo destaca que ambos os personagens se sobressaíram com relação a seus pares, mesmo na juventude, prenunciando sua proeminência (*Ático*, 1.1-4; *Epam*., 2.1-5; 3.1-6). Ademais, a ênfase de Cornélio Nepos nessas *Vidas* não reside, necessariamente, em quais tópicos específicos ambas as personagens teriam estudado, mas naquilo em que se destacaram e como perseguiram seus objetivos com diligência – ação associada com uma certa lealdade aos outros, ou dos outros a eles, como resultado de sua excelência.

Por conseguinte, verifica-se que o contexto no qual Ático auxiliou seus conterrâneos diverge radicalmente daquele em que Epaminondas o fez, embora os dois atuem de acordo com

as virtudes de caráter que o biógrafo atribuiu a eles, como a moderação, lealdade, generosidade, discrição e honestidade (Stem, 2010, p. 132). O autor argumenta que a caracterização positiva destas duas figuras não se encontra em suas ocupações específicas, mas no exercício do que ele considera serem suas virtudes morais. Estas, portanto, não estão ligadas a uma identidade cultural particular (*Pref*., 1.1-7; *Epam*., 1.1-3), permitindo que cada um seja herói em seu próprio direito (Stem, 2010, p. 132-133).

Convém mencionar, ademais, que Nepos emprega exemplos (*rerum exemplis*), normalmente na forma de anedotas ou episódios históricos isolados, de acordo com seus objetivos, dentre eles o de compreender a relação entre os costumes (*mores*) e a fortuna de seus biografados. Desse modo, o cenário no qual o personagem realizou seus feitos é relegado ao segundo plano, uma vez que o foco do autor reside na *vita* do indivíduo. Nessa perspectiva, a força de caráter do indivíduo importa mais do que o seu sucesso em determinar o curso dos acontecimentos (Stem, 2010, p. 133-134), apesar de a fortuna nem sempre ser justa e a fama nem sempre recompensada de maneira adequada (*Trasí*. 1.1-3; *Timot*. 4.6; *Eum*. 1.1).

No que se refere a Epaminondas, portanto, o que o torna visivelmente exemplar na perspectiva de Cornélio Nepos é o fato de que ele não compromete o ordenamento de sua cidade ao superar os obstáculos para seu sucesso, alcançado a partir de suas qualidades morais. A título de exemplo, consideremos a seguinte passagem, na qual o biografado é levado a julgamento por manter em suas mãos o poder de comando por um tempo maior que a lei tebana concedia, desobediência esta tradicionalmente punida com a morte. Segue o relato:

> Não obstante, se apresentou ao juízo e não negou nada do que seus adversários haviam aduzido no tribunal; antes ratificou com suas palavras as alegações de seus colegas, aceitando por sua vez o castigo que a lei lhe impusera; só pediu ao tribunal uma coisa: que na sentença se fizesse constar o seguinte: 'Epaminondas foi condenado a morte pelos tebanos por tê-los obrigado a vencer em Leuctra os lacedemônios, os quais antes dele enviar suas tropas, nenhum outro beócio havia se atrevido a olhá-los cara a cara no campo de batalha, e não só por ter livrado da morte Tebas em um único combate, mas também por levar a liberdade para toda a Grécia, e fazer com que as coisas chegassem a tal situação para ambos os bandos que os tebanos pudessem travar a guerra contra Esparta, e fazer com que os lacedemônios se considerassem bens inertes diante da possibilidade de cair em suas mãos: e por não ter abandonado a luta até que, recuperada a Messênia, sitiou Esparta (Nepos, *Epam*., 8. 2-5)[119].

[119] *At ille in iudicium venit, nihil eorum negavit, quae adversarii crimini dabant, omniaque, quae collegae dixerant, confessus est neque recusavit, quo minus legis poenam subiret, sed unum ab iis petivit, ut in periculo suo inscriberent: Epaminondas a Thebanis morte multatus est, quod eos coegit apud Leuctra superare Lacedaemonios, quos ante se imperatoren: nemo Boeotorum ausus fuit aspicere in acie, quodque uno proelio non solum Thebas ab interitu retraxit, sed etiam universam Graeciam in libertatem vindicavit eoque res utrorumque perduxit, ut Thebani*

A partir desta anedota, percebemos que um general poderoso e influente como Epaminondas é representado de modo a transcender a constituição de sua própria cidade sem, no entanto, prejudicá-la (Stem, 2010, p. 164). Recordemo-nos, no entanto, de que o biografado o fez por boas razões: na ocasião em que conduzia seu exército pelo Peloponeso contra Esparta, foi destituído de seu cargo juntamente com seus outros dois colegas de comando (devido à inveja de seus adversários políticos), devendo ser substituído por outros generais inexperientes na arte da guerra (*Epam*. 7.3-4) que colocariam seu exército em grave perigo, dando a entender que o respeito às leis se vinculava à finalidade almejada por quem as descumpria ou, pelo contrário, as observava.

Inicialmente, percebemos por meio da estrutura desta *Vida* que o autor ressalta determinadas virtudes[120] referentes ao personagem mediante situações exemplares apropriadas. Desse modo, a maneira pela qual o leitor é levado a compreender os grandes feitos do biografado ocorre mais por vislumbres anedóticos que revelam seus hábitos de caráter do que a partir de uma narrativa dos eventos em si (Stem, 2012, p. 176; 180). As experiências históricas do personagem são articuladas de maneira a transmitir lições morais e políticas intimamente conectadas com as perspectivas do autor que, por sua vez, está inserido em um contexto histórico específico, possuindo seus próprios valores e expectativas.

Nesse sentido, Stem (2012, p. 182) também identifica na passagem acima o que seria um problema exemplar (*exemplary problem*): no mesmo momento em que a política estrangeira do personagem triunfa (notadamente sua vitória sobre os espartanos em Leuctra em 371), ele se compromete internamente ao violar as leis de sua pátria para alcançar o sucesso na campanha que definiria a preeminência tebana sobre a Grécia[121]. Sabemos, entretanto, que o desfecho foi favorável ao biografado, como escreve Cornélio Nepos: "Quando terminou de falar, todos se puseram a rir, e não teve um único juiz que se atreveu a votar sobre o caso. Desta maneira, até de uma acusação de pena capital, Epaminondas logrou uma grande glória" (*Epam*. 8.5)[122].

Desse modo, podemos inferir que Epaminondas livrou-se do processo justamente porque reconheceu formalmente a autoridade de sua cidade sobre ele, diante da qual assumiu uma postura deferente e patriótica, minimizando a necessidade de os magistrados a afirmarem

---

Spartam oppugnarent, Lacedaemonii satis haberent, si salvi esse possent, neque prius bellare destitit, quam Messene restituta urbem eorum obsidione clausit.

[120] No episódio mencionado, identifica-se, no ponto de vista dos antigos, especialmente a *fides*, *constantia*, *gravitas*, *pietas* e *modéstia*.

[121] Apiano, historiador romano, também se refere ao episódio afirmando que o personagem solicita que em sua inscrição sepulcral constasse o seguinte: "este homem foi eliminado por seu país porque quebrou a lei em benefício de seu país" (Syr. 217).

[122] *Haec cum dixisset, risus omnium cum hilaritate coortus est, neque quisquam iudex ausus est de eo ferre suffragium. Sic a iudicio capitis maxima discessit gloria*.

por meio de uma acusação crível de tirania, o que convida o leitor, portanto, a seguir seu exemplo (Stem, 2012, p. 183).

Entretanto, isso nem sempre seria aplicável, tendo em vista que, para que essa via de ação fosse bem-sucedida, os juízes não deveriam ser corrompidos – do contrário, Epaminondas seria provavelmente executado. À luz dessa reflexão, consideremos o exemplo de Júlio César, que se recusou a retornar a Roma para ser julgado pelo Senado controlado por Cneu Pompeu[123], ou ainda o caso de Caio Otávio, que armou um exército privado para enfrentar os assassinos de seu pai adotivo[124], uma vez que o Senado decidira que não era preciso puni-los, apesar de Júlio César ser considerado, a depender da perspectiva, uma divindade ou um tirano[125].

Apesar disso, na narrativa de Cornélio Nepos, o personagem se mostra consciente de que sua desobediência poderia contribuir para a destruição do Estado (*ad perniciem civitatis conferre*, 7.5), além de exercitar seriamente a *patientia* ao suportar as repetidas injúrias recebidas por seus concidadãos, pois pensava que odiar a pátria era um sacrilégio (*Fuisse patientem suorumque iniurias ferentem civium, quod se patriae irasci nefas*, 7.1).

Em resumo, verifica-se que, segundo a concepção de exemplaridade ligada aos valores republicanos que sustenta o biógrafo, a solução encontrada por Epaminondas frente à perda do comando militar em um momento decisivo foi a de privilegiar a segurança do exército e, posteriormente, submeter-se às autoridades que o haviam desafiado. Assim, o personagem age de acordo com o que é melhor para sua cidade como um todo, apesar das eventuais injustiças que venha a sofrer. Vale acrescentar, por fim, que a figura de Epaminondas configurava um *exemplum* bem consolidado na tradição romana[126], o que certamente contribuiu para uma maior aceitação e reconhecimento por parte dos leitores, que talvez nutrissem expectativas,

---

[123] Em razão da conquista da Gália, uma grande área que corresponde, aproximadamente, aos atuais territórios da França, Bélgica, Suíça e parte da Alemanha (Funari, 2002, p. 88-89), Caio Júlio César adquiriu riquezas, prestígio e um exército leal. Após a morte de sua filha Júlia, em 54, que havia casado com Cneu Pompeu (matrimônio que sustentava uma aliança política), e a de Crasso em 53 (um dos triúnviros) na ocasião da campanha contra os Partos, em Carras, as tensões entre os generais supracitados se intensificaram. Por fim, utilizando como pretexto a ilegalidade do comando exercido por César, Cneu Pompeu, que se aproximara significativamente dos *optimates*, exigiu que este desmobilizasse seu exército e se dirigisse a Roma para ser julgado. César recusou e, em janeiro de 49, atravessou o rio Rubicão com uma de suas legiões, iniciando uma nova guerra civil

[124] Caio Otávio armou um exército privado em 44, após o assassinato de seu tio-avô e pai adotivo, Júlio César, com a intenção de combater os cesaricidas que, por sua vez, se refugiaram nas províncias. Caio Otávio havia se tornado herdeiro de César por via testamentária e utilizou seus recursos para financiar e recrutar veteranos das legiões cesarianas na região da Campânia. Essa e outras demonstrações de força militar forçou o Senado romano, sob forte influência de Cícero, a legitimar suas tropas particulares, dentre outros motivos, pela expectativa de usá-las contra Marco Antônio, o que acabou pavimentando o caminho para a formação do Segundo Triunvirato no ano seguinte.

[125] Como destacou o Prof. Dr. Fábio Faversani por ocasião da banca de defesa da dissertação.

[126] Cf.: e.g., Cic., *ad fam*. 5.12.5 e *Fin*. 2.97; Val. Max. 3.2.*ext* 5. (Stem, 2012, n. 34).

assim como o autor, de que os generais de seu tempo fariam o mesmo ao findar das guerras civis.

Sabemos que muitos aristocratas romanos eram entusiastas desses *exempla*, notadamente daqueles oriundos de figuras do passado que eram famosas por realizar grandes feitos em benefício de suas cidades. A autoridade moral que os caracterizava, portanto, estava imbuída de um caráter persuasivo, que só era possível, na perspectiva de Roller (2018, p. 1), em razão da crença de que o passado era acessível, compreensível e relevante para as preocupações do presente. Ademais, convém considerar que os textos antigos, de modo geral, eram escritos normalmente pelas elites e tendiam a abordar suas preocupações e interesses (Roller, 2018, p. 9), embora houvesse a participação de um amplo espectro social no pensamento e ação exemplares.

Seja como for, os *exempla* no período tardo-republicano possuíam grande relevância, uma vez que eles eram centrais nos discursos argumentativos e persuasivos dos romanos, influenciando potencialmente seu comportamento. Assim, como um componente chave no discurso moral, eles auxiliavam no estabelecimento, manutenção e modificação dos valores sociais; além disso, sugeriam uma relação particular entre presente e passado, que em nosso estudo observamos sob a ótica da *allelopoiesis*, manifestando, portanto, certa consciência histórica (Roller, 2018, p. 10-11).

Nesse sentido, para que a exemplaridade pudesse ser mais eficaz, os antigos deveriam fazer suposições sobre como o seu presente se relacionava com o passado, uma vez que os argumentos morais, em grande medida, estavam ancorados na conduta e virtudes de figuras de outrora. Assim, verifica-se que os *exempla* tinham o potencial de indicar o que "iria acontecer" ou o que "deveria acontecer" em determinado contexto. Ou seja, para fins de persuasão, assume-se ou projeta-se que as ações do presente ou do futuro seriam semelhantes às realizadas no passado e, portanto, conduziriam a consequências igualmente próximas (Roller, 2018, p. 12-13). Desse modo, os autores romanos tendiam a apresentar as virtudes e valores de maneira implícita ou emergindo de condutas exemplares individuais, como observamos a partir das biografias de Cornélio Nepos. Como os resultados das ações não eram certos e nem únicos, assim como a interpretação que se dava a eles, era considerado primordial se exercitar e aprender o mais amplo repertório possível de *exempla* para buscar interpretar adequadamente os eventos e os personagens e apresentar sua forma de entender ambos de modo persuasivo, pois construído dentro das regras da retórica reconhecidas e abarcando um repertório já tomado pelos ouvintes como verossímil e relevante, pois validado pela tradição.

Assim sendo, essas qualidades morais deveriam, em regra, estar de acordo com aquelas que a comunidade compartilhava e reputava como significativas para gerar algum impacto concreto; nesse sentido, a exemplaridade vinculava-se especialmente ao *mos maiorum* e às tradições romanas (*Ático*, 18.1), que não eram dadas, mas disputadas e reconstruídas a partir dos novos eventos e personagens que se apresentavam ao escrutínio público. Ademais, como disserta Roller (2018, p. 15-16), apesar de eles serem únicos no seu contexto histórico de origem, tornaram-se "típicos" ao compartilhar com outros *exempla* predicados derivados de uma categoria moral específica, consoante as expectativas e experiências da sociedade romana. No exercício que realizamos com as biografias de Ático e Epaminondas, levamos em consideração essas semelhanças, em diálogo com a problemática que definimos para este estudo: analisar as tensões e disputas aristocráticas que permearam o período tardo-republicano (44-27).

Assim sendo, ao tratarmos individualmente cada uma das duas biografias nas páginas anteriores, tínhamos como intuito fornecer ao leitor informações que contribuíssem para um melhor aproveitamento da abordagem comparativa que propomos entre essas duas *Vidas*. Como depreende-se da discussão acima, os *exempla* podem exibir "uma face ou outra" a depender das circunstâncias em que são arrolados. Cornélio Nepos opera, assim, claras seleções dentro do material potencialmente disponível a ele (e já amplamente conhecido por grande parte do seu público), construindo, portanto, retratos. O biógrafo realiza essas seleções para que as *uitae* sejam compostas segundo as convenções do gênero textual (no caso, o biográfico), e também pelos instrumentos retóricos mobilizados pelo autor. Nesse sentido, infere-se que seus personagens compartilham uma série de características e qualidades morais que não eram, por si mesmas, inatas ou naturais.

Desse modo, uma vez que estes personagens são trazidos de seu contexto de origem e inseridos em um contexto inteiramente novo, eles estão sujeitos a receber distintos significados e interpretações. Noutros termos: importa agora interrogarmos de que forma a sociedade romana voltava-se para o passado helênico tendo em vista as questões vivenciadas em seu presente.

3.3 O *privatus* e o general: um exercício comparativo

Com isso em mente, seguimos para nossa investigação. Tomaremos como ponto de partida o artigo de Stem mencionado na Introdução, "*Shared virtues and the limits of relativism in Nepos' Epaminondas and Atticus*". Para tanto, recordemo-nos da afirmação do autor de que uma das práticas fundamentais da biografia antiga é "preencher" os feitos dos grandes homens com hábitos e virtudes pessoais que estão por trás dessas façanhas (Stem, 2010, p. 124), qualidades vinculadas, também, com a educação que cada personagem recebeu. Já tivemos a oportunidade de ressaltar que Nepos orienta seus leitores a não julgar os costumes de um homem de acordo com suas próprias normas culturais, sendo as virtudes morais e intelectuais de cada um o produto de inculcações individualmente bem-sucedidas de uma moralidade aparentemente normativa (Stem, 2010, p. 126).

Nesse sentido, a educação filosófica de Epaminondas torna-se relevante na narrativa porque ela evidencia sua lealdade e rigor, bem como o desejo de enfrentar desafios e inspirar seus colegas à virtude. Ático, por sua vez, também recebe instrução em filosofia, a qual influencia diretamente sua conduta, como escreve Cornélio Nepos: "Ele possuía os preceitos dos filósofos principais tão bem assimilados, que os utilizava para viver a vida, não para exibição" (*Ático*, 17.3)[127]. Não causa surpresa, porém, que Ático não tivesse recebido uma educação musical semelhante à do personagem tebano, embora o biógrafo mencione sua excelência na performance vocal (*summa suavitas oris atque vocis*, 1.3) e sua habilidade em recitar versos "tanto em grego como em latim tão perfeitamente que não podia se exigir mais" (*Item poemata pronuntiabat et Graece et Latine sic, ut supra nihil posset addi*, 4.1).

Assim sendo, quando Sula se encontrou com Ático na Grécia ao retornar da Ásia, este encantou-se com suas qualidades humanas e grande cultura, custando a deixar sua companhia ao dirigir-se a Roma (4.2). A relação entre Epaminondas e o pitagórico Lísis de Tarento, seu preceptor, deu-se em termos parecidos, a quem ele foi tão dedicado que, ainda jovem, preferiu na sua convivência um velho severo e austero a todos os seus companheiros de idade (*Epam*. 2.2). Ademais, lemos que o tebano não abandonou os estudos até superar em conhecimento todos os seus codiscípulos, de modo que somos conduzidos a pensar que a dedicação que este depreendeu sobre sua formação, para o autor, prenunciou sua proeminência política na cidade.

Assim, concordamos com Stem (2010, p. 129) de que a decisão de Cornélio Nepos de incluir na narrativa esses detalhes a respeito da instrução de seus biografados demonstra que,

---

[127] *Principum philosopho rum ita percepta habuit praecepta, ut iis ad vitam agendam, non ad ostenta tionem uteretur*.

em alguma medida, ele acreditava que eles poderiam revelar algo sobre o caráter de cada um, e que o leitor, por sua vez, estaria inclinado a reconhecer a importância desses aspectos.

Por conseguinte, observamos que na *Vida* de Epaminondas, após o relato sobre sua educação, o autor segue para a apresentação de suas virtudes morais, afirmando que o biografado era

> um homem de grande modéstia, previdente, sério, e que sabia tirar proveito das circunstâncias; hábil na arte da guerra, valoroso, e da grande inteireza de espírito; tão amante da verdade que não mentia nem brincando. Sabia reprimir bem suas paixões; bondoso e sofrido até o ponto de produzir admiração; tolerante com as afrontas que tanto o povo como seus amigos o inferiam; acima de tudo, nunca revelava um segredo e, coisa não menos útil que as vezes ser eloquente, sabia escutar, pois segundo ele, assim se aprendia mais facilmente (Nepos, *Epam*., 3.1-2)[128].

Ao realizarmos um paralelo com a biografia de Ático, notamos que as seções 13-17 dedicam-se inteiramente a narrar suas virtudes de caráter, destacando sua moderação e simplicidade de vida, e.g., "e ainda que fosse um homem de dinheiro, foi menos dado a comprar e a edificar do que ninguém" (*Nam cum esset pecuniosus, nemo illo minus fuit emax, minus aedificator*, 13.1). Em acréscimo, diferentemente de Epaminondas, o personagem não empunhou armas, embora sua capacidade em fazê-lo seja confirmada, pelo menos, em duas passagens[129], o que sugere, portanto, que ele não seguia inteiramente os ditames dos *mores maiorum*, que pressupunha a obrigação de desempenhar funções públicas, apesar da caracterização positiva do biografado.

Outra semelhança, em diálogo com o excerto acima, é a de que Ático também "não dizia mentiras nem podia as tolerar, e assim, sua civilidade não era desprovida de severidade nem sua seriedade de afabilidade" (*Mendacium neque dicebat neque pati poterat. Itaque eius comitas non sine severitate erat neque gravitas sine facilitate*, 15.1). Enfim, há ainda outros elementos que aproximam as biografias e que discutiremos a seguir. Convém destacar, antes disso, que apesar das diferenças culturais entre os personagens, como a habilidade em música

---

[128] *Erat enim modestus, prudens, gravis, temporibus sapienter utens, peritus belli, fortis manu, animo máximo, adeo veritatis diligens, ut ne ioco quidem mentiretur. Idem continens, clemens patiensque admirandum in modum, non solum populi, sed etiam amicorum ferens iniurias; in primis commissa celans, quod interdum non minus prodest quam diserte dicere, studiosus audiendi: ex hoc enim facillime disci arbitrabatur*.

[129] "Não queiras, peço-te", disse Pompônio, [dirigindo-se a Sula] "levar-me contra aqueles por quem deixei a Itália para não pegar em armas contra ti" ('*Noli, oro te*', *inquit Pomponius* '*adversum eos me velle ducere, cum quibus ne contra te arma ferrem, Italiam reliqui*', 4.2); "Tinha Ático uns sessenta anos quando começou a guerra civil provocada por César. Se aproveitou da isenção que permitia sua idade e permaneceu em Roma" (*Incidit Caesarianum civile bellum, cum haberet annos circiter sexaginta. Usus est aetatis vacatione neque se quoquam movit ex urbe*, 7.1-2).

e dança, Epaminondas não parece possuir um caráter moral que parecesse estranho (*foreign*) para Ático (Stem, 2010, p. 130-131).

Ademais, uma das condições de possibilidade para o desenvolvimento do *exemplum* consiste em conceber o passado como "próximo" e facilmente acessível ao presente (Roller, 2018, p. 17-18). Desse modo, diminuindo retoricamente essa distância, outros cursos de ação possíveis podem ser apresentados como sancionados por precedentes exemplares. Tal perspectiva pressupõe que, assim como outrora, as ações no presente adquiririam significados semelhantes para o público futuro, imbuindo a exemplaridade de uma "eterna compreensibilidade" e relevância que, por sua vez, teria implicações sobre a maneira pela qual o passado é interpretado.

Assim sendo, consideremos a questão do uso do dinheiro, que na leitura de Cornélio Nepos, revela cabalmente a integridade e o caráter de seus personagens. Em linhas gerais, para ambos os homens, o valor do dinheiro não está necessariamente em si mesmo, mas nas realizações que ele torna possível, frequentemente traduzidas em auxílio aos amigos, como vimos anteriormente. Nesse sentido, o autor ilustra esta perspectiva a partir de uma anedota na qual destaca a capacidade de Epaminondas em reunir recursos juntamente com seus concidadãos sempre que algum deles precisava pagar por um resgate ou dote (3.5-6). Além disso, a prudência financeira do biografado e seu desprendimento com relação ao dinheiro são apresentados nos seguintes termos:

> Sua pobreza não lhe produziu sofrimento algum, pois do Estado não recebeu outra coisa senão a glória, não necessitava da proteção de seus amigos para sobreviver as suas necessidades. Em troca, ao tratar de ajudar os outros, lhe infundiram tal confiança que se podia pensar que tudo era propriedade comum dele e de seus amigos (Nepos, *Epam*., 3.4)[130].

Como podemos notar, o tebano não recebeu outra coisa de sua cidade senão a glória, e seus bens e propriedades, em razão da confiança que conquistou junto a seus concidadãos por meio de suas boas ações, fundiu-se com os deles, formando um patrimônio comum entre ele e sua pátria. No capítulo anterior desta dissertação, observamos que Ático, por exemplo, se recusa a financiar um erário privado para os assassinos de César (*Ático*, 8.3-4)[131], evidenciando o que poderíamos interpretar como um uso "adequado do dinheiro". Igualmente, na *Vida* de Epaminondas encontramos anedota semelhante, na ocasião em que o personagem reprime

---

[130] *Paupertatem adeo facile perpessus est, ut de re publica nihil praeter gloriam ceperit. Amicorum in se tuendo caruit facultatibus, fide ad alios sublevandos saepe sic usus est, ut iudicari possit omnia ei cum amicis fuisse communia.*

[131] Cf. acima, páginas 66-67.

categoricamente uma tentativa de suborno por parte de Diomedonte de Cízico que a realiza a rogo do rei persa Artaxerxes (*Epam*, 4.1). Relata Cornélio Nepos:

> Mas aquele grande homem, se apresentando ante o próprio Diomedonte, lhe disse: 'Não há necessidade alguma de dinheiro; mas se o rei quer algo que seja útil aos tebanos, estou disposto a fazê-lo gratuitamente; se, pelo contrário, seus desejos são contrários (ao interesse de) minha pátria, não tem ouro nem prata suficiente (para fazer me cumprir). Porque prefiro o amor a minha pátria do que todo o dinheiro do mundo (Nepos, *Epam*., 4.2-3)[132].

Nesse sentido, alguns aspectos do caráter e virtudes de seus biografados não são exibidos necessariamente no campo de batalha, embora se trate de comandantes militares, mas sim em conversas privadas e no uso próprio do dinheiro, colocando sua cidade sempre à frente de seus interesses pessoais (Stem, 2012, p. 168). Assim sendo, no que diz respeito a Ático, este é representado repetidamente como moderado e escrupuloso nos assuntos financeiros, tanto próprios (2.3; 4.3; 7.3; 13–14) quanto dos de seus amigos (2.4–6; 9.4–5; 12.2; 15) (Stem, 2010, p. 131).

Desse modo, consoante o objetivo do autor de escrever *uitae*, não nos causa surpresa que a narrativa sobre grandes batalhas e eventos similares permaneçam nos bastidores (Beneker, 2009, p. 118). A batalha de Maratona (490), por exemplo, é reduzida a poucas linhas, de modo a enfatizar o caráter dos atenienses:

> Neste combate os atenienses se mostraram tão superiores em valor, que derrotaram um número de inimigos dez vezes superior, produzindo entre eles tal pânico, que os persas se precipitaram não em direção ao seu acampamento, mas de seus navios. Nenhuma batalha até hoje foi mais gloriosa do que essa. Jamais um exército tão reduzido derrotou forças tão poderosas (Nepos, *Milt*., 5.5)[133].

No que se refere à batalha de Leuctra (371), o conflito mais importante que Epaminondas liderou e que tornou o seu nome célebre na Antiguidade greco-romana (Beneker, 2009, p. 119), verifica-se que não há uma narrativa direta sobre ela, embora a glória advinda dessa vitória seja invocada ao menos três vezes (5.5; 8.3; 10.1-2) – além do fato de que o discurso que o personagem dirigiu a seus soldados antes do confronto ter sido veementemente louvado (6.4) (Stem, 2010, p. 128).

---

[132] *At ille Diomedonti coram 'Nihil' inquit 'opus pecunia est. Nam si rex ea vult, quae Thebanis sunt utilia, gratis facere sum paratus; sin autem contraria, non habet auri atque argenti satis. Namque orbis terrarum divitias accipere nolo pro patriae caritate*.

[133] *In quo tanto plus virtute valuerunt Athenienses, ut decemplicem numerum hostium profligarint adeoque perterruerint, ut Persae non castra, sed naves petierint. Qua pugna nihil adhuc exstitit nobilius; nulla enim umquam tam exigua manus tantas opes prostravit.*

Essa passagem evidencia, dentre outros, o método biográfico de Cornélio Nepos e sua percepção enquanto escritor. É possível depreender, a partir do que expusemos, que os atos de seus biografados resultam e podem ser explicados por suas qualidades de caráter, um dos motivos pelos quais o autor enfatiza a educação que cada um recebeu e o papel da filosofia para a consolidação de um comportamento virtuoso (*Epam*. 2.2; *Ático*, 17.5). Por seu turno, mesmo não possuindo os mesmos predicados militares e políticos que Epaminondas, Ático se enquadra como um "grande homem" porque ele respondia aos eventos de sua vida de um modo que reforçava os princípios morais íntegros pelos quais ele havia formado seu caráter (Stem, 2010, p. 133).

Com isso, nota-se muito claramente a construção da narrativa como retrato. A matéria é selecionada para ressaltar os traços dos biografados que sirvam aos interesses persuasivos do autor. Assim, os eventos militares são retirados do centro da cena, permitindo que ficassem em evidência a formação intelectual, especialmente filosófica, as relações privadas, como a constituição de uma comunidade de amigos com base em relações éticas e morais afastadas da corrupção e do autointeresse, o equilíbrio na gestão da riqueza, a qual era articulada a favor destes últimos por seus méritos, sem promover os vícios ou as facções em disputas na cidade.

Nesse sentido, a proposta comparativa de Cornélio Nepos exige um terreno comum, que é construído deliberadamente pelo autor, no qual seus biografados possam ser diretamente comparados. Assim, é a partir de uma perspectiva ética que o biógrafo disponibiliza ao leitor exemplos de conduta moral a serem imitados ou evitados. Neste sentido, para que semelhante *modus operandi* suscite o efeito desejado, é necessário, de acordo com Stem (2012, p. 140), que a definição de vícios e virtudes permaneça relativamente estável ao longo de diversos períodos históricos, para que seu público possa aplicar tais "lições morais", por assim dizer, às circunstâncias de seu presente; noutros termos: "*what Nepos' exemplary discourse requires, in sum, is the acceptance of cultural relativism and the rejection of moral relativism. The virtues have to be timeless, but the contexts that inculcate them must be variable*".

Nesse sentido, a história exemplar enfatiza que as qualidades de caráter inerentes à natureza humana são constantes no decorrer do tempo e presentes em cada indivíduo. Entretanto, simultaneamente, elas implicam em determinada redução da complexidade histórica, considerando que seus objetivos são essencialmente didáticos e moralizantes. Por conseguinte, como as próprias virtudes são admitidas como "atemporais", elas não exigem, necessariamente, definição formal ou discussão detalhada, podendo aparecer, em muitos casos,

sem muita elaboração, como se nota na *Vida* de Epaminondas, 3.1-2[134]. Assim, é possível arguir que o interesse de Cornélio Nepos reside na importância ética de dado evento, e não em sua "historicidade estrita".

Diante disso, consideremos as biografias de Epaminondas, Pelópidas e Agesilau. Como observamos anteriormente, o biógrafo enfaticamente reprova o fratricídio, mas isso não acontece na *Vida* de Pelópidas (*ad inimicos opprimendos civitatemque liberandam*, 2.2), uma vez que é somente por meio do assassinato daqueles tebanos partidários dos espartanos que é possível libertar Tebas do jugo estrangeiro. O biografado aceita esse preço e não é desmoralizado por isso, enquanto Epaminondas permanece em sua residência, sem se envolver no conflito (*quamdiu facta est caedes civium, domo se tenuit, quod neque malos defendere volebat neque impugnare, ne manus suorum sanguine cruentaret.* 10.3).

A batalha de Leucra (371) é apresentada na *Vida* deste último, então, como um ato de libertação de toda a Grécia (*Epam*., 5.6), e só se tornou possível, em grande medida, pelas ações perpetradas por Pelópidas que assinalamos acima; na leitura de Stem (2012, p. 195), essa história nos revela, dentre outras coisas, "*the value of resisting tyranny, even at the price of the blood of your own citizens, and demonstrates, for Nepos, the fundamental moral superiority of liberators over oppressors*". Diante disso, podemos arguir que Epaminondas só deixa sua casa para pegar em armas quando pode confirmar com segurança que os tebanos responsáveis por sustentar a tirania estavam mortos e que a luta seria contra a guarnição espartana.

Assim, episódios como esses nos revelam, em especial, os artifícios retóricos empregados por Cornélio Nepos, uma vez que ele reconhece que as ações dessas grandes personalidades, do ponto de vista exemplar, não são uniformes, mas antes, ditadas pela maneira pela qual são enquadradas pelos autores que as relatam (Stem, 2012, p. 198). Além disso, nem sempre é possível tirar lições absolutas (*abolute lessons*) dos eventos narrados, como bem exemplifica Stem (2012, p. 200), "*klling fellow citizens and retaining power illegally are traditionally the acts of tyrants, yet it is liberating to kill fellow citizens who are tyrants, and it is prudent to defy the law to save an army*". No que diz respeito à biografia de Agesilau, a qual fizemos menção anteriormente, verifica-se que o personagem é caracterizado em termos positivos, imagem alcançada, dentre outros, pela omissão de qualquer envolvimento deste com as atividades de Esparta na Grécia neste período que provocaram a oposição grega.

Assim, o que importa, em linhas gerais, são as qualidades individuais de caráter dos biografados, sendo as virtudes morais, portanto, louvadas onde quer que elas ocorram. Como

[134] Citada na íntegra na página 101 desta dissertação.

observamos, Cornélio Nepos não se limita a um lado do conflito (i.e., entre Tebas e Esparta), mesmo que um lado apresente explícita vantagem moral e política; consequentemente, o homem que se distingue em valor, independentemente de sua cidade e das vicissitudes políticas em que esta última está envolvida, pode ser tomado como um exemplo digno de emulação (Stem, 2012, p. 227). Nesse sentido, como elemento unificador entre distintos personagens e momentos históricos, encontra-se o patriotismo, "*a virtue not to be relativized but to be celebrated as culturally transcendent and morally good*". Ou seja, infere-se que a perspectiva política, no âmbito da obra do biógrafo, está condicionada a uma perspectiva moral associada às tradições romanas e ao *mos maiorum*.

Diante disso, cabe o esclarecimento de que havia distintos tempos históricos que, por sua vez, exigiam posturas variadas por parte dos sujeitos. Logo, não era possível, agir prescritivamente de acordo com determinados costumes. Estas diferentes temporalidades, então, se conectam e se constroem mutuamente, de modo que Tebas e Roma, por exemplo, convergem, mas não se confundem, ainda que unidas por uma mesma tradição intelectual caracterizada por uma grande diversidade. Nesse sentido, as tradições romanas e o *mos maiorum* podem assumir configurações muito diferentes, ou até mesmo opostas; consequentemente, os retratos elaborados por Cornélio Nepos colocavam em disputa os muitos possíveis entendimentos do que seriam os vícios (a serem evitados) e as virtudes (a serem emuladas). A representação positiva referente a Ático, nessa perspectiva, era fruto das ferramentas retóricas manipuladas pelo biógrafo, que, como observamos, não se davam de maneira passiva ou meramente responsiva.

Por fim, como sintetiza Stem (2012, p. 228-229)

> *Epaminondas is exemplary for his ambitious preeminence, while Agesilaus is exemplary for his conservative obedience. Pelopidas will sacrifice clean hands to liberate his city, and Epaminondas will sacrifice the legality of his command to achieve its ultimate goal.*

Os exemplos morais, nessa leitura, manifestam-se em circunstâncias políticas determinadas que, em muitos casos, exigem o sacrifício de algumas virtudes para ressaltar outras. É em situações como essas que o biógrafo demonstra sua inventividade e suas estratégias, diante do desafio de oferecer uma compreensão moral específica de seu biografado - compreensão esta indissociável de um contexto particular que lhe confira certo "suporte histórico". Desse modo, em razão da complexidade dessas conjunturas, nenhum exemplo pode

ser tomado como resposta definitiva para um problema político ou moral, além disso, todos os *exempla* desempenham um papel social e não estão restritos a uma única interpretação.

Convém recordar, ademais, que uma compreensão adequada do *De Viris Illustribus* perpassa pelo reconhecimento da relevância dessas *Vidas* de generais não romanos para as turbulências e instabilidade política das últimas décadas da República (Stem, 2012, p. 229). Dessa maneira, as biografias de Cornélio Nepos constituem um repertório de condutas potencialmente aplicáveis às crises do presente e sugerem um caminho que contribui para o deslocamento da glória conquistada a partir do nascimento e das magistraturas para a esfera das *uirtutes* privadas, possivelmente o último recurso diante da inaptidão das instituições republicanas frente à emergência de um novo ordenamento político centrado na figura do *Princeps* e uma sociedade corrompida que não se mostra capaz de reconhecer virtudes e está sempre pronta a destruir reputações por meio da afirmação de tiranias.

Considerações finais

A criação da biografia política por Cornélio Nepos, como vimos anteriormente, foi uma inovação importante para seu tempo. É a partir das *Vidas* deste autor que, na presente dissertação, direcionamos nosso olhar para as tensões e disputas aristocráticas que permearam a sociedade romana tardo-republicana, um período extremamente complexo marcado pela instabilidade política e profundas transformações sociais e culturais. Desta feita, balizamo-nos dentro de um recorte temporal definido (os anos entre 44 e 27) e apoiamo-nos em um aparato teórico-metodológico que reputamos adequado para a condução da pesquisa, o qual nos permitiu, portanto, realizar algumas reflexões, naturalmente passíveis de serem aprofundadas e complementadas em estudos futuros e novas abordagens.

Desse modo, convém recordarmo-nos de que, no âmbito do *De Viris Illustribus*, Cornélio Nepos dialoga diretamente com seus leitores, esforçando-se para assegurar que estes não avaliem negativamente os costumes de outros povos em comparação com o dos romanos (*Pref*. 1.1; *Epam*. 1.1) e, consequentemente, não realizem uma leitura equivocada do caráter e virtudes de seus personagens. Ademais, como discutimos ao longo deste trabalho, dentre os objetivos do autor, certamente estava o de interferir diretamente no cenário político republicano por meio da veiculação de exemplos de conduta moral caracterizados por ressaltar as tradições romanas e, principalmente, respeitar as leis da *res publica*. Por outro lado, os generais representados por Cornélio Nepos que seguiam uma conduta viciosa, são retratados mediante comportamentos tirânicos e por agirem motivados por interesses privados.

Desse modo, faz-se imprescindível considerarmos a conjuntura histórica na qual as biografias de Cornélio Nepos foram escritas. Como discutimos no Capítulo II, as últimas décadas da República romana foram marcadas por grandes mudanças nas relações sociais, pela intensificação das tensões e disputas aristocráticas, pela instabilidade sociopolítica e, não menos importante, pelo esgotamento de um modelo político que se tornou obsoleto, particularmente em razão das novas dimensões territoriais de Roma. Por conseguinte, dadas essas circunstâncias, fez-se necessário, dentre outros elementos, um poder centralizado que fosse capaz de gerenciar uma *res publica* com um território de proporções imperiais, situação que ligava-se com um processo no qual grandes personalidades militares do período, em função de seus serviços prestados à comunidade, considerando um cenário de guerras civis, concentravam

em suas mãos enormes poderes e *auctoritas*, e que com Caio Otávio (Augusto), em janeiro de 27, culminou no que conhecemos hoje como *Principado*.

Assim, ao situarmos historicamente a produção literária de Cornélio Nepos, percebemos mais claramente a sua importância para problematizarmos as vicissitudes da época. Noutros termos, o autor certamente reconheceu a impossibilidade de qualquer iniciativa no campo militar e político contra a preeminência destes generais bem-sucedidos, que poderiam perfeitamente tornar-se tiranos, comportamento veementemente rechaçado pelo biógrafo (*Timol*., 1.1-2), fato que pode tê-lo inspirado a elaborar biografias de caráter moral que ressaltassem uma conduta moderada e um inegociável compromisso com a República, entendida como uma comunidade de cidadãos intelectualmente bem formados e eticamente orientados para o bem-comum. Ao mesmo tempo, exortava seus companheiros a perseguirem esse ideal distante/inalcançável, preparando-os para viver em um ambiente de competição e incertezas, além de equipá-los para avaliar criteriosamente o que pode ser bom (ou destrutivo) para si mesmos e para a cidade/humanidade – considerando que a cidade em questão seria, pois, "Roma".

A *Vida* de Epaminondas, como observamos no Capítulo III, reflete de modo particular essa perspectiva. Sendo o homem mais ilustre da Tebas do século IV, o personagem desobedeceu as leis de sua cidade em benefício da coletividade, de modo que, quando sua pátria se encontrava finalmente segura da ameaça externa representada por Esparta, o tebano submeteu-se a seus tribunais e assumiu integralmente a responsabilidade por seus atos (*Epam*., 8.2-5). No entanto, semelhante via de ação não poderia ser aplicável em todas as situações, no sentido de que os resultados não seriam sempre favoráveis. É preciso, antes de mais nada, que o tribunal ao qual o indivíduo se submeta agisse orientado pelo senso de justiça ou que o próprio acusado, como o fez o general tebano, infringisse a lei sob a justificativa de que salvaguardava a pátria e suas instituições. Diante da corrupção que permeava as relações políticas no período tardo-republicano, temporalidade que investigamos, esse problema se tornava ainda mais aparente – como seria possível ser julgado por magistrados viciosos e corrompidos?

Além disso, verifica-se que, a partir da biografia de Ático, o autor disponibilizou para seu público exemplos virtuosos de indivíduos que não se inseriam diretamente na esfera pública por meio do exercício de magistraturas e do *cursus honorum*, situando-o na relação entre a tradição e interesses filosóficos e literários, práticas que já se encontravam legitimadas entre as elites senatoriais. O modo de vida de Ático, ademais, é caracterizado pela simplicidade, embora elegante e próspera, distanciando-se de qualquer luxúria reprovável, mas sem seguir necessariamente a rigorosa parcimônia de Catão, o Velho.

Por fim, argumentamos que, no âmbito de sua série, Cornélio Nepos estabeleceu explícitas associações entre personalidade e poder político, alimentando uma perspectiva na qual as virtudes individuais seriam as responsáveis por resguardar a República da opressão de um tirano. Se o destino de Roma inevitavelmente se cruzaria com a vida de indivíduos excelsos, é legítimo pensar que o biógrafo procurou oferecer alternativas de sobrevivência e bom comportamento frente a uma situação de instabilidades e injustiças, e a partir do discurso literário, inseriu-se nas disputas aristocráticas e de significações no que diz respeito às tradições romanas e o *mos maiorum*, bem como, do que era culturalmente considerado digno de elogio ou vitupério. Evidencia-se, desse modo, que o biógrafo selecionou e organizou seu material segundo critérios atrelados à imagem (ou retrato) que desejava transmitir de seus biografados, a despeito da tradição que envolvia esses personagens, valendo-se, não obstante, de recursos retóricos e estilísticos.

A biografia política, portanto, pode ser considerada uma possível resposta para o problema de como remover (ou, ao menos, influenciar) os homens da cena pública que alcançaram demasiado poder político e militar sem utilizar necessariamente as usuais ferramentas republicanas, institucionais. A tirania, do ponto de vista do autor, inevitavelmente conduziria o indivíduo e a todos os seus partidários a um destino funesto e acarretaria ainda mais tormentos para a cidade de Roma. Por conseguinte, veicular exemplos de conduta caracterizados pelo respeito ao ordenamento legal e pela moderação, poderia ser uma estratégia eficaz em um contexto de crescente concentração do poder, enfatizando a importância da *libertas* como fundamento da *res publica*.

Referências

Documentais

APPIAN. **Roman History, Volume III**. Edited and translated by Brian McGing. Loeb Classical Library 4. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019.

AUSONIUS. **The works of Ausonius**. Edited with introduction and commentary by R.P.H. Green. Oxford: Clarendon Press, 1991.

CICERO. **De Inventione [On invention]**. Translated by C. D. Yonge. Edited by J. Robertson. 2002. (Kindle editon).

CICERO. **Letters to Quintus and Brutus; Letter fragments**. Tradução de D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

CÍCERO. **Letters to Atticus**. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1999. (Loeb Classical Library, 7).

CÍCERO. Carta I, 1 de Marco Túlio Cícero ao irmão Quinto. Tradução de Igor Moraes Santos. **Revice – Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 78-93, jun./dez. 2018.

CORNELIO NEPOTE. **Vidas**. Según las normas de la B. C. G., la traducción y notas de Juan Higueras Maldonado y Sánchez Pacheco. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

CORNÉLIO NEPOS. **Vidas de Epaminondas, Catão e Ático Fragmentos**. Introdução, tradução do latim e notas de Francisco Oliveira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2023.

CORNELIUS NEPOS. **The Book on the Great Generals of Foreign Nations**. With an English Translation by John C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. **As antiguidades romanas**: as origens de Roma e seu Império. Tradução de Marcelo Barbio Rosa. São José dos Campos: Clube de autores, 2025.

LIVY. **Livy, with an English translation in fourteen volumes**. I, Books I and II. Translated by B. O. Foster. Cambridge (MA): Harvard University Press; London: Heinemann, 1988. (Loeb Classical Library).

PLÍNIO, O VELHO. *Naturalis Historia*. Livro III. Trad. e ed. conforme versão latina original. Disponível em: https://la.wikisource.org/wiki/Naturalis_Historia. Acesso em: 1 nov. 2025.

POLÍBIO. **História**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1985.

SALÚSTIO. **Conjuración de Catilina, Guerra de Jugurta y Fragmentos de las Historias**. Madrid: Editorial Gredos. 1997.

SCATOLIN, Adriano. Tradução de *Ad familiares* 5, 12II de Marco Túlio Cícero. **Língua e Literatura**, São Paulo, v. 27, p. 399-408, 2003.

XENOFONTE. **Agesilaus**. Tradução de Edgar Cardew Marchant. *In*: TOPOSTEXT. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: https://topostext.org/work/97. Acesso em: 24 maio. 2026.

Bibliográficas

ALFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

AMBROSIO, Renato. ***De rationibus exordiendi***. Função e elaboração dos exórdios de Cornélio Nepos e Salústio Crispo. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ANTIQUEIRA, Moisés. ***Moderatio tuendae libertatis***: moderação, *exempla* e poder na história de Tito Lívio (Livro III). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

ANTIQUEIRA, Moisés. **O Império romano de Aurélio Vítor**. 2012. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

AZEVEDO, Sarah F. L. **História, retórica e mulheres no Império Romano**: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012.

BALMACEDA, Catalina. Exemplary history: competition in roman historiography. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 12, n. 29, p. 69-95, 2019.

BARRIONUEVO, Sergio. 'Intelectuales' en el mundo antiguo. Notas sobre un concepto histórico. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual**, año 7, n° 9, 2016, p. 1-16. ISSN: 1853-7049. http://revistas.unc.edu.ar/index.php/anuariohistoria. Acesso em: 18 abr. 2026.

BENEKER, Jeffrey. Nepos' Biographical Method in the Lives of Foreign Generals. **The Classial Journal**, Vol. 105, No. 2, dec. 2009, p. 109-121

BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. *In*: BLOCH, Marc. **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998. p. 119-150.

BORGES, Vavy P. Grandezas e misérias da biografia. *In*.: PINSKY, Carla B. *et al*. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 203-233.

BRUNT, Peter A. 'Amicitia' in the Late Roman Republic. **The Classical Journal**, Cambridge, v. 11, p. 1-20, 1965.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARMINATI, Luis Henrique. **As Moedas da Década de 80 a.C. na República Romana**: monumentalização, memória, comunicação e poder. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11**,** p. 173-191, 1991.

COELHO, Ana L. S. **As *Metamorfoses* de Nero**: um estudo da construção da tradição literária sobre o último Júlio-Cláudio e o seu Principado (I-III d.C.). 2021. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: leitura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

CONRADI, Carla C. N. Entre maternidade e dilemas subjetivos: a experiência política de Teresa Urban - Paraná (1964-1985). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 21, n. 2, p. 407-431, 2016.

COUDRY, Marianne. The Senate. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew. (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2022. p. 206-219.

DAVENPORT, Caillan. **A history of the Roman equestrian order**. Cambridge: University Press, 2019.

DIBBERN, Cinthia H. **O êthos de Aníbal em Tito Lívio e Cornélio Nepos**: imagines. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DIONISOTTI, Anna C. Nepos and the generals. **The Journal of Roman Studies**, London, v. 78, p. 35-49, 1988.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

DUPLÁ ANSUÁTEGUI, Antonio. Interpretaciones de la crisis tardorrepublicana: del conflicto social a la articulación del consenso. **Studia Historica: Historia Antigua**, Salamanca, v. 25, p. 185-201, 2007.

DUPLÁ ANSUÁTEGUI, Antonio. La «Constitución Romana» como mecanismo de inclusión y exclusión. Studia Historica: **Studia Historica: Historia Antigua**, Salamanca, v. 26, p. 21-38, 2008.

EHRHARDT, Marcos L; ANTIQUEIRA, Moisés. Apresentação do Dossiê Intelectuais e Poder Político na Antiguidade. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 30, p. 8-10, 2014.

EHRHARDT, Marcos L. **O arquiteto do social**: Sêneca e a construção de modelos para a sociedade romana nos tempos do principado a partir da *Historia Magistra Vitae*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

ENGEL, Niklas. Corruption and the Public Sphere in Late Republican Rome. **Cultural History**, Edinburgh, v. 13, n. 1, p. 12-28, 2024. DOI: https://doi.org/10.3366/cult.2024.0294.

FAVERSANI, Fabio. Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como *allelopoiesis*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, **v. 13**, n. 33. p. 375-395, 2020.

FAVERSANI, Fabio. La construcción de la deshonra romana, elementos para la comprensión de la construcción de malas reputaciones en la (y partir de la) Antigüedad romana. **Pasado Abierto**, Mar del Plata, n. 19, p. 252-268, enero-junio 2014.

FAVERSANI, Fabio. Entre a República e o Império: multiplicidade de fronteiras. **Mare Nostrum**, n. 4, p. 146-152, 2013.

FAVERSANI, Fabio; JOLY, Fábio D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de *allelopoiesis*. **PHOÎNIX**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 27-110, 2021.

FAVERSANI, Fabio; JOLY, Fábio D. Tácito, sua vida de Agrícola, e a competição aristocrática no Alto Império Romano. **Mnemosine**, Campina Grande, v. 4, p. 133-147, 2013.

FAVERSANI, Fabio; JOLY, Fábio. Comentário a "Entre a República e o Império: apontamentos sobre a amplitude desta fronteira", de Fábio Faversani. *In*: **Mare Nostrum: Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo**, 2013, n. 4, p. 115-117.

FUNARI, Pedro P. A. **Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

FUNARI, Pedro. P.A. **Grécia e Roma**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002,

GEIGER, Joseph. **Cornelius Nepos and ancient political biography**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1985.

GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal. La Republica Tardia: cesarianos e pompeyanos. **Akal Historia del Mvndo Antigvo**, 44 Roma. Madrid: Ediciones Akal, 1990. p. 7-63.

HORSFALL, Nicholas. Prose and mime. *In:* KENNEY, Edward J; CLAUSEN, Wendell V. (eds.). **The Cambridge history of classical literature**, vol. 2. Cambridge: University Press, 1982. p. 286-294; 842-846.

HORSFALL, Nicholas. **Cornelius Nepos: a selection, including the lives of Cato and Atticus**. New York: Oxford University Press, 1989

IPIRANGA JÚNIOR, Pedro. Bíos e hibridização: biografia cristã e pagã. **Classica (Brasil)**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 90-101, 2008.

JÁNOS, Erdödy. *Utilitas* as the delineation of the common good in Roman Law. **Pázmány Law Working Papers**. Budapest, v. 5, n. 18, p. 1-7, 2014.

JAY, Martin. Historical explanation and the event: reflections on the limits of contextualization. **New Literary History**, New York, n. 42, p. 557-571, 2011.

KAGAN, Donald. **A Guerra do Peloponeso**: novas perspectivas sobre o mais trágico confronto da Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. *In*: PALTI, Elías J. (ed.). "**Giro linguístico" e História Intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-292.

LIMA, Danielle C. **Gênero biográfico e historiográfico na Roma Antiga**: os testemunhos das fontes e a obra de Suetônio e Tácito. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

LINDSAY, Hugh. The biography of Atticus: Cornelius Nepos on the philosophical and ethical background of Pomponius Atticus. **Latomus**, Bruxelles, v. 57, n. 2, p. 324-336, 1998.

LOBUR. John A. **Cornelius Nepos**: a study in the evidence and influence. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2021.

LOPES, Marco A. História Intelectual: variações de gênero e convivência de paradigmas. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 23-30, 2015.

LORD, L. E. The biographical interests of Nepos. **The Classical Journal**, Cambridge, v. 22, n. 7, p. 498-503, 1927.

MANTAS, Vasco. Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula. *In*: BRANDÃO, José L; OLIVEIRA, Francisco (coord.). **História de Roma Antiga, volume I**: das origens à morte de César. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 313-361.

MARKY, Thomas. **Curso elementar de Direito Romano**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

MARTINS, Caroline M. ***Exempla* e *memoria***: a construção de um repertório de personagens femininas em Tito Lívio e Tácito. 2023. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2023.

MARTINS, Paulo. Implementando Apontamentos à Tenuíssima Divisa entre República e Império Romano. **Mare Nostrum: Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo**, 2013, n. 4, p. 118-125.

MARINCOLA, John. Ancient audiences and cxpectations. *In*.: FELDHERR, Andrew (ed.) **The Cambridge companion to the Roman historians**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2009. p. 11-23.

MELLOR, Ronald. **The Roman historians**. London; New York: Routledge, 2014.

MENDES, Norma M. O sistema político do Principado. *In*: MENDES, Norma. M.; SILVA, Gilvan V. da (org.). **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 21-51.

MERRICK, William, H. **Cornelius Nepos: fortune, biography, and the late Roman Republic**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade do Arkansas, Fayetteville, 2025. Disponível em: https://scholarworks.uark.edu/histuht/20. Acesso em: 01 de maio de 2026.

MILLAR, Fergus. Cornelius Nepos, 'Atticus' and the Roman Revolution. **Greece & Rome**, Cambridge, v. 35, p. 40-44, 1988.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The development of Greek biography**. London: Harvard University Press, 1993.

MONTEIRO, João G. Expansão no Mediterrâneo. *In*: BRANDÃO, J. L; OLIVEIRA, F. (coord.). **História de Roma Antiga, volume I**: das origens à morte de César. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 145-231.

MOURITSEN, Henrik. **The Freedman in the Roman World**. Cambrige: Cambridge University Press, 2011.

NICGORSKI, Walter J. Cicero: in and above the Republic's political culture. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2022. p. 125-135.

OLIVEIRA, Francisco. Consequências da expansão romana. *In*: BRANDÃO, José L; OLIVEIRA, Francisco. (coord.). **História de Roma Antiga, volume I**: das origens à morte de César. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 233-311.

OLIVEIRA, Francisco. *Et manu fortis et consilii plenus.* Valores Militares e Civis nas Vidas de Cornélio Nepos. *In*: SOARES, Carmen; IERANÒ, Giorgio; LESSA, Fábio de S. (coord.). "**Com mãos se faz a paz se faz a guerra"**: homenagem a Maria do Céu Fialho. vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025. p. 109-147.

PINA POLO, Francisco. Imperator and politician: the consul as the highest magistrate of the Republic. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2022. p. 248-259.

PINHEIRO, Joaquim. Apontamentos sobre a evolução da biografia na Antiguidade Clássica. *In*: BRANDÃO José. L. *et al*. (coord.). **Biografia e identidade no Império Romano**. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2024. p. 15-38.

PRYZWANSKY, Molly, M. Cornelius Nepos: Key Issues and Critical Approaches. **The Classical Journal**, Vol. 105, No.2, 2009, p. 97-108.

REBENICH, Stefan. Theodor Mommsen's *History of Rome* and its political and intellectual context. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2022. p. 81-92.

RICOEUR, Paul. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. *In*: RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus, 1997. p. 180-216.

ROLLER, Matthew B. **Models from past in Roman Culture**: a world of exempla. Cambridge: University Press, 2018.

ROSENBLITT, Jane A. Sallust. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley Blackwell, 2022. p. 136-145.

ROSENSTEIN, Nathan. Armies and political culture. *In*: ARENA, Valentina; PRAG, Jonathan; STILES, Andrew (eds.). **The political culture of the Roman Republic**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2022. p. 236-247.

SANT'ANNA, Henrique M. "*Nunquam ex malo patre bona filia*": a questão sucessória no principado de Augusto. *In*: CAMPOS, Carlos E. da C.; CANDIDO, Maria R. (org.). **Caesar Augustus**: entre práticas e representações. Vitória; Rio de Janeiro: DLL-UFES; UERJ-NEA, 2014. p. 285-295.

SAUER, Jochen. Werte und soziale Rollen in der Atticus-Vita des Cornelius Nepos. *In*: HALTENHOFF, Andreas; HEIL, Andreas; MUTSCHLER, Fritz-Heiner (Hrgg.). **Römische Werte und römische Literatur im frühen Prinzipat**. Berlin: de Gruyter, 2011. p. 113-144.

SCHNEIDER, Maridien. Cicero's Period of Governorship in Cilicia. *In*: _____. Cicero 'Haruspex': Political Prognostication and the Viscera of a Deceased Body Politic. Piscataway: Gorgias Press LLC, 2013, p. 85-104.

SILVA, Daniela B. **Tempo e memória em *Bellum Catilinae* e *Bellum Iugurthinum* de Caio Salústio Crispo**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2014.

SILVA, Uiran G. A escrita biográfica na Antiguidade: uma tradição incerta. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 67-81, 2008.

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the History of Ideas. *In*: SKINNER, Quentin. **Visions of Politics**. Londres: Cambridge University Press, 2001, vol. I. p. 57-89.

STADTER, Philip. Biography and History. *In*: MARINCOLA, John. (org.). **A companion to Greek and Roman Historiography**. Malden: Blackwell Publishing, 2007. vol. 2. p. 528-540.

STADTER, Philip. The proems of Plutarch's Lives. **Illinois Classical Studies**, Champaign, v. 13, p. 275-295, 1988.

STEM, Rex. Nepos' Atticus as a biography of friendship. *In*: DEROUX, Carl (ed.). **Studies in Latin Literature and Roman History XII**. Bruxelles: Latomus, 2005. p. 115-129.

STEM. Rex. Shared virtues and the limits of relativism in Nepos' Epaminondas and Atticus. **The Classical Journal**, Cambridge, v. 105, n. 2, p. 123-136, 2010.

STEM, Rex. **The political biographies of Cornelius Nepos**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2012.

TEIXEIRA, Cláudia. História e a sua construção na História Augusta: alguns pressupostos. *In*: BRANDÃO, José L *et al*. (coord.). **Biografia e identidade no Império Romano**. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, 2024. p. 73-98

TOHER, Mark. Augustus and the evolution of Roman Historiography. *In*: RAAFLAUB, Kurt A.; TOHER, Mark (org.). **Between republic and empire**: interpretations of Augustus and his principate. 2nd. ed. Berkeley: University of California Press, 2023. p. 139-154.

VIEIRA, Carlos E. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 16, p. 65-85, 2008.

WALLACE-HADRILL, Andrew. Mutatio morum: the idea of a cultural revolution. In: HABINEK, T. & SCHIESARO, A. (ed.). **The Roman Cultural Revolution**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.

WIEDEMANN, Thomas. Reflections of Roman political thought in Latin historical writing. *In*: ROWE, Christopher (ed.). **The Cambridge history of Greek and Roman political thought**. Cambridge: University Press, 2008, p. 517-531.

WISEMAN, Timothy P. **Clio's Cosmetics**: three studies in Greco-Roman literature. Leicester: Leicester University Press, 1979.